



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JANAINA RODRIGUES PITAS

**PATRIMÔNIO CULTURAL NO ÂMBITO ESCOLAR NO
MUNICÍPIO DE PRIMAVERA DO LESTE/MT (1990-2012):
ENTRE A EXPERIÊNCIA E O INSTITUCIONAL**

JANAINA RODRIGUES PITAS

**PATRIMÔNIO CULTURAL NO ÂMBITO ESCOLAR NO
MUNICÍPIO DE PRIMAVERA DO LESTE/MT (1990-2012):
ENTRE A EXPERIÊNCIA E O INSTITUCIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em Culturas, Representações e Religiosidades.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cláudia Eliane P. Marques Martinez.

Londrina
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca
Central da Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P681p Pitas, Janaina Rodrigues.

Patrimônio cultural no âmbito escolar no município de Primavera do Leste/MT (1990-2012): entre a experiência e o institucional / Janaina Rodrigues Pitas. – Londrina, 2013.
163 f.: il.

Orientador: Cláudia Eliane P. Marques Martinez.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Patrimônio cultural – Mato Grosso – Teses. 2. Cultura – Estudo e ensino – Mato Grosso – Teses. 3. História social – Teses. I. Martinez, Cláudia Eliane P. Marques. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

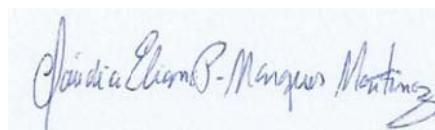
CDU 930.1:719(817.2)

JANAINA RODRIGUES PITAS

**PATRIMÔNIO CULTURAL NO ÂMBITO ESCOLAR NO MUNICÍPIO
DE PRIMAVERA DO LESTE/MT (1990-2012):
ENTRE A EXPERIÊNCIA E O INSTITUCIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em Culturas, Representações e Religiosidades.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Cláudia Eliane P. Marques Martinez
UEL – Londrina - PR

Profª Drª Célia Reis Camargo
UNESP – São Paulo - SP

Profª Drª Ana Heloísa Molina
UEL – Londrina - PR

Londrina, 3 de maio de 2013.

Aos professores que encantam seus alunos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me dar saúde e inquietação, sem esses dois elementos este trabalho não seria realizado.

Agradeço a minha mãe, por respeitar e apoiar meus sonhos.

Aos meus sobrinhos, Vitória, Verônica e Vinicius, que sempre me saudaram com abraços e sorrisos.

Às minhas amigas do Mato Grosso, Josileide, Gleibiane, Kelly e Marilda, as quais acompanharam, incentivaram o meu processo de pesquisa e me ajudaram a aliviar as angústias.

Aos colegas de trabalho do CEFAPRO-PVA/SEDUC-MT, que trabalharam para que todos os encaminhamentos legais e pessoais fossem realizados, em especial os amigos Gesualdo e Idse.

Agradeço à Professora Cláudia pela sua orientação extraordinária, sempre comprometida à pesquisa.

Obrigada às professoras Ana Heloísa e Zueleide pelos incentivos e recomendações ao meu trabalho.

Aos educadores e alunos da Escola Estadual João Ribeiro Vilela e da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, que contribuíram na aplicação dos questionários e no acesso aos acervos fotográficos escolares, em especial as educadoras Herotildes, Elisabeth, Cida e Orislene.

Agradeço à colaboradora Ivanice, do Instituto Professora Nívea Denardi, por fornecer parte do acervo fotográfico do município de Primavera do Leste-MT.

Agradeço a Maria Sebastiana de Souza (in memoriam), pelo incentivo na qualificação dos profissionais da educação, na cidade de Primavera do Leste.

Patrimônio Cultural dentro da escola “são as imagens da escola”

(Marcos Barbosa – aluno do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual João Ribeiro Vilela)

Patrimônio Cultural dentro da escola “são as hortas”

(Benedita Gonçalves – aluna do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas)

Patrimônio Cultural dentro da escola está “na secretaria, porque na parede tem fotos das antigas diretoras”

(Débora da Silva – aluna do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual João Ribeiro Vilela)

Patrimônio Cultural dentro da escola “está nos móveis, na disposição das salas, nas brincadeiras dos alunos, no armário da sala de aula”

(Edemara – Técnica Administrativa Educacional da Escola Estadual João Ribeiro Vilela)

Patrimônio Cultural dentro da escola está “nos relatos sobre a vida da escola”

(Adilson da Silva – Professor de Geografia na Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas)

Patrimônio Cultural dentro da escola “se levar em consideração o material e imaterial que temos em toda a escola”

(Harriet Oliveira – Professora de História na Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas)

Patrimônio Cultural dentro da escola está “na história de cada pessoa que passa por lá”

(Elson Brissow – Professor de Química na Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas)

PITAS, Janaina Rodrigues. **Patrimônio cultural no âmbito escolar no município de Primavera do Leste/MT (1990-2012):** entre a experiência e o institucional. 2013. 163f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

A partir da década de 1980 ampliaram-se debates sobre a definição de Patrimônio Cultural entre os órgãos responsáveis pela sua preservação. Nesta pesquisa, tais concepções são relacionadas ao espaço escolar, em duas escolas estaduais, no município de Primavera do Leste, Mato Grosso. O cotidiano e as experiências destas comunidades escolares (alunos e educadores) são analisados por meio de questionários socioeconômico e cultural, entrevista e fotografias. Consideramos a produção cultural alimentada por práticas de educadores e de alunos advindos de diferentes grupos étnicos e/ou culturais, de diversas regiões do Brasil. Estas implicações estão pulverizadas nas práticas escolares, nos hábitos alimentares, nas danças, nas linguagens verbais, e são consideradas nas percepções de Patrimônio Cultural escolar. A partir deste contexto investigamos no espaço escolar comparações referentes às noções de Patrimônio Cultural, elencando os apontamentos dos grupos que compõem as escolas em análise, e se existe uma relação direta entre o que foi estabelecido pelos órgãos responsáveis pelo Patrimônio e pela preservação cultural da sociedade no Brasil.

Palavras chave: Patrimônio cultural. Espaço escolar. Práticas.

PITAS, Janaina Rodrigues. **Cultural heritage in the school in the town of Primavera do Leste / MT (1990-2012):** between experience and institutional. 2013. 163p. Dissertation (Master in Social History) - University of Londrina, Londrina, 2013.

ABSTRACT

From the 1980s on, there has been an increase in debates regarding the definition of Cultural Heritage among the agencies responsible for its preservation. In this research, these concepts are related to the school environment, in two state schools in the town of Primavera do Leste, Mato Grosso. The everyday experiences of these school communities (students and educators) were analyzed by the means of socioeconomic and cultural questionnaires, interviews and photographs. The cultural production fueled by practices of educators and students coming from different ethnic and / or cultural backgrounds, from various regions of Brazil have been considered. The implications are sprayed on school practices, eating habits, dances, in verbal language, and are considered as perceptions of schools' Cultural Heritage. In this context, we investigate comparisons of notions of Cultural Heritage, listing the notes from the groups that comprise the analyzed schools, and whether there is a direct relationship between what was established by agencies responsible for this inheritance, and the actual preservation of such cultural heritage and society in Brazil.

Key words: Cultural heritage. School space. Practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartão postal do túmulo da Velha Joana	27
Figura 2 – Primavera do Leste na década de 1980.....	29
Figura 3 – Vista aérea de Primavera do Leste (2010).....	30
Figura 4 – Desfile cívico das escolas em Primavera do Leste na década de 1990	31
Figura 5 – Placa de loteamento no antigo Distrito de Primavera	32
Figura 6 – Aldeia Sangradouro.....	33
Figura 7 – Fachada da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas.....	38
Figura 8 – Cantina da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas.....	39
Figura 9 – Pátio da Escola Estadual João Ribeiro Vilela.....	43
Figura 10 – Quadra esportiva da Escola Estadual João Ribeiro Vilela	44
Figura 11 – Área externa Escola Estadual João Ribeiro Vilela	74
Figura 12 – Área externa Escola Estadual João Ribeiro Vilela	75
Figura 13 – Área externa Escola Estadual João Ribeiro Vilela	75
Figura 14 – Projeto cidadania Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas	79
Figura 15 – Projeto recreio dirigido Escola Estadual João Ribeiro Vilela.....	84
Figura 16 – Laboratório informática da E.Estadual Getúlio Dornelles Vargas.....	87
Figura 17 – Horta na escola da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas.....	90
Figura 18 – Festa junina da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Migração	26
Gráfico 2	– Desempenho dos alunos da E. E. Getúlio D. Vargas.....	41
Gráfico 3	– Rendimento e abandono escolar da E. E. Getúlio D. Vargas	41
Gráfico 4	– Abandono escolar da E. E. João Ribeiro Vilela.....	45
Gráfico 5	– Educadores da E. E. Getúlio Dornelles Vargas.....	96
Gráfico 6	– Educadores da E. E. João Ribeiro Vilela	97
Gráfico 7	– Patrimônio Cultural para os alunos da turma A da E. E. G. D. Vargas.....	100
Gráfico 8	– Patrimônio Cultural para os alunos da turma B da E. E. G. D. Vargas.....	100
Gráfico 9	– Patrimônio Cultural para os alunos da turma B da E. E. J. R. Vilela	101
Gráfico 10	– Patrimônio Cultural para os alunos da turma B da E. E. J. R. Vilela	102

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Etnias Indígenas no Mato Grosso	24
Mapa 2 – Quilombolas no Mato Grosso	25
Mapa 3 – Escolas estaduais e a cidade de Primavera do Leste	50

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 – Número de alunos por turma.....	54
Quadro 2 – Número de educadores por escolas.....	54
Quadro 3 – Dados da pesquisa sobre o que é Patrimônio Cultural	93
Quadro 4 – Dados da pesquisa sobre o que é Patrimônio Cultural na escola	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados do IBGE sobre quantidade de alunos nas escolas	35
Tabela 2 – Notas do IDEB da E. E. J. R. V., 2009	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFAPRO	Centro de Formação e Atualização de Professores
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CLCH	Centro de Letras e Ciências Humanas
E. E.	Escola Estadual
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PVEA	Plano de Valorização Econômica na Amazônia
SEDUC-MT	Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PRIMAVERA DO LESTE: UM IMPACTO HISTÓRICO NA OCUPAÇÃO MATOGROSSENSE	22
1.1 PRIMAVERA DO LESTE: UMA OCUPAÇÃO MIGRANTE	26
2 O ESPAÇO ESCOLAR NA PERSPECTIVA HISTÓRICA E CULTURAL	35
2.1 UM BREVE HISTÓRICO DAS ESCOLAS EM ANÁLISE	37
2.2 A PRODUÇÃO DAS IDENTIDADES E MEMÓRIAS: ENTRE A CIDADE E O ESPAÇO ESCOLAR.....	46
2.3 ESQUADRINHANDO OS ATORES SOCIAIS DO ESPAÇO ESCOLAR.....	54
2.4 PERFIL DOS EDUCADORES	55
2.5 PERFIL DOS ALUNOS.....	58
2.6 PERFIS DE EDUCADORES E ALUNOS EM ANÁLISE	64
3 PATRIMÔNIO CULTURAL: ENTRE EXPERIÊNCIA E O INSTITUCIONAL	65
3.1 NOÇÕES DE PATRIMÔNIO CULTURAL NA ESCOLA	69
3.2 PERCEPÇÕES DOS EDUCADORES	72
3.3 PERCEPÇÕES DOS ALUNOS.....	85
3.4 NOÇÕES DE PATRIMÔNIO CULTURAL ESCOLAR: ENTRE MEDIAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS.....	91
CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS	110
ANEXO	117
APÊNDICES	119

INTRODUÇÃO

O Patrimônio Cultural na escola, vinculado a documentos históricos da própria instituição escolar, com as suas fotografias, linguagens, comportamentos, produções, a sua relação com “outros” grupos sociais, pode favorecer na construção de elementos significativos, onde seus atores se (re)conheçam como parte dessa história, contrastando com aquela História e perspectiva de Patrimônio que, por algum tempo, celebrava os “grandes feitos”¹. Assim, atualmente, pensar sobre Patrimônio Cultural nos remete a compreender a sua amplitude e as suas resignificações, atreladas ao cotidiano dos agentes sociais.

Devemos perguntar se a comunidade escolar² (educadores e alunos) visualiza nos acervos histórico-culturais da escola diferentes sentidos, dentro de uma perspectiva patrimonial. Correlacionado à institucionalização de Patrimônio Cultural, entendemos que há diversas noções de patrimônio, onde alunos, professores e comunidade associam múltiplas imagens que, por vezes, são (re)produzidas nos livros, filmes, fotografias, mídias digitais em geral, discursos e nas práticas cotidianas. Ao analisarmos a escola como um Patrimônio Cultural nos deparamos com diversas expressões culturais que permeiam este espaço, tais como: arquivos, festividades, exposições, livros, apresentações teatrais, jogos, brincadeiras, expressões verbais, equipamentos tecnológicos, memoriais, projetos culturais, espaços físicos, além de diferentes grupos sociais que por ela transitam, que podem promover uma outra e “nova” percepção de Patrimônio Cultural.

Atualmente se preserva um bem cultural não só pelo seu valor estético, arquitetônico ou histórico. Ele é preservado se tem significação para a comunidade em que está inserido e se essa preservação possibilita a melhora da qualidade de vida de seus moradores e contribui para a construção de sua identidade cultural e o exercício da cidadania. (ORIÁ, 2004).

Para Oriá (2004) o bem cultural teve o seu sentido ampliado e somado ao seu valor histórico e físico estão as relações que o mesmo estabelece

¹ História tradicional, positivista, apoiada apenas em documentos oficiais, que não considerava a história de personagens comuns na construção da história (BURKE, 1992).

² Art. 6º - A Comunidade Escolar é o conjunto constituído pelos membros do magistério, alunos, pais ou responsáveis pelos alunos e funcionários que protagonizam a ação educativa da escola (LONDRINA/SEDUC, 2004), disponível no site do MEC.

com a comunidade, no reconhecimento identitário e participativo social entre os grupos sociais.

Outro aspecto a considerarmos durante a pesquisa está na relação da visão da História do tempo presente, na produção de noções de Patrimônio Cultural, através de concepções que percebam, ou não, a “História recente” (aliada às novas abordagens e fontes) como elemento importante na construção e resignificação do campo patrimonial.

Entre os questionamentos que pairam sobre os grupos existentes na escola deste trabalho estão: existe uma relação direta entre o que foi estabelecido pelos órgãos responsáveis pelo Patrimônio e a preservação cultural da sociedade, e o que a comunidade escolar compreende como sendo Patrimônio Cultural?

Existem diferenças na percepção do que é Patrimônio Cultural e escolar entre educadores e alunos de escolas diferenciadas (uma delas voltada para Educação para jovens e adultos, outra, escola de ensino regular)?

Se existem, como essas diferenças se materializam no cotidiano e nas relações escolares?

O Patrimônio Cultural – ou seja o que um conjunto social como sua cultura própria, que sustenta sua identidade e o diferencia de outros grupos, não abarca apenas os monumentos históricos, o desenho urbanístico e outros bens físicos, e a experiência vivida condensada em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos. (CANCLINI, 1990).

Para Canclini (1990) o Patrimônio Cultural deve ser analisado em uma perspectiva complexa, onde as especificidades do grupo são esmiuçadas e comparadas a outros grupos, sendo assim, os bens materiais e imateriais são considerados a partir dos seus usos e entre suas diversificadas resignificações.

Entre tantos pontos que compõem a História do Brasil encontramos no espaço do município de Primavera do Leste-Mato Grosso, criado no dia 13 de maio de 1986, aspectos que podem entrecruzar-se e auxiliar na construção da História local, regional e nacional, em complementaridade e importância para contextualizarmos esta pesquisa.

Conforme Barrozo (2008, p. 15-26), o treze de maio de 1888, hoje lembrado como um marco na abolição da escravatura está relacionado às imigrações no Brasil, e ao desenvolvimento nacional. Nesta data, após a libertação

dos escravos no Brasil, alicerçada pela Lei de Terras (1850), um marco oficial para o desenvolvimento do país, o período foi acompanhado pelo fluxo imigratório europeu, nas regiões do sul e sudeste.

No entanto, neste trabalho a data será utilizada como analogia simbólica e histórica de um 13 de maio que representa parte da história de ocupação, migração e integração no Brasil contemporâneo, no qual o governador do Mato Grosso, Júlio Campos, criou oficialmente 24 municípios em 1986, entre eles Primavera do Leste, espaço onde residem as duas escolas estaduais que compõem o cenário desta investigação.

Na região do Centro-Oeste matogrossense obtêm-se legalmente novas composições geográficas a partir da década de 1970, concomitantemente a um processo de migração, indígena, remanescentes quilombolas, nordestina, sulista, do próprio Centro-Oeste, pois havia um empenho do governo federal, por meio de programas de incentivos fiscais e crédito subsidiado, como, por exemplo, o Polo dos Cerrados, no intuito de expandir as fronteiras do agronegócio com mão de obra especializada (BARROZO, 2008, p. 15-26).

O município de Primavera do Leste é demarcado pela sua economia advinda da agricultura de grãos e fibras para exportação, como por exemplo, soja e algodão. Na área central e urbana do município de Primavera do Leste perpassam diferentes grupos sociais, sendo diversificada pela condição econômica e cultural de pessoas que são oriundas de distintas regiões do Brasil, as quais foram incentivadas por programas federais a desenvolver a agricultura na região. Outras pessoas da região Norte/Nordeste chegam diariamente e são, em sua maioria, alocadas nas grandes fazendas para realização de trabalho braçal. Juntamente a esta composição cultural diversificada soma-se a presença dos indígenas, a proximidade do município a algumas aldeias indígenas, entre elas a reserva Sangradouro, o que torna relevante o número de alunos indígenas que perpassam as escolas estaduais e municipais de Primavera do Leste, e apresenta múltiplas relações sociais, num longo percurso dividido, de forma desigual, entre memórias, identidades e, quiçá, de percepções de Patrimônio Cultural.

Dessa forma, as escolas em investigação no município de Primavera do Leste narram múltiplas histórias em consonância e relacionadas a esta cidade, onde transitam variedades culturais através de seus moradores, suas memórias e inserções nas ruas, vizinhança, bairro, entre outros aspectos, isto é, caberá um olhar

analítico sobre como ocorrem as relações sociais nas escolas, com a sua comunidade e cidade, considerando os referenciais identitários.

Os aportes teóricos que referenciam essa pesquisa circundam a História cultural, alavancada nos idos da década de 1980 pela historiografia francesa, da Escola dos Annales, a qual amplia o campo das pesquisas, estabelece diálogos com a antropologia, valoriza as minúcias do cotidiano, e utiliza-se de variadas fontes e metodologias de pesquisa³.

A história do tempo presente auxilia na percepção ramificada dos eventos atuais com outras temporalidades, em particular intenciona articular o tempo imediato ao passado, sair da superficialidade e mergulhar numa relativa profundidade histórica, como indica Le Goff (1999, p. 101-102):

[...] tentar hierarquizar os fatos, distinguir o incidente do fato significativo e importante, fazer do acontecimento aquilo que permitirá aos historiadores do passado reconhecê-lo como outro, mas também integrá-lo numa longa duração e numa problemática na qual todos os historiadores de ontem e de hoje, de outrora e do imediato, se reúnam.

Neste trabalho foram analisadas e confrontadas informações por meio de questionários socioeconômicos, com questões temáticas, no intuito de reconhecer semelhanças e diferenças que caracterizam as percepções dos grupos que compõem o objeto de pesquisa nas escolas. O uso de mapas étnicos, fotografias de práticas e dos espaços escolares será somado a alguns relatos de uma educadora com experiências diversificadas em várias escolas no município de Primavera do Leste; as anotações do caderno de campo serão outros instrumentos (ou fontes/documentação) recorrentes nesta pesquisa.

Sem dúvida, não devemos exagerar o silêncio dos arquivos escolares. O historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira: quanto ao século XIX, por pouco que procure e que se esforce em reuni-los, os cadernos de notas tomadas pelos alunos (mesmo sendo grande o risco de se verem conservados apenas os mais bonitos deles) e os cadernos de preparações dos educadores, não são escassos e, na falta destes, pode-se tentar reconstituir, indiretamente, as práticas escolares a partir das normas ditadas nos programas oficiais ou nos artigos das revistas pedagógicas. Mas estamos menos equipados para perceber as diferenças – diversas segundo as classes sociais de origem – que separam as culturas familiares ou profissionais da cultura escolar. (JULIA, 2001, p. 17).

³ Conforme Burke (2008).

Julia (2001) chama a nossa atenção para a vasta documentação histórica existente nos arquivos escolares. A multiplicidade de material produzido por alunos e por educadores, práticas que são registradas por estes agentes e, por vezes, estabelecidas em normativas oficiais ou divulgadas nas produções de pesquisadores voltados à História da educação. Coexistente a isso, há outra lacuna, merecedora de investigação, na diversidade cultural e nas diferenças socioeconômicas que compõem as comunidades escolares (pais, alunos e educadores).

Em relação à estrutura do trabalho, este será apresentado da seguinte forma:

O primeiro capítulo, “Primavera do Leste: um impacto histórico na ocupação matogrossense”, pretende relacionar e contextualizar o espaço geográfico das escolas em análise à ocupação social e geográfica no município de Primavera do Leste, do Mato Grosso, no período de sua integração política e econômica no Brasil entre os idos da década de 1940 e 1970. Destacam-se aspectos da acentuada migração nesta região, a diversidade cultural dos grupos advindos de diferentes regiões (Nordeste, Sul, etc.), a presença de grupos étnicos (indígenas e quilombolas) e conflitos econômicos e políticos durante o processo de desenvolvimento.

No segundo capítulo, “O espaço escolar na perspectiva histórica e cultural”, pretende-se apresentar os elementos que compõem os seus bens materiais e imateriais e as práticas que podem se vincular a (re)memorações (particulares, coletivas e profissionais). Discorre-se sobre a constituição das escolas em investigação, o perfil de cada uma, sua localização e a sua importância no município, por meio do Projeto Político Pedagógico⁴ das instituições, juntamente com os dados socioeconômicos, em que se visualizará o perfil dos educadores, dos alunos e serão apresentadas algumas comparações entre os diversos grupos

⁴ Projeto Político Pedagógico (PPP): Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional uma das “incumbências” de todas as escolas é a de “elaborar e executar sua proposta pedagógica”, com a participação dos professores e dos demais segmentos da comunidade escolar. O Projeto Pedagógico é um processo em construção permanente e aglutina ideias, crenças, convicções, conhecimentos da comunidade escolar acerca do contexto social, cultural e científico, constituindo-se, assim, em um compromisso político coletivo. Portanto, é fruto de reflexão e investigação acerca dos princípios e finalidade da instituição escolar, a explicitação de seu papel social e a clara definição de caminhos, formas operacionais e ações a serem empreendidas por todos os envolvidos com o processo educativo. Fonte: <http://www.seduc.mt.gov.br/conteudo.php?sid=164&parent=15>. Acesso em: 8 de junho 2012.

sociais. Também se busca refletir sobre as experiências de uma educadora nas escolas do município, através de seus relatos, assim como correlacionar a alguns debates teóricos sobre memória e identidade, que envolvem a pesquisa.

No terceiro capítulo, “Patrimônio Cultural: entre a experiência e o institucional”, buscar-se-á identificar e comparar as percepções dos educadores e dos alunos sobre Patrimônio Cultural (material e imaterial) no cotidiano escolar. A análise dos questionários sobre Patrimônio Cultural escolar considerará as diferenças entre as escolas (E. E. João Ribeiro Vilela e E. E. Getúlio Vargas Dorneles), a heterogeneidade da comunidade escolar. Serão abordados alguns debates e renovações, contemporâneos, sobre o conceito de Patrimônio Cultural (material e imaterial), seguindo argumentações no campo institucional, presente na Constituição Brasileira, e no órgão governamental do Patrimônio, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Numa perspectiva histórica e antropológica a partir da década de 1980 apontar-se-á uma breve bibliografia que valoriza estudos voltados para a sensibilização e identificação do Patrimônio Cultural no âmbito escolar. As experiências dos diferentes grupos nas escolas auxiliam na análise do que é significativo para estes, e serão utilizadas para compor um quadro comparativo entre a compreensão sobre Patrimônio Cultural escolar por seus agentes sociais e pelos órgãos responsáveis na sua preservação e reconhecimento.

Para esse estudo, que evidencia o Patrimônio Cultural no espaço escolar, será privilegiado o período entre 1990-2012, o qual corresponde à criação e vida das escolas desta pesquisa, além das experiências de parte das comunidades escolares. Os questionários foram aplicados para 10% dos educadores da E. E. João Ribeiro Vilela e para 10% da E. E. Getúlio Dornelles Vargas, totalizando em 20 (vinte) pessoas, e também nas duas turmas do último ano do Ensino Fundamental (8ª série/9º ano) de cada escola, totalizando 4 (quatro) turmas de alunos.

As escolas analisadas pertencem à rede estadual do Mato Grosso, no município de Primavera do Leste, a 240 km de distância da capital Cuiabá. A primeira é a Escola Estadual João Ribeiro Vilela (ensino regular). A outra instituição é a Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas (Educação de Jovens e Adultos). Segundo educadores destas instituições, em consonância aos dados obtidos no questionário socioeconômico e cultural, elas se diferenciam das demais escolas no município por possuírem em seu quadro escolar um número considerável de

migrantes, em especial, grupos advindos da região Norte/Nordeste e do próprio Centro-Oeste, como por exemplo, os indígenas.

As duas escolas agregam, em maior parte, grupos de baixo poder aquisitivo, onde alguns de seus sujeitos moram em áreas rurais ou na periferia⁵. Além disso, estas instituições estão relacionadas pela cisão que houve em 2008 na E. E. João Ribeiro Viela, onde esta deixou de ofertar ensino de EJA e a segunda, Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas passou a centralizar o ensino e aprendizagens dos alunos de EJA, trazendo para seu quadro funcional parte dos alunos do período noturno, quatro professoras (01 de arte, 01 de geografia e 02 de biologia) e, em comum, uma coordenadora atuava nas duas escolas. Sendo assim, a escolha das duas escolas para investigação está atrelada à sua composição étnica/cultural e socioeconômica, que reflete o processo de ocupação na cidade e no Estado do Mato Grosso.

Desse modo, nestes três capítulos se buscará investigar a compreensão (recepção, resignificação) dos sentidos atribuídos ao Patrimônio Cultural na escola, que perpassam as relações sociais e culturais de grupos compostos por educadores e alunos, num contexto de migração e formação de novos municípios, na história de Mato Grosso, na ampliação conceitual do Patrimônio Cultural no campo institucional e, quem sabe, na resignificação dos referenciais identitários Brasil adentro.

⁵ Projeto Político Pedagógico das escolas (2011-2012).

1 PRIMAVERA DO LESTE: UM IMPACTO HISTÓRICO NA OCUPAÇÃO MATOGROSSENSE

Durante o governo de Getúlio Vargas, na década de 1940, era constante nos discursos deste presidente a necessidade da ocupação dos “vazios demográficos” do Centro-Oeste e da Amazônia, almejava-se integrá-los ao território nacional e torná-los produtivos na esfera nacional e internacional. Para tanto foi criado o projeto “Marcha para o Oeste”, o programa PVEA⁶ que tinha como objetivo desenvolver a agricultura, a extração mineral, a industrialização de matéria-prima, entre outros aspectos; o mesmo foi substituído em 1966, no governo militar, pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), e neste programa foram ampliados os recursos e os objetivos.

Getúlio Vargas discursava sobre a Marcha para o Oeste, as Colônias Agrícolas Nacionais e a Expedição Roncador-Xingu, projetos que almejavam, respectivamente, no Cerrado, a sua ocupação, a distribuição das terras, a abertura de estradas, acesso a bases de rádio, campos de pouso e núcleos de colonização.

De acordo com a historiografia, a política varguista *rumo ao Oeste* compreendia algumas medidas elementares como pré-requisitos para a ocupação: construção de estradas, saneamento, educação e transportes, que atrairiam pessoas de São Paulo, Rio Grande do Sul e de Minas para o Sul de Mato Grosso e Goiás, juntamente com uma nova migração de nordestinos para a Amazônia com estímulo governamental, o que veio a resultar em muitas mortes e decepções. (DOURADO, 2003).

Mas, somente no início da década de 1960, por meio da construção de Brasília, capital federal, pelo presidente Juscelino Kubitscheck, criaram-se rodovias de integração que favoreciam o intenso fluxo migratório para a região Oeste do Brasil, em especial dos trabalhadores “calangos” do Nordeste.

A partir da década de 1970 a política de colonização através da SUDAM, do Polo dos Cerrados e outros programas tentavam acabar com os “vazios demográficos” na Amazônia e Centro-Oeste, buscava-se integrá-los ao país, pois estava em risco a “segurança nacional”. Incentivos fiscais e crédito subsidiado eram

⁶ Plano de Valorização Econômica na Amazônia.

oferecidos aos empresários do Sul-Sudeste, o INCRA⁷ assentou milhares de agricultores pobres, em grande parte oriundos do Nordeste e do Centro-Sul brasileiro; o lema dos militares era “integrar para não entregar”, pois havia o temor de invasão nas fronteiras, em especial na Amazônica (BARROZO, 2008, p. 15-26).

Nesse período, no Rio Grande do Sul, além do minifúndio, passava-se pelo esgotamento do solo, assim o governo ofereceu lotes de 100 a 200 hectares aos pequenos agricultores na região do Mato Grosso e Rondônia.

No Paraná a superprodução de café levou à sua desvalorização, e a ocasional geada na década de 1970, de grande prejuízo, levou o governo federal a exigir a erradicação de plantações cafeeiras, deslocando muitos trabalhadores para as outras fronteiras agrícolas no Mato Grosso e Rondônia, com incentivos do governo federal.

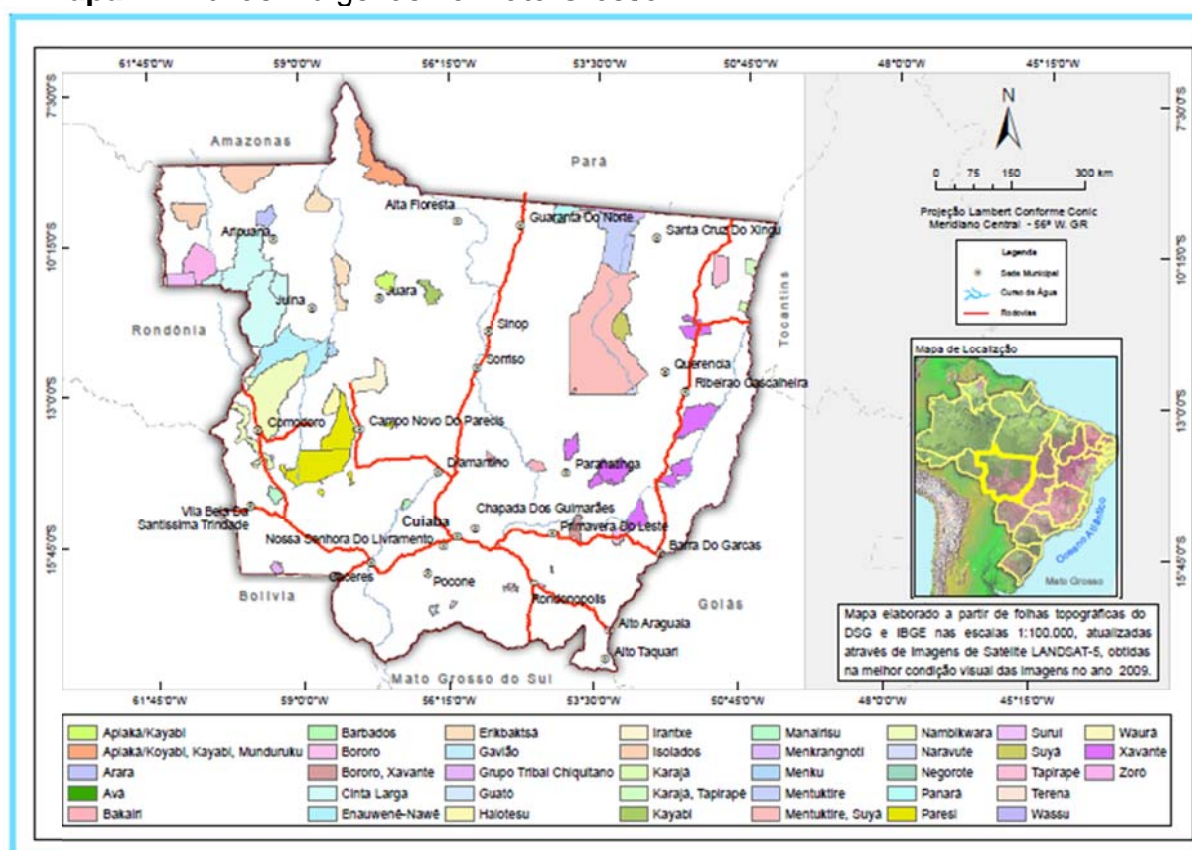
Para se entender o Mato Grosso, hoje, deve-se lembrar de três aspectos fundamentais: os bandeirantes; os projetos de colonização e a concentração de terras com a vinda dos sulistas. O processo de ocupação das terras deste Estado ocorreu a partir do século XVIII, com o ciclo das bandeiras durante o qual a população era composta pelos povos indígenas em um território ocupado de forma pontual e dispersa por tais povos. (LIMA, 2007, p. 125).

O Estado do Mato Grosso, com área de 903.329,700 km² com população de 3.035.122 habitantes, atualmente com 141 municípios⁸, teve entre as décadas de 1970 e 1980 a criação de mais de 100 (cem) municípios novos; apresentava diversas formas de ocupação, seja nos territórios indígenas, não indígenas, de antigos segmentos sociais e/ou na coexistência de conflitos étnicos e culturais diferenciados. Entre as populações naturais do Mato Grosso ainda é grande a quantidade de grupos indígenas e de remanescentes quilombolas.

⁷ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

⁸ IBGE, 2009.

Mapa 1 – Etnias Indígenas no Mato Grosso



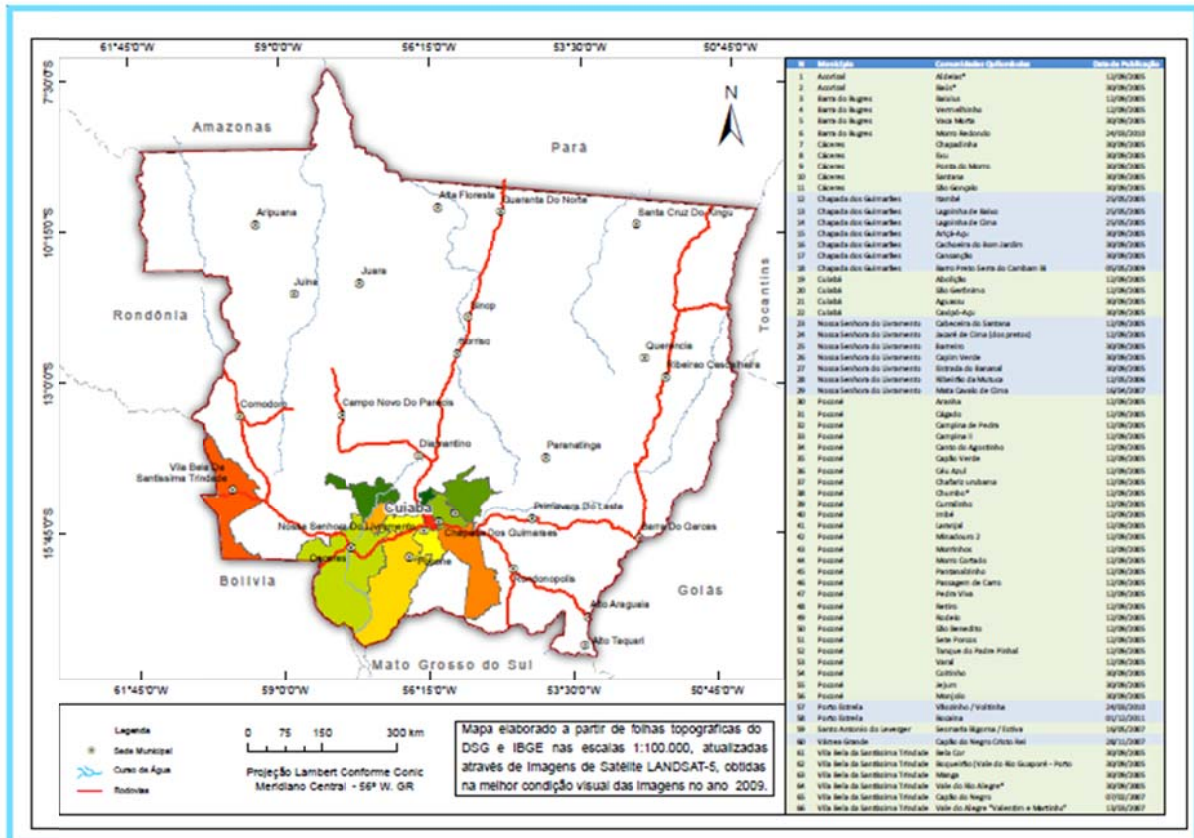
Elab.: ACÁCIO, Gilmar (2012).

Fonte: IBGE (2009).

O Mapa 1 apresenta a multiplicidade de etnias indígenas que ocupam o Estado de Mato Grosso, nas proximidades do município de Primavera do Leste⁹, região Sudeste, onde encontramos os Xavantes e Bororos. A importância em dimensionar a presença desses grupos está em reconhecer nesta região os fazeres sociais através do artesanato local, da linguagem, das festividades religiosas, da culinária, entre outros aspectos significativos para suas comunidades, do mesmo modo para os migrantes e remanescentes quilombolas.

⁹ A importância de situarmos a cidade de Primavera do Leste nos mapas étnicos está na busca de relacionarmos os grupos pertencentes às escolas em análise, nesta pesquisa, dentro deste município.

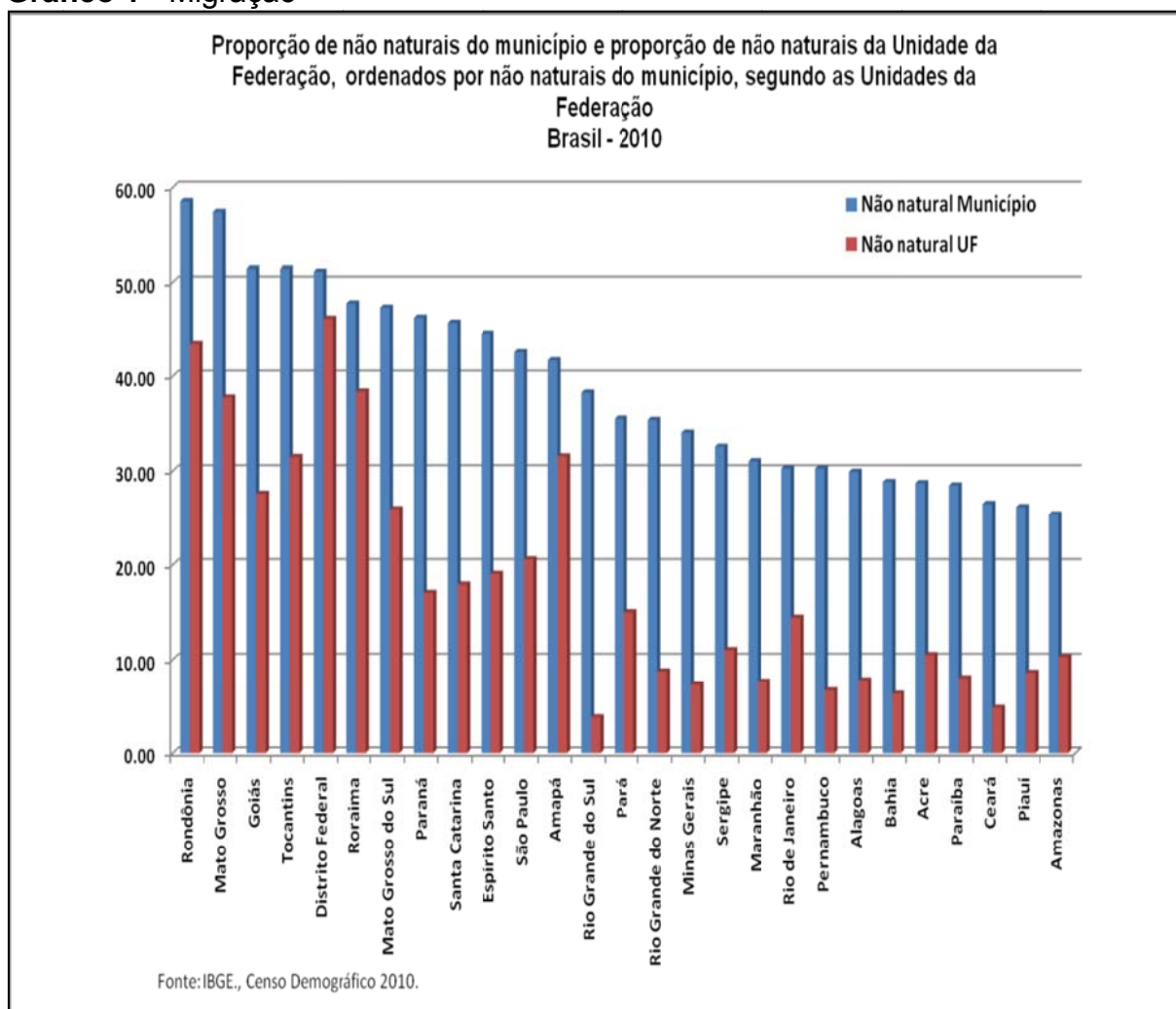
Mapa 2 – Territórios Quilombolas no Mato Grosso



Elab.: ACÁCIO, Gilmar (2012)
 Fonte: IBGE (2009).

No Mapa 2 são muitos os grupos de remanescentes quilombolas identificados. Em proximidade ao município de Primavera do Leste está a cidade “histórica e turística” de Chapada dos Guimarães, a 170 km de distância.

Em relação à migração no estado de Mato Grosso, após a década de 1980, conforme foi elencado no texto, temos os seguintes dados no Gráfico 1 sobre os não naturais nos estados brasileiros:

Gráfico 1 - Migração

Fonte: IBGE (2011). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/impressao/ppts/00000006460511142011051416506447.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

Os dados divulgados pelo IBGE, no Gráfico 01, colocam o Mato Grosso, ao lado de Rondônia, entre os estados de maior número de não naturais do Brasil, aspectos condizentes às políticas de sua ocupação e colonização privada por meio de loteamentos. É neste contexto que se apresenta o município de Primavera do Leste, com área de 5.471,654 km², região Sudeste matogrossense, população de 52.066 habitantes, a 240 km da capital Cuiabá.

1.1 PRIMAVERA DO LESTE: UMA OCUPAÇÃO MIGRANTE

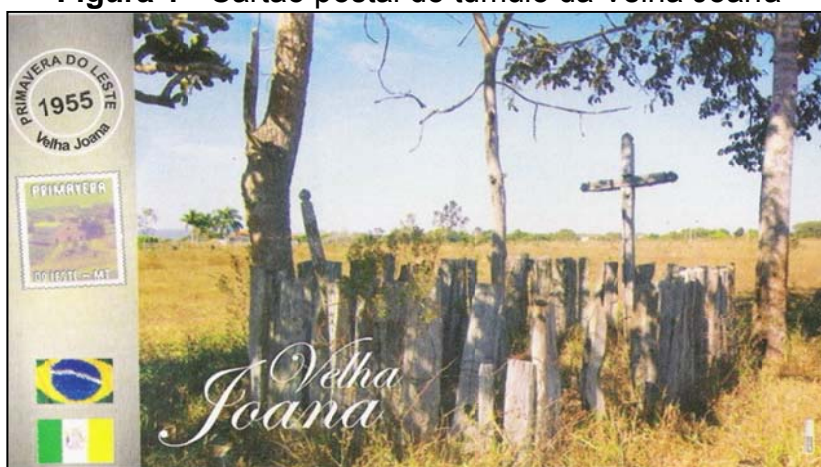
Primavera do Leste apresenta no nome o sentido de sua mocidade, mas, bem anterior à sua criação, em 13 de maio de 1986, já recebia seu primeiro traçado em 1912, por meio da demarcação da primeira rede telegráfica na região,

cumprida pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o qual ligava Vilhena (Rondônia) a Cuiabá (Mato Grosso), e que resultou na linha telegráfica que perpassou de Cuiabá a Barra do Garças, atravessando o local onde décadas depois se formou a atual cidade de Primavera do Leste.

Segundo o Instituto Memorial Professora Nívea Denardi, órgão da Câmara municipal de Primavera do Leste, a primeira moradora da cidade, velha Joana, residiu em uma chácara, atual Parque Eldorado¹⁰, por cerca de 30 anos, onde ainda há vestígios. Contudo, não há informações sobre a sua naturalidade, a mesma através de carro de boi fazia compras em Cuiabá e no município vizinho de Poxoréu¹¹, e seu falecimento foi registrado em 1955.

Na Figura 01 está o cartão postal do túmulo da Velha Joana, que atualmente é um dos pontos históricos no município de Primavera do Leste, frequentado por alguns alunos e educadores da rede estadual, no intuito de valorizar a história local.

Figura 1 - Cartão postal do túmulo da Velha Joana



Fonte: Instituto Memorial Prof^a Nívea Denardi, Primavera do Leste.

A “Revolução Verde”, ou o plantio da soja, trouxe novas perspectivas de ocupações e sobre o desenvolvimento econômico na região Leste do Mato Grosso. Entre os diversos grupos étnicos e/ou culturais destacam-se em Primavera do Leste: os indígenas, nortistas, sulistas e uma colônia Russa. Ao analisar um conjunto de aspectos que compõem as especificidades desta cidade percebe-se que a maioria dos registros oficiais faz referências às práticas sulistas

¹⁰ Bairro onde se está localizada umas das escolas desta pesquisa, E. E. João Ribeiro Vilela.

¹¹ O município de Poxoréu, criado em 1939, está a 42 km de distância de Primavera do Leste.

(pioneiros/proprietários) e, comumente, silenciam as demais; como exemplo, identificou-se a predominância nos nomes das ruas¹², estabelecimentos comerciais¹³, festividades¹⁴ e alimentos da cultura sulista. Os nomes dos bairros estão relacionados aos nomes dos primeiros proprietários dos loteamentos e aos santos católicos, em decorrência da participação política e social da Igreja Católica na cidade.

O termo “não lugar”, enquanto lugar de passagem ou de transitoriedade, de Certeau (2004), ganha sentido aqui, pois, além de ser uma cidade extremamente nova, através de uma justaposição dos elementos étnicos/culturais promove o sentimento de não pertencimento em parte de seus habitantes que, por vezes, não são representados nos eventos públicos, pois as manifestações culturais desses são escamoteadas a ponto de serem pouco documentadas nos acervos da cidade¹⁵. Outro elemento que demonstra tamanha transitoriedade está presente nos dados do IBGE (2009), onde quase 60% dos moradores não são naturais dos municípios de Mato Grosso.

De modo ampliado, constatou-se durante a pesquisa que esta perspectiva de “não-lugar” se apresenta em outras cidades novas, além de Primavera do Leste¹⁶, uma problemática na construção da identidade e na realização de trabalhos com perspectiva no campo da História e da Memória. Como exemplos de novos municípios no Estado de Mato Grosso, criados na mesma data que Primavera do Leste, estão: Nova Olímpia, Indiavaí, Comodoro, Porto Esperidião, Reserva do Cabaçal, Novo São Joaquim, Alto Taquari, Campinápolis, Cocalinho, Vila Rica, Porto Alegre do Norte e São Félix do Araguaia, Marcelândia, Terra Nova do

¹² Na área central predominam nos nomes das ruas cidades da região Sul.

¹³ O maior supermercado na cidade chama-se Paranaense.

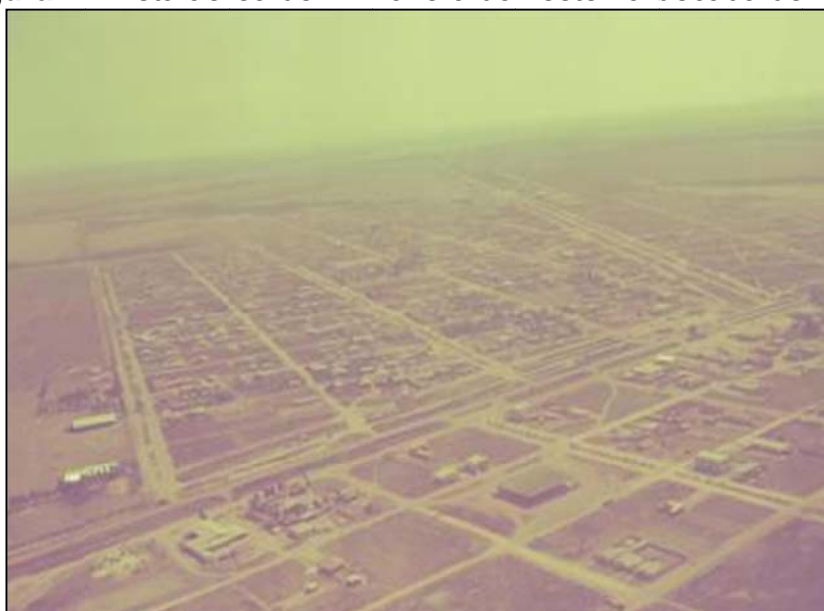
¹⁴ Todos os domingos à noite, na pista de caminhada do município, ocorrem apresentações de músicas gaúchas, ali também se apresentam grupos do centro de tradição gaúcha, e usualmente estão paramentados, além disso, algumas pessoas assistem os eventos ao sabor do chimarrão, ao mesmo tempo uma multidão culturalmente diversificada imiscui-se a estas práticas.

¹⁵ Na maioria dos acervos históricos pesquisados até 2012 (Site do município de Primavera do Leste: <<http://www.primaveradoleste.mt.gov.br/web/>> e vídeo/dossiê na Câmara Nívea Denardi produzidos no ano de 2009), os registros oficiais, não informam ou fazem referências históricas sobre os grupos que migraram da região Norte, Nordeste e do próprio Centro-Oeste para a cidade de Primavera do Leste, grupos significativos para a região, como por exemplo, a presença dos indígenas e dos remanescentes quilombolas. O discurso unívoco foi reproduzido em vídeo, no dia 01/03/2013, no programa Globo Repórter, disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/03/primavera-do-leste-mt-e-uma-terra-de-oportunidades-e-de-vida-tranquila.html>>. Acessado em: 18/03/2013.

¹⁶ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrosso/primaveradoleste.pdf>>. Acessado em: 15/10/2011.

Norte, Itaúba, Vera, Nova Canaã do Norte, Novo Horizonte do Norte e Peixoto de Azevedo, Guarantã do Norte, Figueirópolis d'Oeste, Araguaiana e Paranaíta¹⁷. Cabe questionarmos qual é concepção de História que tem vigorado (passado ou presente?), pois juntamente às dificuldades em perceber os elementos históricos e de memória, das cidades novas do Mato Grosso, está a importância no reconhecimento da História do Tempo Presente, a qual valoriza os acontecimentos atuais na compreensão e na construção da História de modo que ele esteja a considerar o enlace e interdependência entre o passado e o presente (CHAVEAU, 1999).

Figura 2 - Vista aérea de Primavera do Leste na década de 1980



Fonte: Câmara Municipal de Primavera do Leste.

¹⁷ No entanto, a História do Mato Grosso, anterior à criação dos novos municípios, apresenta movimentos da exploração dos Bandeirantes, nos garimpos, entre outros acontecimentos importantes na construção do Brasil Colonial e Contemporâneo (SIQUEIRA, 2002).

Figura 3 - Vista aérea de Primavera do Leste (2010)



Fonte: <http://wikimapia.org/877161/pt/Primavera-do-Leste>.

Na Figura 02, nos idos de 1980, pode-se observar os espaços geográficos divididos em loteamentos, ainda pouco urbanizados, diferentemente da Figura 03, onde a ocupação urbana em Primavera do Leste está visivelmente maior, com uma pequena arborização, além de algumas construções verticais.

Primavera do Leste era chamada de “Bela Vista das Placas” em razão da sua localização estar entre as Rodovias BR 070 e MT 130.

Em 1976 iniciava-se a primeira escola municipal Monteiro Lobato, no parque Castelândia, com 14 alunos, e ao longo de sua existência contou com 5 professores.

Figura 4 - Desfile cívico das escolas em Primavera do Leste na década de 1990



Fonte: Instituto Memorial Professora Nívea Denardi

Na Figura 04, em um desfile das escolas de Primavera do Leste, pode-se observar em evidência o cartaz sobre a ocupação migratória, a infraestrutura deficiente na ausência de asfalto, alunos e professores não usam uniformes; ao que parece há uma espetacularização, alguns alunos usam chapéus e o ângulo possibilita que se visualize “bem caracterizado” um pequeno aluno, ao final da fila, do lado esquerdo, que usa botas e calças que lembram a bombacha, trajes típicos da cultura gaúcha. Contudo, a diversidade fica evidenciada entre as professoras, à direita uma é negra e à esquerda a outra é branca¹⁸.

A implantação do projeto Cidade de Primavera se iniciou em 26 de setembro de 1979, com um projeto da construtora do advogado paulista Edgarg Cosentino¹⁹. Na Figura 05 a placa da sua loteadora trazia o nome da cidade como sendo Primavera, sem a especificação geográfica Leste; embora a placa divulgasse dizeres sobre uma moderna infraestrutura no local, isso ainda não era perceptível ao fundo da fotografia.

¹⁸ Não foi possível identificar a autoria desta fotografia, a mesma compõe o acervo do Memorial Prof^a. Nívea Denardi, o enfoque está no desfile cívico.

¹⁹ No entanto consideramos a partir de relatos que possivelmente muitas outras pessoas já habitavam a região, “habitantes anônimos”, vozes silenciadas, histórias que precisam ser registradas, diante das diversidades culturais e das diferenças socioeconômicas.

Figura 5 - Placa de loteamento no antigo Distrito de Primavera



Fonte: Instituto Memorial Profª Nívea Denardi, Primavera do Leste, 1979.

Em 1981 Primavera do Leste se tornou Distrito do município de Poxoréu²⁰; em 1984 surgia a comissão Pró-emancipação do distrito, que se reuniu no salão paroquial, com apoio do Rotary Club de Primavera. No dia 13 de maio de 1986 o governador do Mato Grosso, Júlio Campos, assinou a Lei Estadual nº 5.012 que oficializou a criação do município de Primavera do Leste, juntamente com outras 23 cidades no estado²¹. Segundo o governador, em entrevista²², Primavera do Leste não tinha os requisitos exigidos para sua criação, no entanto aproveitou-se o momento político e econômico na região, sendo assim, seu nome foi aprovado. Após 26 anos o quadro populacional do município apresentou um crescimento vertiginoso: em 1991 eram 12.523 habitantes e em 2007 esse número subiu para 44.719²³.

No entorno da cidade de Primavera do Leste existem terras indígenas, destacando-se os Xavantes²⁴, os quais migraram para a mesma região na década de 1950; sua reserva Sangradouro foi criada em 1973 e atualmente

²⁰ A cidade de Poxoréu cresceu com o garimpo na década de 1920, na atualidade deixou de atrair pessoas, mas apresenta parte importante da história de Mato Grosso, tendo em vista que o seu desmembramento deu forma a seis novos municípios, entre eles o município de Primavera do Leste, há apenas 26 anos.

²¹ Portal Mato Grosso. Disponível em: <<http://www.mtseusmunicipios.com.br/>>. Acesso em: 12/05/2012.

²² Entrevista cedida ao Instituto memorial Professora Nívea Denardi no ano de 2009.

²³ Evolução populacional. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=510704#>>. Acesso em: 10/06/2012.

²⁴ Encontramos registros sobre a ocupação territorial dessa etnia no Mato Grosso, onde a disputa por terra, o decréscimo desse grupo, a discriminação social e cultural, a conversão religiosa, são aspectos consideráveis para a compreensão dessa população. Fonte: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/print>>. Acesso em 13/06/2012.

abriga cerca de 1.600 indígenas, por conta da proximidade e da infraestrutura; constantemente, parte deles transitam nos espaços urbanos do município e alguns deles frequentam as escolas em Primavera do Leste²⁵.

Figura 6 - Aldeia Sangradouro, 2006.



Fonte: Instituto Memorial Profª Nívea Denardi, Primavera do Leste.

Na Figura 06 os Xavantes da Aldeia Sangradouro jogam futebol, uniformizados percorrem o campo sem gramado; ao fundo, outros da comunidade assistem à partida; tal prática apresenta uma comunidade em proximidade com a cultura de outros grupos étnicos na área urbana²⁶.

No decorrer desse capítulo buscou-se dimensionar as ocupações no Estado do Mato Grosso, especialmente na cidade de Primavera do Leste, que perpassam ruas, casas, praças, aldeias e, principalmente, escolas, onde algumas pessoas saboreiam chimarrão, outras “disputam” a tapioca ou pamonha na feira municipal, dividem-se entre apreciar um bom churrasco ou um saboroso peixe com farofa de banana-da-terra, acompanhado de pequi²⁷ com arroz; há os que dançam o vaneirão e aqueles que preferem o batuque nordestino, hibridismo cultural que transita pelas escolas. As danças típicas estão presentes em alguns projetos escolares, assim como expressões verbais e culturais diversificadas entre

²⁵ Reserva Sangradouro. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/revistaagrar/revistas/3/2_gomide_e_kawakubo.pdf>. Acesso em 13/06/2012.

²⁶ As fotografias utilizadas nesta dissertação, embora estejam vinculadas aos acervos públicos (memorial da cidade e das escolas públicas), não apresentam indicação dos autores e/ou fotógrafos.

²⁷ Fruto do cerrado.

educadores e alunos, aspectos que nos encaminham para o espaço escolar, no intuito de percebermos as suas histórias, identidades e memórias. Por isso, no decorrer dessa investigação foram consideradas as identidades, importantes na composição das noções de Patrimônio Cultural das comunidades escolares, considerando que tais relações existem entre a cidade, as famílias e as escolas, em análise, no município de Primavera do Leste, com o intuito de refletir sobre os seus múltiplos sentidos.

2 O ESPAÇO ESCOLAR NA PERSPECTIVA HISTÓRICA E CULTURAL

Para chegarmos ao “século” da escola no Brasil (1870-1990), pensando na educação popular, segundo Marcílio (2005), tínhamos como entrave para o desenvolvimento educacional o meio rural, por conta da população rarefeita, dispersa, a imensidão geográfica do país, aspectos que impediam a expansão da escolarização. A partir da década de 1970 as políticas de urbanização cresceram ao ponto desses dados refletirem na construção e ampliação dos espaços escolares no país, transformações nos percentuais de crianças e adolescentes fora da escola que, na atualidade, segundo o IBGE, se apresentam assim:

Tabela 1 - Percentual de pessoas que não frequentavam escola na população de 7 a 14 anos de idade e de 15 a 17 anos de idade, segundo as Grandes Regiões - 2000/2010

Grandes Regiões	Percentual de pessoas que não frequentavam escola na população de 7 a 14 anos de idade (%)		Percentual de pessoas que não frequentavam escola na população de 15 a 17 anos de idade (%)	
	2000	2010	2000	2010
Brasil	5,5	3,1	22,3	16,7
Norte	11,2	5,5	26,9	18,7
Nordeste	7,1	3,2	23,0	17,2
Sudeste	3,7	2,8	19,8	15,0
Sul	3,5	2,2	24,8	18,6
Centro-Oeste	4,5	2,8	22,5	16,9

Fonte: IBGE. Resultados Preliminares da Amostra do Censo Demográfico

Segundo a Tabela 1²⁸, o número da população, na região do Centro-Oeste, fora da escola nos últimos dez anos também foi de decréscimo, isso ocorreu em maior proporção entre a faixa etária de 15 a 17 anos²⁹.

Aliado a essa composição estrutural, pensar sobre a instituição escolar envolve a sua materialidade, representação e apropriação, isto é, as condições físicas, a arquitetura, os equipamentos, o material didático, pois a

²⁸ IBGE. Censo 2010. Aumento da escolaridade. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2018&id_pagina=1>. Acesso em: 01/08/2010.

²⁹ Em 2008 foi criado o primeiro Centro de Educação para Jovens e Adultos na cidade de Primavera do Leste, anteriormente parte do EJA era desenvolvido na E. E. J. R. V.

estrutura organizacional da escola traduz a sua materialidade, o suporte físico das suas práticas educativas. A representação tem o sentido atribuído à função executada pela instituição, como as suas memórias (tradições), planejamento das ações, modelos pedagógicos, currículo, ou seja, a sua “materialidade-conteúdo”. A apropriação, nesta perspectiva de Saviani (2007, p. 24-25), reside nas práticas pedagógicas, onde ocorrem as aprendizagens ou incorporações do ideário pedagógico, delineando a identidade dos sujeitos na escola.

A cultura escolar como objeto histórico permite que visualizemos nas práticas culturais a abundância de fontes que, por vezes, são ignoradas, as quais podem ser compostas pelas produções dos alunos, pelo mapeamento nas relações dos educadores, dos alunos juntamente aos seus familiares, num sentido antropológico, que perpassa por inculcações, mas principalmente por transmissões multiculturais (JULIA, 2001).

As matrizes teóricas da Nova História Cultural contribuem na exploração das percepções culturais. Melo (2007) apresenta, na perspectiva thompsoniana, a antropologia simbólica, considerando a transformação histórica, a particularidade contextual os dados empíricos:

Thompson propõe uma outra maneira de buscar e investigar as experiências [...] nos seus modos de vestir e de morar, de comemorar, de festejar, de cantar, de transmitir suas tradições orais, de viver com elas ou de resistir às transformações também como vivência cotidiana, em seu dia-a-dia, e esta é uma nova maneira de ver a luta de classes em seu processo histórico. (MELO, 2007).

Em consonância, a investigação do espaço escolar, permeado por práticas cotidianas que caracterizam a sua produção cultural, coexistem subversões ou táticas que promovem a dinâmica (in) determinada do fazeres sociais, isto é, a anti-disciplina. E, nesse sentido, Certeau (1994, p. 175) menciona que:

[...] seguir o pulular desses procedimentos que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegítimada, desenvolvidos e insinuados nas redes de vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis, mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividade sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos, hoje atravancados, da organização observadora.

Por isso, diferentes percepções do dia-a-dia escolar serão alinhavadas nesta pesquisa histórica, um campo de questões sobre os discursos que dialogam entre a escrita e as significações que perfazem um estudo que caracteriza as práticas escolares num acervo cultural em certa medida “oculto” ou naturalizado. Para tanto, um breve histórico das escolas, escolhidas nesta pesquisa, darão as cores do cenário desta investigação, como se poderá observar nas análises seguintes.

2.1 UM BREVE HISTÓRICO DAS ESCOLAS EM ANÁLISE

A investigação foi realizada em duas escolas da rede estadual do Mato Grosso, região Sudeste, no município de Primavera do Leste, a 240 km de distância da capital Cuiabá, em uma área de 5.472 km². A primeira é a Escola Estadual João Ribeiro Vilela (ensino regular), com 73 educadores e 829 alunos. E a Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas (Educação de Jovens e Adultos) onde trabalham 71 educadores e registra 1.168 alunos³⁰.

No decorrer do trabalho serão analisados questionários que foram aplicados nas duas escolas, somando-se em 04 turmas (8^a série/9^o ano) do Ensino Fundamental, totalizando 93 alunos e 20 educadores.

De acordo com os dados do IBGE (2011), no município de Primavera do Leste o número de docentes por série é de: 380 para o Ensino Fundamental; 136 para o Ensino Médio; e 47 para a Pré-escola. O número de escolas por série é de: 21 para o Ensino Fundamental; 08 para o Ensino Médio; e de 17 para a Pré-escola. O número de matrículas é de 8.530 no Ensino Fundamental; 2.604 no Ensino Médio; e 1.315 na Pré-escola.³¹

O Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) na E. E. Getúlio Dornelles Vargas foi aprovado em 10 de fevereiro de 2009, com sede no Município de Primavera do Leste - MT, à Av. São João, 564. A escola foi criada em 1989, conforme o Decreto nº 987, de 06/09/89, reconhecida pela Portaria nº 3.277/92,

³⁰ Dados fornecidos pelas respectivas escolas ao Educacenso, ferramenta do MEC para composição do IDEB, no ano de 2011.

³¹ PRIMAVERA DO LESTE/MT – ESCOLAS, DOCENTES, MATRÍCULAS. Censo Educacional IBGE 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=510704#topo>>. Acesso em: 06/05/2012.

publicada no Diário Oficial e mantida pela Rede Oficial de Ensino do Estado de Mato Grosso.

O patrono da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja, Rio Grande do Sul, e em seu mandato como Presidente do Brasil, na década de 1940:

[...] fez um longo sobrevoo na região do Araguaia, a convite do então governador de Goiás, Pedro Ludovico. Ao ver uma vastidão de florestas cortadas por rios imensos, concluiu abismado: “É o branco do Brasil Central”. Para mudar essa realidade, o presidente encarregou o ministro da Coordenação de Mobilização Econômica, João Alberto Lins de Barros, de promover a interiorização do Brasil. Assim nasceu a Fundação Brasil Central, FBC. Em seguida, foi anunciada a criação da Expedição Roncador-Xingu, cujo objetivo era ser ponta de lança do avanço progressista, com a função de mapear o centro do país e abrir caminhos que ligassem a região ao resto do país.³²

Neste contexto, a escolha do patrono da escola pode estar relacionada tanto aos incentivos de Vargas na ocupação na região do Mato Grosso (Centro-Oeste), como o fato de parte dos migrantes, que compõem o município de Primavera do Leste, ser oriunda da região Sul³³.

Figura 7 - Fachada da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2011.



Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas (2011).

³² Site ROTA BRASIL OESTE, A Marcha para o Oeste – A maior aventura do século 20, 28/11/2004. Artigo disponível em: <<http://www.brasiloeste.com.br/2004/11/a-marcha-para-o-oeste/>>. Acesso em: 07/05/2012.

³³ Contudo esta escola estadual, na atualidade voltada para a modalidade EJA, recebe alunos e educadores oriundos de diversas regiões do país, que residem em diferentes regiões da cidade.

Na Figura 07 visualizamos a fachada que homenageia o ex presidente gaúcho, localizada na área central da cidade; os seus alunos residem nas mais diferentes localidades (principalmente na periferia³⁴ e áreas rurais) no município de Primavera do Leste³⁵. A autoria da fotografia 07 não foi identificada, a mesma compõe o acervo do escolar da E. E. G. D. V., o enfoque está na fachada e parte externa da escola. Coube considerar, especialmente, nas análises das fotografias, dos acervos escolares, os referenciais internos e da construção da imagem (tema, personagens, lugar, planos, disposição dos personagens, etc.)³⁶.

Sua caracterização é composta por 13 (treze) salas utilizadas como sala de aulas e plantões, laboratórios e oficinas. Conta com 1.168 alunos matriculados por área de conhecimento e disciplina, 37 turmas, 01 biblioteca, 01 quadra esportiva sem cobertura, 01 laboratório de informática; funciona no período matutino, vespertino e noturno, onde trabalham: Diretora: 01 (uma); Secretário: 01 (um); Coordenadora Pedagógica: 01 (uma); Coordenadores de Área: 03 (três); Professores: 43; Técnicos Administrativos: 18; Técnico de Laboratório de Informática: 01; Auxiliar de biblioteca: 01; Vigias: 03; Agentes de Pátio: 01.

Figura 8 - Cantina da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas (2012)



Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas (2012).

³⁴ Bairro Cetro-leste, Eldorado, Primavera III, São José, São Cristovão, Cohab Jaime Campos, Cohab Tancredo Neves, etc. (Dados do Acervo escolar da E. E. G. D. V., 2012).

³⁵ No período matutino é possível visualizar, após as aulas, os ônibus que levam alguns alunos que residem nas fazendas e outras regiões.

³⁶ Cf. Molina (2012).

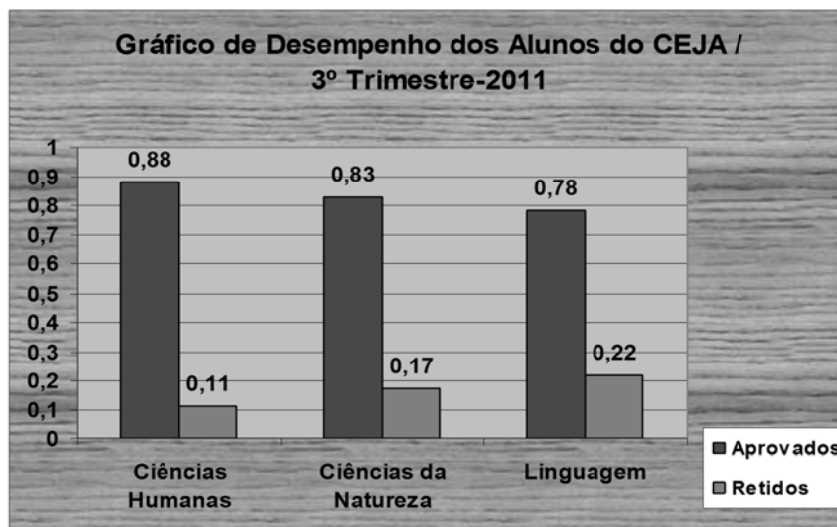
Na fotografia da Figura 08 é possível observarmos os alunos do CEJA durante o recreio em fila, para retirarem o lanche, quase todos uniformizados (os que não estão, usam camiseta branca); mas também se pode visualizar parte da estrutura da escola, paredes limpas, mesas com bancos em bom estado, mas de difícil remoção (facilitando a organização do espaço); acima da cantina uma pequena filmadora registra a movimentação dos alunos; alguns aspectos que condizem com as boas condições físicas da escola, apontadas no Projeto Político Pedagógico da mesma. A autoria desta fotografia não foi identificada, a mesma compõe o acervo escolar da E. E. G. D. V., e enfoca o espaço físico (cantina) e práticas cotidianas dos alunos.

Ao longo do ano letivo (2011) desenvolveram-se diversos projetos de forma interdisciplinar, destacando-se alguns: Mostra Cultural; O Estado de Mato Grosso: aspectos históricos, sócio-econômicos e culturais; Feira Expositiva e Recreativa de Ciências Naturais; Projeto Patrimônio e Cidadania; Projeto do carnaval; Grupo de Dança “Ababil”; Grupo de Capoeira; Jovens Leitores; Conhecendo o que é seu, Primavera do Leste; Horta Escolar; Melhorias para a Secretaria “Arquivo Ativo e Passivo”; Biblioteca Fácil; O Cidadão que Conhece sua História Preserva sua Memória; Informática a Serviço da Educação; Projeto Oportunizando Novos Saberes a Partir da Produção de “Sabonetes Glicerinado e Aromatizantes”³⁷.

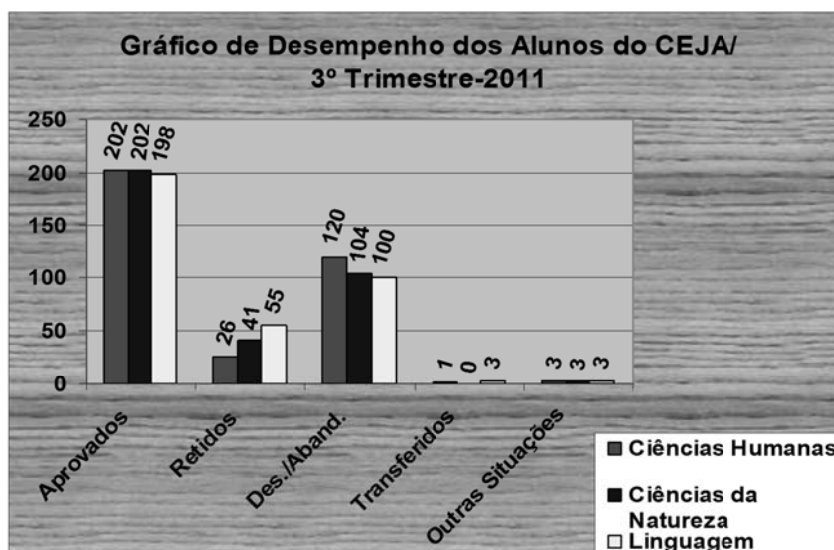
O CEJA está organizado por Áreas de Conhecimento: Área de Linguagem e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Ciências da Natureza e Matemática e suas Tecnologias, sendo o ano letivo organizado por trimestre, onde cada trimestre é ofertada uma área de conhecimento da fase e segmento frequentado pelo aluno³⁸. Seguem alguns Gráficos de desempenho por áreas de Conhecimento:

³⁷ Esses projetos estão mencionados no documento escolar (Projeto Político Pedagógico) da escola, alguns estão registrados com o mesmo nome nos acervos fotográficos da escola, contudo não foi possível ter acesso direto a eles, assim como, saber o detalhamento das ações de cada projeto.

³⁸ Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas (2011).

Gráfico 2 - Desempenho dos alunos da E. E. Getúlio D. Vargas

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas (2011).

Gráfico 3 - Rendimento e abandono escolar da E. E. Getúlio D. Vargas

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas (2011).

Ao se analisar os Gráficos de desempenho 02 e 03 percebe-se que o maior número de alunos retidos está na área da Linguagem, o maior número de desistente/abandono está na área de Ciências Humanas, contudo Ciências da Natureza e a área de Humanas obtiveram maior percentual de aprovados.

Segundo a coordenação desta escola, tais dados apresentam, em especial, grande número de alunos desistentes ou que abandonaram a escola em decorrência de receberem novas oportunidades de trabalho (além disso há aqueles alunos que se matricularam, mas nunca frequentaram a escola) o que, por vezes, não permite conciliar o estudo ao emprego. Além disso, ao se pesquisar as notas do

IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) da E. E. Getúlio D. Vargas, não se encontra notas: em 2009 está em branco e em 2011 não há média para a prova Brasil³⁹.

A segunda escola desta pesquisa, Escola Estadual João Ribeiro Vilela, localizada na Rua Arlindo Cornelli, 301, bairro Centro Leste, na cidade de Primavera do Leste, foi inaugurada no dia 12 de fevereiro de 1990, criada pelo Decreto nº 2.501 de 09/04/1990. No seu início atendia três períodos, havia ensino regular e ensino para educação de jovens e adultos, este último permaneceu até o ano de 2008; hoje ela funciona no período matutino e vespertino na sede, e no período noturno tem salas anexas, nas instalações de outra escola municipal, em outro bairro, distante do centro da cidade, chamado Primavera III, atendendo o Ensino Médio.

O Patrono da Escola, João Ribeiro Vilela de família ligada aos trabalhos do campo, nascido na então cidade de Caiapônia, estado de Goiás, foi o principal personagem do grupo de desbravadores que nos idos de 1919 adentraram na região Leste do Mato Grosso, já conhecida pelos índios Bororos e Xavantes⁴⁰. A história do patrono se assemelha ao processo de ocupação da região, em que muitos buscavam por melhores oportunidades de trabalho, terras e o enriquecimento nos garimpos na região.

O quadro profissional da E. E. João Ribeiro Vilela agrega: 47 professores e outros 22 educadores que atuam em diversas funções (diretoria, coordenação, apoio técnico, apoio administrativo, vigia, auxiliar de nutrição)⁴¹.

A Escola Estadual João Ribeiro Vilela pertence a uma região da cidade de Primavera do Leste onde os moradores são de baixo poder aquisitivo. Alguns alunos residem no próprio bairro da escola e outros em bairros distantes e/ou periféricos; no que tange à faixa etária, podemos encontrar uma grande diversidade. A escola oferece o ensino por ciclos de Formação Humana do 1º ao 3º ciclo, nos períodos matutino e vespertino. Nesta comunidade escolar ocorre uma realidade socioeconômica diferenciada, parte dos alunos depende de transporte escolar, às

³⁹ Segundo dados da E. E. G. D. V. (2012) o percentual de alunos que moram nos Bairros Centro-Leste, Novo Horizonte e Parque Eldorado (bairros que circundam a E. E. João Ribeiro Vilela) varia de 18% a 27%.

⁴⁰ Portal da prefeitura de Poxoreu. Disponível em: <<http://www.poxoreu.mt.gov.br/nossacidade/historia/antoniocandido.htm>>. Acessado em: 07/06/2012.

⁴¹ Projeto político pedagógico da Escola Estadual João Ribeiro Vilela (2011).

vezes, este aspecto dificulta o processo de deslocamento até a escola, principalmente nos dias de chuva.

Alguns dos projetos desenvolvidos nesta escola entre os anos de 2009 a 2011 foram: Projeto Folclore; Projeto Valores; Projeto Diversidade cultural; Projeto conhecendo o Mato Grosso⁴².

A estrutura física é composta por: 14 salas de aula, 02 banheiros para funcionários, 01 biblioteca, 01 cantina, 01 quadra esportiva coberta, 01 laboratório de informática, 01 cozinha, 03 banheiros para alunos, 01 sala de vídeo, 01 sala de coordenação, 01 sala de professores, 01 sala de diretor, 01 banheiro para os professores.

Figura 9 - Pátio da Escola Estadual João Ribeiro Vilela



Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela (2009).

Na Figura 09 podemos visualizar a parte interna da Escola Estadual João Ribeiro Vilela, a qual possui uma pequena arborização, bancos de difícil remoção, paredes pintadas em cores claras e limpas; ao fundo da fotografia estão a coordenação, a diretoria e a secretaria, localizadas em pontos que favorecem ampla visualização de todo o espaço interior escolar. A autoria desta fotografia não foi identificada, a mesma compõe o acervo escolar da E. E. J. R. V., e enfoca o espaço físico (pátio) da escola.

⁴² Embora os projetos estejam mencionados no Projeto Político Pedagógico, não se obteve acesso direto a sua formulação; durante o trabalho de campo foram colhidas algumas informações de alguns educadores por meio do acervo fotográfico, onde há imagens de algumas ações.

Figura 10 - Quadra esportiva da Escola Estadual João Ribeiro Vilela



Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela (2011).

Na fotografia da Figura 10, em primeiro plano, alguns alunos se apresentam na quadra esportiva da Escola Estadual João Ribeiro Vilela, com algumas alunas em caracterizações de trajes indígenas e um aluno indígena - este, diferentemente das colegas, usa chinelos, e a camiseta do mesmo parece ser o antigo uniforme da escola. O espaço esportivo foi construído em 2010, ampliando e melhorando a estrutura da escola⁴³. A autoria da fotografia não foi identificada, a mesma compõe o acervo escolar da E. E. J. R. V., enfocando as apresentações de alunos no Projeto Diversidade Cultural, o excesso de luminosidade compromete a visualização do documento.

Segundo o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), a escola Estadual João Ribeiro Vilela apresenta, no Ensino Fundamental, os seguintes números:

⁴³ A fotografia do acervo escolar apresenta grande luminosidade tirando parte do foco, no entanto ela possibilita que visualizemos parte de seu espaço físico (bastante indicado como Patrimônio Cultural por alunos e educadores) e a recorrente representação do indígena (além de outros grupos étnicos e culturais), entre os diferentes alunos, divergindo do cotidiano escolar.

Tabela 2 - Notas do IDEB da E. E. J. R. V. (2009)

Escola	2005	2007	2009	2007	2009	2011	2013	2015	2017
EEPG JOAO RIBEIRO VILELA	2.2	3.8	3.7	2.3	2.6	3.0	3.6	4.1	4.3

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2012).

Na Tabela 2, a média da escola para os alunos da 8ª série/9º ano em 2009 era de 3,7; no ano de 2011 esse número subiu para 3,0⁴⁴.

Gráfico 4 - Rendimento escolar da E. E. João Ribeiro Vilela

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela (2009).

Conforme o Gráfico 04, o abandono é uma problemática muito preocupante para esta escola; segundo a Coordenação, as dificuldades na aprendizagem e o abandono dos alunos estão atrelados às questões socioeconômicas; além disso, o número de profissionais interinos (temporários) compromete no desenvolvimento de ações que precisam ocorrer de forma constante.

Desse modo, esquadrihar os atores sociais do espaço escolar contribui na compreensão do universo escolar que, por vezes, transgride os seus muros, constituído por culturas escolares:

⁴⁴ Fonte: <<http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acessado em: 17/12/2012.

Podemos, por ejemplo, referirnos a la cultura específica de un establecimiento docente determinado, de un conjunto o tipo de centros por contraste con otros — por ejemplo, las escuelas rurales o las facultades de derecho —, de un área territorial determinada o del mundo académico en general por comparación con otros sectores sociales. También podemos ofrecer una perspectiva individual, grupal, organizativa o institucional de algún aspecto de dicha cultura. Por último, la expresión anterior — “conjunto de aspectos institucionalizados” — incluye prácticas y conductas, modos de vida, hábitos y ritos — la historia cotidiana del hacer escolar —, objetos materiales — función, uso, distribución em el espacio, materialidad física, simbología, introducción, transformación, desaparición... —, y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas. (FRAGO, 1995, p. 68-69).

Para Frago (1995), o pensar sobre as expressões culturais, que transitam o universo escolar, é algo amplo, que integra espaço social, tempo histórico, relações interpessoais e percepções individuais. Por isso, analisa-se a seguir alguns relatos sobre as relações das escolas no município de Primavera do Leste.

2.2 A PRODUÇÃO DAS IDENTIDADES E MEMÓRIAS: ENTRE A CIDADE E O ESPAÇO ESCOLAR

Juntamente ao cenário matogrossense, os movimentos migratórios na região, é preciso considerar suas consequências na (re)construção das identidades e memórias que transitam nas E. E. João Ribeiro Vilela e E. E. Getúlio Dornelles Vargas no município de Primavera do Leste, a qual é composta por diversidade étnica e cultural, especificidades que contribuem nas múltiplas percepções de Patrimônio Cultural fora e dentro da escola.

Ao se alavancar o registro de expressões culturais surgem conceitos essenciais na compreensão do patrimônio brasileiro, como o de identidade e memória. Para Meneses (1993, p. 12), falar sobre identidade implica em visualizar conjuntamente: semelhanças, diferenças e poder, aspectos que apresentam hierarquias sociais, classificações, exploradas nos conflitos étnicos, culturais e políticos. A dinâmica sociocultural, a interação entre as sociedades também compõe a construção e reconstrução da identidade; pensar em perda ou em resgate são objetivos equivocados, enquanto identificar e analisar sua historicidade propõe um

desafio na compreensão do fenômeno, o qual perpassa por necessidades e relações com o presente.

Para Canclini (2008), ocorre um processo intercultural nas instituições em que coexistem o conflito e a negociação:

As identidades se constituem não só no conflito bipolar entre classes, mas também em contextos institucionais de ação – uma fábrica, um hospital, uma escola – cujo funcionamento se torna possível na medida em que todos os seus participantes hegemônicos ou subalternos, os concebem como uma “ordem negociada”. (CANCLINI, 2008, p. 202, grifo do autor).

Para dialogar com tais proposições, onde as identidades nos espaços institucionais exercem determinadas formas de convívio, deve-se articular o conceito de memória, em que será utilizado, como referencial, Nora (1993), para pensar a função da memória e sua relação aos referenciais na escola:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 12).

Esta necessidade em registrar as memórias na escola sugere pensar nos inúmeros simbolismos que marcam os grupos que por ela transitam. Para tanto, se utilizará, aqui, um relato de uma educadora, Gleibiane David Rech Silva, oriunda de Caiapônia/Goiás, a qual atuou nos anos de 1996 até 2008 como professora de Ciências Biológicas, na E. E. João Ribeiro Vilela no ensino de EJA; desde 2009 trabalha no Centro de Formação de Educadores da rede estadual na cidade de Primavera do Leste⁴⁵.

Tais experiências, segundo Meihy e Holanda (2010), apresentam um conjunto de fontes orais, reconhecidas como história viva, que permite captar diferentes histórias, formulação de consciência comunitária. Entre elas o gênero de História Oral Temática é uma metodologia que segue em entrevistas que

⁴⁵ A justificativa na escolha desta educadora está no fato de a mesma conhecer as práticas nas distintas escolas no município (na rede estadual e municipal), por ter experiência como professora e formadora. Atuou como formadora dos educadores nas duas escolas desta pesquisa, além de lecionar em escolas privadas e municipais na cidade, assim considera-se que isso amplia suas percepções entre o universo escolar, e entre as relações na cidade com as escolas.

esclarecem situações contraditórias, assim, os pontos específicos da vida pessoal do narrador devem estar ligados à temática central desta pesquisa.

A professora Gleibiane, ao ser questionada sobre os grupos que estudavam e trabalhavam na Escola E. J. R. V., descreve:

[...] João Ribeiro era assim, todas as etnias presentes, do índio ao branco, o pessoal do sul, tinha o pessoal de Poxoréu [que é uma cidade próxima], de Cuiabá, pessoal do Maranhão [que tava chegando pra cá devido a ter serviço pra eles], mão de obra que aqui precisa muito, goiano, mineiro, tinha muitos alunos de Minas, paulistas, então assim um caldeirão, com ideias bem diferentes [...]. (SILVA, Gleibiane David Rech, 2012).

Somado às diferenças culturais e étnicas, a professora discorre sobre como era, na década de 1990, a relação das pessoas na cidade de Primavera do Leste com a E. E. J. R. V.:

[...] de 1998 até 2002 a Escola João Ribeiro foi bastante estigmatizada, pra você ter uma ideia quando a diretora ligou porque havia aulas de biologia e ela não tinha professores com formação, uma professora da própria escola me disse - acho melhor que você não vá, porque lá não é ambiente pra você, os alunos são difíceis, de gangue, que brigam. (SILVA, Gleibiane David Rech, 2012).

Ao lembrar como a escola era percebida, ela pondera sobre possíveis exageros quanto à imagem que construíam sobre a mesma. Outro aspecto importante do relato da professora Gleibiane está em a discriminação da escola e dos alunos estar atrelada a sua localização na periferia da cidade:

[...] realmente houve momentos de questões de brigas dentro da escola, mas assim, foram eventos que aconteceram e por a escola já ser localizada no bairro centro-leste, a famosa do outro lado da cidade, depois, lá região da B. H. [na Avenida Belo Horizonte], depois da MT que vai para Paranatinga. Porque aqui na cidade considera-se essa MT de Paranatinga, eu vejo na época como o muro de Berlim entre aspas, que separa as duas cidades. Ainda é até hoje, havia essa separação clara, praticamente de duas cidades, a cidade do lado de cá da MT, que vai para Paranatinga, e justamente a escola João Ribeiro fica do lado de lá, então só o fato dela se localizar do lado de lá da MT já configura um fator pra que ela sofra preconceito, que os alunos sofram preconceito. (SILVA, Gleibiane David Rech, 2012).

Segundo o relato, a divisão da cidade está correlacionada à localização da escola e aos aspectos socioeconômicos da comunidade escolar, diferenciados de outras escolas no município de Primavera do Leste.

Para se compreender melhor estes embates, segue o Mapa 3.

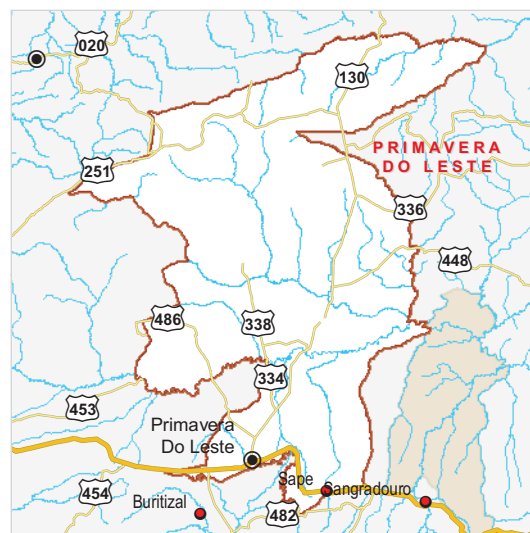
Unidade de Ensino Município de Primavera do Leste



Perímetro Urbano de Primavera do Leste - MT










Município de Primavera do Leste



Localização no Estado



Legenda

-  Unidade de Ensino
-  Sede Municipal
-  Outras Localidades
-  Rede Hidrográfica
-  Rodovia Federal
-  Centro da Cidade
-  Limite do Município

De acordo com o Mapa 3 pode-se observar a Escola E. J. R. V. à direita, abaixo da MT 130, enquanto a Escola Estadual G. D. V. (CEJA) está à esquerda, na região central; contudo parte de seus alunos também se desloca da região abaixo da MT 130 para estudar lá, visto que o CEJA recebe alunos de todas as regiões da cidade.

No decorrer da entrevista, a professora Gleibiane argumentou sobre a migração de parte dos alunos, os quais chegavam de outras cidades para a E. E. J. R. V, aliando às condições socioeconômicas dos mesmos. Nesta fase a escola também ofertava o ensino de EJA no período noturno, iniciado na década de 1990 até o ano de 2008⁴⁶:

[...] a razão de receber também alunos oriundos de vários municípios, de vários estados brasileiros, alunos muitas vezes com uma renda que não estava dentro do padrão de Primavera [...] em 1996 tínhamos pessoas muito ricas e ainda temos pessoas muito ricas aqui, mas naquela época ainda mais, porque assim o que eu ouço contar que houve um tempo que o dinheiro era dólar, não era nem o dinheiro daqui, então a separação entre ricos e pobres é muito grande, e esses alunos por essa questão de ser de baixa renda, boa parte deles, também era alvo de preconceitos, então foram fatores que contribuíram para que a escola fosse vista daquela forma. Como a escola onde só havia brigas, problemas [...] e na verdade não era isso, nós tínhamos um público que era de alunos jovens e adultos, alunos com muito conhecimento, senhores que já vinham com toda uma história de vida [...] tínhamos os jovens, mas esses senhores eram a maioria, e na verdade o trabalho em sala de aula, nossa prática em sala de aula era muito tranquila [...] e o que a sociedade via era uma coisa completamente diferente do trabalho que era desenvolvido dentro da escola. (SILVA, Gleibiane David Rech, 2012).

Para a educadora, a condição econômica e a localização da escola eram aspectos que recaíam negativamente sobre a comunidade escolar; o cotidiano na escola era algo desconhecido por muitos moradores da cidade, os quais não visualizavam que ali também ocorreriam práticas de ensino e aprendizagens.

Ao se questionar a professora Gleibiane sobre as práticas e identidades dos grupos que perpassam tanto as ruas como as escolas de Primavera do Leste ela disse:

⁴⁶ Após 2008 os alunos de EJA foram transferidos para o Centro de EJA, na área central, na E. E. Getúlio D. Vargas.

[...] em Primavera do Leste eu senti falta de conhecer realmente essa cultura de Mato Grosso, de ter essa identidade de Mato Grosso, inclusive agora eu consigo visualizar bem essas tradições, me considerar como matogrossense, porque eu passei a ter um conhecimento maior [...] aqui em Primavera, quando eu cheguei, o que imperava era a questão do gaúcho, as tradições do sul, toda cultura do gaúcho, a gente notava isso nas festas, no C. T. G.⁴⁷, muitas festas no C. T. G., até mesmo a organização quando você ia num jantar em uma casa de pessoas do sul, mulher de um lado, homens de outro, o prato típico servido era o churrasco, cuca, tudo isso eu não tinha quando estava em Rondonópolis⁴⁸, já é uma diferença grande. (SILVA, Gleibiane David Rech, 2012).

Os relatos da professora trazem à tona vários elementos apresentados no primeiro capítulo desse trabalho, seja pela intensa ocupação migratória, pelo escamoteamento ou silenciamento de algumas práticas, na predominância cultural de alguns grupos, evidenciada por muitos momentos nas diferenças sociais, assim como nas relações da escola com a cidade. Tais aspectos apresentam as identidades como um fenômeno social de forma dinâmica:

Com efeito, não só a identidade é um processo incessante de construção/reconstrução, como também ganha sentido e expressão nos momentos de tensão e ruptura – precisamente quando se aguça a percepção da diferença e sua presença se faz mais necessária. Assim, não existe identidade em abstrato. A identidade só poder ser identificada 'em situação'. (MENESES, 1993, grifo do autor).

Utilizando da experiência da professora Gleibiane, a qual trabalhou na rede municipal e estadual, foi perguntado se ela conseguiria apontar algumas diferenças culturais entre as escolas no município, a resposta foi:

As escolas de elite há predominância de sulistas [...] hoje principalmente nas escolas particulares, quanto até em algumas estaduais, até pela própria localização [...] o Getúlio⁴⁹ também, antes de passar a ser CEJA, a atender só alunos de EJA, ele tinha isso também, principalmente turmas do matutino, você tem alunos com uma renda melhor, então assim, mais o sulista mesmo.

⁴⁷ Centro de tradições gaúchas.

⁴⁸ Cidade do Mato Grosso a 220 km de distância de Primavera do Leste.

⁴⁹ A professora está se referindo à E. E. Getúlio D. Vargas.

A partir desse universo conflituoso entre os diferentes grupos, questionamos a educadora sobre a percepção de Patrimônio Cultural na escola Estadual João Ribeiro Vilela e ela diz:

O aluno traz experiências do seu dia a dia para escola [...] por exemplo, senhor Antonio e senhor Jarismar trouxeram todo conhecimento passado pelos pais sobre as plantas do cerrado e esse conhecimento eles utilizaram para desenvolver um projeto na escola, e ganharam até um prêmio. (SILVA, Gleibiane David Rech, 2012).

A experiência familiar do aluno somada ao conhecimento escolar são elementos do cotidiano que passaram a ser reconhecidos como “patrimônio vivo”⁵⁰ pela educadora, onde as práticas, a recepção e manipulação do saber são transformadas de acordo com suas experiências⁵¹.

Através dos relatos da educadora Gleibiane percebe-se que, por entre as comunidades escolares desta pesquisa, há movimentos identitários, embates sociais, diferentes sentidos que a escola/comunidade pode representar dentro da cidade, ao que tudo indica, nesta pesquisa, de afetividade para a professora Gleibiane, mas também, segunda ela, de discriminação por outros alheios a realidade da escola.

Outro aspecto relacionado às identidades no espaço escolar está no fluxo migratório dos grupos nas escolas e na hegemonia da cultura sulista nas festividades, ruas e comércios na área central da cidade, entre outros aspectos, conforme apontado no relato da professora Gleibiane e apontado no capítulo 1.

Do mesmo modo, na percepção da professora, as escolas são identificadas de forma diferenciada, dependendo da sua localização e da condição socioeconômica da sua comunidade. Portanto, esses dados compõem um quadro de experiências a serem consideradas na construção do conhecimento sobre Patrimônio Cultural.

Assim, na sequência deste trabalho se discorrerá sobre os dados socioeconômicos, apresentando os perfis dos alunos e educadores das escolas, aqui, em estudo, correlacionando às considerações acerca do que os grupos valorizam no espaço escolar, no cotidiano.

⁵⁰ Considera-se o saber fazer, repassado entre familiares.

⁵¹ CERTEAU, 2004.

2.3 ESQUADRINHANDO OS ATORES SOCIAIS NO ESPAÇO ESCOLAR

Através dos questionários socioeconômicos⁵² buscar-se-á apresentar os atores sociais do espaço escolar que será composto por educadores e alunos da E. E. João Ribeiro Vilela e da E. E. Getúlio Dornelles Vargas. No quadro abaixo estão descritos os números dos grupos em análise:

Quadro 1 - Dados quantitativos da amostragem na pesquisa – E. E. João Ribeiro Vilela

Grupos da E. E. João Ribeiro Vilela	Período de atividades escolares	Questionário socioeconômico e instrumento de investigação
Educadores	Matutino e Vespertino	10
Turma A - (8ª série/9º ano)	Matutino	23
Turma B - (8ª série/9º ano)	Matutino	20
TOTAL		53

Org.: PITAS, J. R. (2012).

Quadro 2 - Dados quantitativos da amostragem na pesquisa – E. E. Getúlio D. Vargas

Grupos da E. E. Getúlio D. Vargas	Período de atividades escolares	Questionário socioeconômico e instrumento de investigação
Educadores	Matutino, Vespertino e noturno	10
Turma A - (8ª série/9º ano)	Matutino	24
Turma B - (8ª série/9º ano)	Matutino	26
TOTAL		60

Org.: PITAS, J. R. (2012).

Nos Quadros 1 e 2 podemos observar um breve detalhamento sobre o número de alunos e de educadores, para uma melhor compreensão dos dados a seguir, por grupo, que delinearam os perfis dos diferentes grupos que compõem as escolas; posteriormente será possível estabelecer algumas comparações, assim como identificar possíveis diferenças e semelhanças entre os mesmos.

⁵² Ver Apêndice I.

2.4 O PERFIL DOS EDUCADORES

a) O perfil dos educadores da E. E. G. D. V.

A aplicação dos questionários, para esse grupo, ocorreu a pedido da coordenação, durante a sala do educador⁵³. Entre os 10 educadores que participaram desta pesquisa, todos são docentes, 04 são mulheres e 06 são homens, estando divididos nas seguintes faixas etárias: 02 educadores entre 25 a 35 anos, 05 entre 36 a 46 anos e 03 entre 47 e 57 anos. Todos moram no município de Primavera do Leste: 06 moram de 5 a 10 anos, 01 está há menos de 5 anos, 01 está de 11 a 16 anos e 02 acima de 17 anos. Contudo, ao se cruzar a idade dos educadores com o tempo de moradia constata-se que todos são migrantes. A renda familiar é de 2 a 4 salários mínimos nacionais para 04 deles, de 5 a 7 salários para 03 deles, de 8 a 10 salários para 01 pessoa, e mais de 10 salários para 02 pessoas. Esta escola, como outras na região do Mato Grosso, conta com um número considerável de interinos e esse fator promove um diferencial salarial, tendo em vista que os efetivos contam com progressão nos seus rendimentos.

Entre as possibilidades que atraem educadores para a rede estadual pode estar relacionada a oferta de concursos a cada dois anos (em média), os salários aparecem entre os melhores do país⁵⁴, o estado do Mato Grosso cumpre os 33% de hora atividade, a carga horária é de 30 horas (sendo 20 horas em sala e 10 horas para hora atividade), os efetivos têm direito a afastamento remunerado para qualificação profissional (mestrado e doutorado) além disso os Centros de Formação Continuada (CEFAPRO/SEDUC-MT) atuam nas escolas em parceria com o Ministério da educação e Universidades, no intuito de promover melhorias, nos processos de ensino e aprendizagens.

O acesso à internet em casa é comum para 09 deles, chama a atenção o fato de a maioria dos pais dos docentes possuírem apenas o ensino do 1º Grau Incompleto; para cerca de 04 pais e 05 mães, apenas 01 pai de docente possui Ensino Superior.

⁵³ A sala do educador ocorre em períodos em que todos os educadores se reúnem para planejamento das ações educativas e formação continuada dos educadores. Nas escolas de CEJA todos, inclusive os interinos, têm o contrato de trabalho de 30 horas: 20 horas são para sala de aula e as outras 10 horas em hora atividade, as quais serão utilizadas na sala do educador, assim eles se reúnem duas vezes por semana no período vespertino para o seu cumprimento.

⁵⁴ Ver Apêndice II.

Entre as atividades de lazer, em 1º lugar aparece a internet, em 2º, TV e música e em 3º, a religião. Todos os docentes possuem Graduação e 05 deles possuem Pós-Graduação em Educação, aspecto que informa qualificação considerável na atuação profissional.

A leitura anual predomina entre 1 a 3 livros para 05 docentes, de 4 a 7 para 03 pessoas, 8 a 12 para 01 pessoa e 01 docente deixou em branco. As leituras preferidas são revistas para 08 pessoas, jornais para 05 pessoas, 03 pessoas optaram pelos livros no geral, 01 pessoa escolheu romance e 01 pessoa assinalou a internet.

No que se refere à etnia, 06 educadores se consideram pardos, 03 brancos e 01 pessoa deixou de responder. A festividade escolar preferida é de 06 votos para junina, 02 pessoas assinalaram eventos culturais e 02 pessoas deixaram em branco. A escolha da festividade junina pode estar relacionada à economia da região, liderada pelo setor agrícola.

Quando questionados sobre o que mais gostam na escola, a resposta de 06 docentes foi para as pessoas, 05 pessoas marcaram o conhecimento, 01 pessoa indicou jogos, 02 pessoas para festividades, 01 pessoa para os espaços físicos, 01 pessoa para heterogeneidade do público, 01 pessoa para o recreio.

Observa-se que esse grupo⁵⁵ de educadores é variado, a maioria está na faixa etária entre os 36 a 46 anos, a predominância é masculina e de pardos, todos possuem Graduação, metade possui Pós-Graduação, todos são oriundos de outras cidades, o hábito de leitura como lazer foi pouco assinalado, o entretenimento preferido é a internet, a TV, a música e a religião. Um número considerável de docentes disse que seus pais tiveram apenas o Ensino Fundamental completo e incompleto. Em torno de 80% dos educadores frequentaram escolas públicas no Ensino Fundamental e todos tiveram educação pública no Ensino Médio.

⁵⁵ Ver Apêndice III.

b) O perfil dos educadores da E. E. João Ribeiro Vilela

A aplicação dos questionários para esse grupo foi realizada no período matutino e vespertino, em diferentes espaços (sala do professor, secretaria e coordenação).

Responderam os questionários 10 educadores, sendo todos do sexo feminino. A idade desse grupo está entre 36 a 46 anos para 08 pessoas, e 02 pessoas de 47 a 57 anos. Todos os educadores moram em Primavera do Leste, 01 pessoa mora há menos de 5 anos, 05 pessoas moram entre 11 a 16 anos, 04 pessoas moram acima de 17 anos. Os que possuem computador com internet em casa somam 07 educadores e 03 pessoas disseram que não possuem.

Este grupo está composto por 08 docentes e por 02 técnicos administrativos educacionais. A escolaridade dos pais é de 04 pais e 05 mães com o 1º grau incompleto, 03 pais e 02 mães com o 1º grau completo, 01 mãe com 2º grau completo, 03 pais com superior completo e 01 mãe com superior incompleto, 01 pessoa não soube dizer a escolaridade da mãe⁵⁶. A identificação étnica está dividida em 04 pessoas pardas, 02 negras e 02 brancas.

A renda familiar dos educadores é de 5 a 7 salários mínimos para 07 deles, de 2 a 4 salários para 01 pessoa e de 8 a 10 salários para 02 pessoas.

Em relação ao estudo em escola pública, 09 estudaram o Ensino Fundamental e Médio em escola pública e apenas 01 pessoa estudou em escola particular no Ensino Fundamental e Médio. No que se refere à Graduação, 10 disseram que a possuem. Apenas 02 educadores disseram que não possuem Pós-Graduação e outras 08 pessoas que a possuem, principalmente em áreas da Educação.

Nesta pesquisa responderam que utilizam o tempo livre na seguinte ordem: 1º lugar para religião; 2º lugar para TV e livros; 3º, internet; 4º, música e revistas; 5º, cinema e esportes.

A leitura anual de livros foi de 1 a 3 para 05 deles, de 4 a 7 para 03 pessoas, de 8 a 12 para 01 pessoa e 01 pessoa deixou em branco. O hábito de leitura preferida para 02 pessoas foram jornais e revistas; para 01 pessoa,

⁵⁶ Pode-se ampliar as possibilidades para os que assinalaram que não sabem a escolaridade dos pais, considerando uma outra opção não mencionada, os analfabetos.

romances; 05 pessoas assinalaram “outros” (02 pessoas citaram a bíblia); e 01 pessoa não respondeu a questão.

A festividade preferida ficou bem dividida: 02 pessoas lembraram da festa junina; 02 pessoas, o dia das crianças; 01 pessoa, o dia das mães; 02 pessoas, da páscoa; 01 pessoa, dos projetos comunitários; 01 pessoa, do recreio dirigido; e 01 pessoa do aniversário da cidade⁵⁷.

Pode-se refletir, a partir dos dados, que este grupo é predominantemente feminino, onde a faixa etária está entre os 36 e 57 anos em sua maioria, todos moram na cidade, boa parte há mais de 10 anos, mas todos são oriundos de outras regiões; as atividades profissionais são diversificadas no espaço escolar, a renda familiar de 5 a 7 salários mínimos nacionais prevalece, a religião ganhou maior destaque no tempo livre e o aspecto étnico se apresenta neste grupo em maior quantidade, como sendo, entre pardos.

2.5 PERFIL DOS ALUNOS

a) Perfil dos alunos turma A da E. E. Getúlio D. Vargas

Os questionários foram aplicados no período matutino, durante a aula de História, onde surgiram muitas perguntas por parte dos alunos. Na turma A, 24 alunos participaram da pesquisa, sendo 15 do sexo masculino e 09 do sexo feminino. A faixa etária desse grupo está entre 15 a 25 anos para 17 pessoas, 04 pessoas entre 26 a 36 anos, 02 pessoas de 36 a 46 anos e 01 pessoa deixou em branco. Todos os alunos desse grupo moram em Primavera do Leste e, quando perguntados sobre as atividades profissionais, 08 pessoas deixaram em branco⁵⁸, 03 pessoas assinalaram serviços gerais, 02 pessoas são babás, 01 pessoa é jardineiro, 01 pessoa é eletricitista, 01 pessoa é operador de caixa, 01 pessoa é marmorista, 01 pessoa é mecânico, 01 pessoa é pintor automotivo, 01 pessoa trabalha na construção civil, 01 pessoa é cabeleireira, 01 pessoa é funileiro e 02 pessoas trabalham em lava-jato.

O tempo de moradia em Primavera do Leste foi indicado assim: 09 pessoas moram menos de 5 anos, 02 pessoas moram de 5 a 10 anos, 07 pessoas

⁵⁷ Ver Apêndice IV.

⁵⁸ As respostas em branco podem representar, em parte, um número de pessoas que não trabalham.

moram de 11 a 16 anos, 06 pessoas moram acima de 17 anos. Os que possuem computador com internet em casa foram 13 pessoas, e 11 pessoas disseram que não possuem.

A escolaridade dos pais foi de 11 pais e 10 mães com o 1º grau incompleto, 01 pai e 02 mães com o 1º grau completo, 2 pais com 2º grau completo, 1 mãe com 2º grau incompleto, 2 pais e duas mães com superior completo, 01 pai com superior incompleto e 02 mães com superior incompleto; 05 pessoas não souberam a escolaridade do pai⁵⁹, 06 pessoas não souberam da mãe e 01 pessoa declarou que a mãe é analfabeta. A identificação étnica é de 11 pessoas brancas, 07 pessoas pardas, 05 pessoas negras, e 01 pessoa se declarou amarela.

A renda familiar dos alunos é de 2 a 4 salários mínimos para 07 deles, de 01 salário para 6 pessoas, de 5 a 7 salários para 06 pessoas, de 8 a 10 salários para 03 pessoas e mais de 10 salários para 02 pessoas. Em relação ao estudo gratuito os 24 alunos assinalaram que estudaram somente em escola pública.

Sobre o recebimento de benefícios do governo 14 pessoas disseram que não recebem, 08 pessoas recebem bolsa-família, 01 pessoa recebe aposentadoria e 01 pessoa recebe pensão.

Nesta pesquisa os alunos responderam que utilizam o tempo livre da seguinte maneira: 1º lugar para TV e música; 2º lugar para internet; 3º, religião, 4º, jornais, livros, revistas, cinema.

A festividade preferida para 12 pessoas foi a festa junina, 08 pessoas disseram “outros” (não especificaram), 02 pessoas escolheram eventos culturais, 01 pessoa o dia das mães, 01 pessoa assinalou nenhuma⁶⁰.

Neste grupo prevalece o número masculino de alunos, a maioria do grupo disseram que trabalham, estão na faixa etária entre os 15 e 25 anos são a maioria, todos moram na cidade, estão divididos entre os que estão a menos de 05 anos e os que estão há mais de 10 anos, a renda familiar de 1 a 7 salários prevalece, a TV e a música ganham maior atenção no tempo livre, o aspecto étnico evidenciou a cor branca. Os benefícios do governo são para menos da metade e a festividade preferida na escola é a festa junina.

⁵⁹ As respostas que indicaram não saberem a escolaridade dos pais também podem representar, em parte, um número de pais analfabetos, considerando que esta opção não foi elencada nos questionários.

⁶⁰ Ver Apêndice V.

b) Perfil dos alunos turma B da E. E. Getúlio D. Vargas

Nesse grupo a pesquisa também foi realizada no período matutino. Na turma B, 26 alunos responderam os questionários, sendo 11 pessoas do sexo masculino e 15 pessoas do sexo feminino. A faixa etária desse grupo é de 24 pessoas entre 15 e 25 anos, 01 pessoa entre 26 e 35 anos, e 01 pessoa deixou em branco. Todos do grupo moram em Primavera do Leste e, quando perguntados sobre a atividade profissional, 14 pessoas deixaram em branco, 02 pessoas assinalaram garçom, 01 pessoa é babá, 04 pessoas não especificaram, 01 pessoa é costureira, 01 pessoa é despachante, 01 pessoa é pintor, 01 pessoa é diarista, 01 pessoa é auxiliar de cozinha.

O tempo de moradia em Primavera do Leste está dividido assim: 07 pessoas moram de 11 a 17 anos, 06 pessoas moram de 5 a 10 anos, 06 pessoas moram menos de 5 anos, 6 pessoas moram acima de 17 anos e 01 pessoa deixou em branco.

Quando questionados sobre a posse de computador com internet em casa, 15 disseram sim, 8 pessoas disseram não, 01 pessoa deixou em branco e 02 pessoas disseram que possuem computador sem internet.

A escolaridade dos pais foi de 05 pais e 07 mães com o 1º grau incompleto, 01 mãe com o 1º grau completo, 02 pais com 2º grau completo, 02 pais e 03 mães com 2º grau incompleto, 04 pais e 03 mães com 2º grau completo, 01 pai com superior incompleto, 03 pais e 04 mães com superior completo, 11 pessoas não souberam a escolaridade do pai, 07 não souberam da mãe. Em relação à identificação étnica, é de 13 pessoas pardas, 07 pessoas brancas, 02 pessoas negras, 01 pessoa se declarou amarela e 01 pessoa em branco.

A renda familiar dos alunos é de 2 a 4 salários mínimos para 11 deles, de 01 salário para 11 pessoas, de 5 a 7 salários para 01 pessoa, de 8 a 10 salários para 01 pessoa e para 02 pessoas é de mais de 10 salários.

Cerca de 22 alunos sempre estudaram em escola pública e 04 pessoas estudaram em escola particular. Em relação ao recebimento de benefícios do governo, 15 pessoas não recebem, 08 pessoas recebem bolsa-família, 01 pessoa recebe bolsa-escola, 01 pessoa recebe tarifa social de energia, 01 pessoa recebe aposentadoria.

Nesta pesquisa os alunos responderam que utilizam o tempo livre na seguinte ordem: 1º lugar, TV; 2º lugar, para internet; 3º, música; 4º, esportes e bares; 5º, livros; 6º, cinema, costura e revistas.

A festividade preferida para 11 pessoas foi a festa junina, 11 pessoas consideraram os jogos interclasse, 01 pessoa indicou eventos culturais e 01 pessoa não indicou nenhuma opção⁶¹.

Na turma B prevalece o número de alunas, metade da turma trabalha; a faixa etária predominante está entre os 15 e 25 anos; todos moram na cidade e, em média, a maioria deles mora há mais de 5 anos; a maioria possui renda familiar de 1 a 4 salários; a TV e a internet ganham maior atenção no tempo livre; a maioria se considerou como sendo parda. Os benefícios do governo são para quase metade do grupo e a festividade preferida está dividida entre a festa junina e os jogos interclasse⁶².

c) Perfil dos alunos turma A da E. E. João Ribeiro Vilela

A pesquisa foi realizada no período matutino, a turma A é composta por 23 alunos, sendo 08 pessoas do sexo masculino e 15 pessoas do sexo feminino. Todos pertencem à faixa etária entre 13 e 17 anos, todos do grupo moram em Primavera do Leste e, quando perguntados sobre a atividade profissional, 20 pessoas disseram que não trabalham, 01 pessoa trabalha em panfletagem, 1 pessoa trabalha em serralheria e 01 pessoa disse que trabalha como vendedor.

O tempo de moradia em Primavera do Leste está dividido em: 08 pessoas moram menos de 5 anos, 06 pessoas moram de 5 a 10 anos e 09 pessoas moram de 11 a 16 anos.

O número de pessoas que possuem computador com internet em casa é de 13 pessoas, 09 pessoas disseram que não possuem, 01 pessoa disse que possui computador sem internet.

A escolaridade dos pais foi indicada como sendo de 02 pais e 03 mães com o 1º grau incompleto, 01 mãe tem o 1º grau completo, 01 pai e 04 mães têm 2º grau completo, 01 mãe e 02 pais com superior completo, 02 pais e 01 mãe

⁶¹ Ver Apêndice VI.

⁶² Embora os jogos estejam categorizados como prática esportiva, alguns alunos indicaram os mesmos como festividade escolar.

com superior incompleto, 16 pessoas não souberam a escolaridade do pai, 13 não souberam da mãe⁶³. Em relação à composição étnica, 12 pessoas se consideram pardas, 04 pessoas brancas, 04 pessoas negras, 01 pessoa amarela e 01 pessoa se declarou indígena.

A renda familiar dos alunos é de 2 a 4 salários mínimos para 09 pessoas, de 01 salário para 08 alunos, de 5 a 7 salários para 01 aluno, de 8 a 10 salários para 03 pessoas, e para 01 pessoa é de mais de 10 salários.

Em torno de 21 alunos sempre estudaram em escola pública, 02 pessoas estudaram em escola particular. Em relação ao recebimento de benefícios do governo, 12 pessoas não recebem, 09 pessoas recebem bolsa-família, 02 pessoas recebem bolsa-escola, 01 pessoa não respondeu.

Os alunos utilizam o tempo livre na seguinte ordem: 1º lugar, TV; 2º lugar, música; 3º lugar, internet; 4º lugar, esporte; 5º lugar, leitura de livros; 6º lugar, religião; 7º lugar, cinema e revistas.

A festividade preferida para 10 pessoas foi a festa junina, 06 pessoas não indicaram nenhuma, 03 pessoas consideraram os jogos interclasse, 02 pessoas assinalaram “outros”⁶⁴.

Na turma A o número de alunos do sexo feminino é a maioria, poucos trabalham, a faixa etária está entre os 13 e 17 anos, todos moram na cidade, o tempo de moradia para a maioria dos alunos está dividido entre menos de 05 anos a 10 anos, a renda familiar é de 2 a 7 salários para a maioria, a TV e a música são as atividades de lazer que mais aparecem, a maioria se considera parda. Um grande número de alunos recebe os benefícios do governo, a festividade preferida é a festa junina e um número considerável de alunos optou por “nenhuma”.

d) Perfil dos alunos turma B da E. E. João Ribeiro Vilela

A pesquisa foi realizada no período matutino. A turma B é composta por 21 alunos, sendo 11 pessoas do sexo masculino e 10 pessoas do sexo feminino. A faixa etária desse grupo é de 13 a 17 anos, todos do grupo moram em Primavera do Leste e, quando perguntados sobre a atividade profissional, 17 pessoas disseram

⁶³ As respostas que indicaram não saberem a escolaridade dos pais também podem representar em parte um número de pais analfabetos, considerando que esta opção não foi elencada nos questionários.

⁶⁴ Ver Apêndice VII.

que não trabalham, 01 pessoa trabalha como ajudante de pedreiro, 01 pessoa trabalha como babá, 01 pessoa disse que trabalha como atendente e 01 pessoa como ajudante em mercado.

O tempo de moradia em Primavera do Leste está dividido assim: 07 pessoas moram menos de 5 anos, 06 pessoas moram de 5 a 10 anos, 06 pessoas moram de 11 a 16 anos e 02 pessoas deixaram em branco. O número de pessoas que possuem computador com internet em casa é de 16 alunos, 03 pessoas disseram que não possuem e 02 pessoas disseram que possuem computador sem internet.

A escolaridade dos pais foi de 01 pai e 01 mãe com o 1º grau incompleto; 03 mães e 02 pais têm o 1º grau completo; 01 pai e 02 mães, 2º grau completo; 02 pais e 02 mães, 2º grau incompleto; 05 mães e 05 pais com superior completo; 09 pessoas não souberam a escolaridade do pai, 06 pessoas não souberam da mãe, 01 pessoa deixou a escolaridade do pai e da mãe em branco. Em relação à composição étnica, 09 pessoas se consideram brancas, 06 pessoas pardas, 02 pessoas negras, 01 pessoa amarela, 01 pessoa se declarou indígena e 01 pessoa não respondeu.

A renda familiar dos alunos é de 2 a 4 salários mínimos para 10 pessoas, de 1 salário para 03 alunos, de 5 a 7 salários para 04 alunos, de 8 a 10 salários para 02 pessoas, mais de 10 salários para 01 pessoa e 01 pessoa deixou a questão em branco.

Em relação aos que sempre estudaram em escola pública, 17 alunos assinalaram “sim” e 04 pessoas tiveram parte de seus estudos em escola particular. O recebimento de benefícios do governo está dividido da seguinte forma: 12 pessoas não recebem; 08 pessoas recebem bolsa-família; 02 pessoas, bolsa-escola; 01 pessoa não respondeu.

Os alunos utilizam o tempo livre na seguinte ordem: 1º lugar, TV; 2º lugar, internet; 3º lugar, música; 4º lugar, cinema; 5º lugar, leitura de livros; em 6º lugar estão o esporte e a religião; 7º lugar, os jornais e as revistas.

A festividade preferida para 05 pessoas foram os jogos interclasse; 05 pessoas marcaram “outros”; 04 pessoas, o dia das mães; 04 pessoas disseram nenhuma; e 03 pessoas, a festa junina⁶⁵.

⁶⁵ Ver Apêndice VIII.

Neste grupo está equilibrado o número de pessoas do sexo feminino e masculino, a metade não trabalha, a faixa etária está entre os 13 a 17 anos, todos moram na cidade, o tempo de moradia está dividido entre menos de 5 a 10 anos, a renda familiar de 2 a 4 salários prevalece, a TV e internet são as atividades de lazer em destaque, a maioria se considera branca. Pouco mais da metade recebe os benefícios do governo, e a festividade está bem diversificada entre jogos, dia das mães, junina e um número relevante de pessoas optou por nenhuma.

2.6 PERFIS DOS ALUNOS E EDUCADORES EM ANÁLISE

Ao longo do capítulo 2 situaram-se as estruturas físicas das escolas, sua localização, índices de desenvolvimento, dados do IBGE, além de relatos de uma educadora sobre os divergentes sentidos que a escola pode promover juntamente à sua cidade, que caracterizam os grupos que integram os espaços escolares a partir da migração, os quais são semelhantes ao gráfico indicado pelo IBGE sobre migração⁶⁶, e isso também está registrado através dos mapas étnicos e nos dados do questionário socioeconômico sobre composição étnica/cultural e nos dados sobre o tempo de moradia dos educadores e alunos. Descreveu-se a faixa etária, a renda familiar, as atividades profissionais, atividades de lazer, inclusive os diferentes meios de comunicação acessados fora da escola. O objetivo disto está em buscar reflexões sobre como o conhecimento formal e as informações de modo geral chegam a estes grupos, por vezes suportes de memórias, que podem viabilizar a formação sobre elementos que caracterizam o Patrimônio Cultural dentro e fora da escola, e questionar se estas noções estão em conformidade ao que está posto pelos órgãos de preservação, nos debates teóricos de ampliação conceitual, tendo em vista que hoje diversas noções são divulgadas por inúmeras mídias. Juntamente a isso, almeja-se pensar sobre as práticas escolares que são resignificadas e rememoradas, sujeitas na composição do campo patrimonial.

⁶⁶ Ver Gráfico 01 na página 27.

3 PATRIMÔNIO CULTURAL: ENTRE AS EXPERIÊNCIAS E O INSTITUCIONAL

O termo patrimônio abarca em sua definição uma “cadeia de gerações”, no direito romano estava definido como conjuntos de bens familiares, trazendo a ideia de transmissão da herança paterna (POULOT, 2008, p. 26-43). No Brasil do século XIX, as coleções principescas, iniciativas de D. João VI, constituíram os gabinetes de curiosidades, que apresentavam coleções científicas, eram os museus. Neles agrupavam-se diversas espécies da natureza, os Museus naturais simbolizavam, entre outros aspectos, a ideia de território. Em 1818 o Museu Real, atual Museu Nacional, dispunha de coleções de história natural, juntamente ao Museu Paraense Emílio Goeldi e o Museu Paulista (1870-1930), os quais empregavam modelos etnográficos, dedicados à pesquisa em ciências naturais, paleontologia e arqueologia, produzindo aspectos que levaram à discussão do homem brasileiro e disseminaram teorias raciais do século XIX (JULIÃO, s/d).

Outro acontecimento importante ocorreu em 1922, no Rio de Janeiro, onde se realizava a Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência, a qual apresentava o Brasil ao mundo. Nele a cidade carioca foi remodelada, pavilhões foram construídos para realização de cerca de 200 eventos. O sentido desta exposição residia em reunir tudo sobre o Brasil (censo populacional, relatórios, pesquisas) e sobre outros países expositores (SANT’ANA, 2008).

Ao logo do século XX outras concepções ampliaram o sentido de patrimônio, somando ao aspecto cultural e artístico elementos do meio ambiente (fauna e flora), reunindo ambiente natural, saber e artefato. O Patrimônio Cultural, na perspectiva de Hugues de Varine-Bohan, que durante os anos 1970 foi diretor do ICOM (Conselho Internacional de Museus), já era constituído de elementos: histórico, ecológico, artístico e científico/documental.

Neste sentido, o meio ambiente, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico, as obras, objetos, documentos, edificações, as criações científicas, artísticas, tecnológicas, as formas de expressão e até os modos de criar, fazer e viver são bens culturais de uma sociedade e por isso devem ser preservados. (ORIÁ, 2004, p. 133).

Preservar a memória histórica e, conseqüentemente, o Patrimônio Cultural é um fenômeno crescente entre as mais diversas instituições. Nos idos das décadas de 1970 e 1980, no Brasil, vários movimentos sociais (dos trabalhadores, negros, mulheres, etc.) questionaram seus direitos e passaram a valorizar o “resgate” das suas memórias como elemento de luta e identidade cultural. Segundo o historiador Meneses (1993, p. 09),

Os movimentos de preservação do Patrimônio Cultural e de outras memórias específicas já contam com força política e têm reconhecimento público. Se o antiquariato, a moda retrô, os revivals mergulham na sociedade de consumo, a memória também tem fornecido munição para confrontos e reivindicações de toda espécie.

Por outro lado, Poulot (2008, p. 26-43) salienta que o patrimônio se desdobrou em deslocamentos: da herança elitista e oficial na direção dos objetos do cotidiano, das construções e antiguidades prestigiosas, das origens para testemunhos recentes da atividade humana, traz deslocamento da materialidade dos artefatos para o intangível das mentalidades e representações.

A UNESCO⁶⁷ passou a considerar o Patrimônio Cultural imaterial assim:

Entende-se por Patrimônio Cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante do seu patrimônio imaterial. Este Patrimônio Cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado por grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e a criatividade humana. O patrimônio imaterial, como foi definido acima, se manifesta nos seguintes campos: a) tradições e expressões orais; incluindo o idioma como veículo do Patrimônio Cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, ritos e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e ao universo; d) técnicas artesanais tradicionais. (UNESCO, 2003)⁶⁸.

⁶⁷ Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura.

⁶⁸ UNESCO. Convenção Para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris, 2003.

Nesta perspectiva, questões voltadas para a compreensão do conceito de Patrimônio Cultural imaterial desfizeram pretensões homogêneas, e se passou a valorizar os saberes, a diversidade étnica, a multiplicidade cultural.

De forma restrita, a concepção de patrimônio histórico no Brasil esteve associada a monumentos e edifícios antigos, seguindo a legislação patrimonial por meio do Decreto-Lei nº 25/37. Priorizavam-se os patrimônios edificadas e arquitetônicos, enquanto outros bens culturais significativos ficavam sem o devido reconhecimento.

A partir de então o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)⁶⁹, criado em 1937, buscava preservar na prática instituições religiosas, militares, casas coloniais, sem se atentar às senzalas, quilombos, cortiços, etc. Tal política de preservação trazia um discurso “silencioso”, em que a memória deveria ser unívoca, a História sem conflitos sociais e a identidade nacional excluía as diferenças culturais. Daí o surgimento de vários museus na 1ª metade do século XX voltados para a consolidação de uma identidade nacional, entre eles o MHN:

A questão da nação, no entanto, ganharia evidência museológica, no Brasil, somente a partir da criação, em 1922, do Museu Histórico Nacional (MHN). [...] MHN rompeu com a tradição enciclopédica inaugurando um modelo de museu consagrado à história, à pátria, destinado a formular, através da cultura material, uma representação da nacionalidade. (JULIÃO, s/d, p. 22).

Na atualidade as manifestações culturais ganham maior evidência no campo teórico-metodológico das Ciências Humanas a ponto de o termo “patrimônio histórico e artístico” ser ampliado para “Patrimônio Cultural”, considerando a existência de outros bens culturais que não correspondem à primeira terminologia.

Outro aspecto de questionamento era a participação da sociedade na escolha dos bens e na sua preservação. Para isso, além de geólogos e arquitetos tivemos a crescente participação de diversas associações, entre elas a dos historiadores, a ANPUH⁷⁰. O IPHAN e a Constituição Brasileira são percebidos neste

⁶⁹ O SPHAN é conhecido, atualmente, como IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

⁷⁰ Associação Nacional de História surgiu em 19 de outubro de 1961 foi fundada, na cidade de Marília, estado de São Paulo, a Associação Nacional dos Professores Universitários de História.

trabalho como campos institucionais que promoveram importantes mudanças no reconhecimento e na preservação do complexo Patrimônio Cultural brasileiro.

O conceito de patrimônio histórico ganhou novas dimensões em detrimento da “pedra e cal”, promovendo grande importância ao patrimônio documental, elementos que representam a História de específicas sociedades.

Esta legislação estimulou o antigo SPHAN, atualmente Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) a criar novos mecanismos de preservação, como o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, através do Decreto nº 3.551/2000:

Artigo 1º - Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural brasileiro.

§ 1º - Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

- **I** - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- **II** - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- **III** - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- **IV** - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Segundo o Decreto nº 3.551/2000 os bens culturais imateriais são dotados de dinâmicas e transformações, por isso privilegia-se a necessidade do registro e da documentação, muito mais até que a sua preservação e restauração, como exemplo: os mestres de diferentes ofícios, os “tesouros humanos vivos”, responsáveis na transmissão de conhecimentos específicos (SANT’ANNA, 2003, p. 46-55).

Concomitante a essas ideias, Chagas aponta no anteprojeto de Mário de Andrade, para o antigo SPHAN, sobre a preservação do Patrimônio Cultural no Brasil em 1936, a antiga preocupação em proteger o “patrimônio espiritual”, onde o tangível está no intangível. Na atualidade tais debates sobre

Esta entidade trazia na sua fundação a aspiração da profissionalização do ensino e da pesquisa na área de história. A partir de 2008 formou-se o grupo de trabalho em Patrimônio Histórico e cultural. Disponível em: <http://www.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1>. Acessado em: 26/11/2012.

Patrimônio Cultural brasileiro são revistos, rediscutidos, ampliados e constituem narrativas sobre a história do Brasil (CHAGAS, 2003, p. 95-108). Surgiram diferentes discursos que impulsionaram produções investigativas sobre diferentes patrimônios culturais, aqui especialmente serão direcionadas a instituições escolares.

3.1 NOÇÕES DE PATRIMÔNIO CULTURAL NA ESCOLA

Através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e, posteriormente, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), almejava-se valorizar a cultura regional; desse modo trouxeram algumas perspectivas voltadas para questões sobre patrimônio:

Importa registrar, no entanto, que a educação é uma prática sócio-cultural. Nesse sentido é que se pode falar no caráter indissociável da educação e da cultura ou ainda na inseparabilidade entre educação e patrimônio. Não há hipótese de se pensar e de se praticar a educação fora do campo do patrimônio ou pelo menos de um determinado entendimento de patrimônio. (CHAGAS, 2006).

O seu exercício via percepção dentro das escolas, em parceria com diversas esferas institucionais, pode promover a perspectiva de reconhecimento e compartilhamento dos seus bens culturais na e com a comunidade local, as quais fornecem sentido ao Patrimônio Cultural, tornando-o visivelmente representativo, valorizado e conseqüentemente preservado.

O arquivo de uma escola tem por finalidade armazenar a documentação de interesse da escola que venha auxiliar a administração e o ensino, assim como permitir o levantamento de dados para pesquisa educacional e histórica da instituição e da comunidade na qual ela está inserida. [...] Esse tipo de acervo arquivístico representa um patrimônio documental, que integra a memória da instituição escolar que o gera e é parte da memória educacional brasileira. (BONATO, 2000, p. 45).

Para Bonato, o arquivo escolar apresenta a história da escola, sendo assim, ampliado na perspectiva memorial e educacional, compõe significativamente o patrimônio documental da escola.

Nesta pesquisa buscaram-se as percepções de Patrimônio Cultural, especialmente no espaço escolar, evidenciando o cotidiano escolar. Para esta

investigação foram aplicados questionários⁷¹, onde se compararam as percepções dos educadores e dos alunos através de três questões temáticas sobre aspectos que geram significados (formativo, afetivo, lugares de memória, etc.) ao Patrimônio Cultural para as comunidades escolares.

As questões delimitadas para análise sobre as noções de Patrimônio Cultural são as seguintes⁷²:

1ª Questão: Assinale 3 palavras que melhor definam o que é Patrimônio Cultural.

- a arquitetura
- as festas
- as fotografias
- grandes monumentos
- comidas típicas
- brincadeiras
- linguagem verbal
- Outras: _____

2ª Questão: Você acha que existe Patrimônio Cultural dentro da escola?

- sim. Onde? _____
- não existe.
- não sei o significado.

3ª Questão: O que você mais gosta na sua escola?

- dos jogos do recreio das festividades
- das pessoas do conhecimento/pesquisas/aulas
- do espaço (salas, laboratórios, biblioteca, pátio, etc.)
- outros _____

Comparou-se as percepções de Patrimônio Cultural entre 10% dos educadores do ensino regular e outros 10% entre educadores do ensino do EJA, na E. E. João Ribeiro Vilela e E. E. Getúlio Dornelles Vargas, respectivamente, totalizando 20 educadores. A seguir foram utilizadas e comparadas as mesmas questões entre as turmas A e B de alunos da E. E. João Ribeiro Vilela e, posteriormente, foram feitas as mesmas análises entre as turmas A e B de alunos da E. E. Getúlio Dornelles Vargas, totalizando 93 alunos. Desse modo, no momento seguinte serão analisadas as percepções entre os grupos de educadores e alunos das distintas escolas.

⁷¹ Ver Apêndices I e II.

⁷² As questões delimitadoras foram incluídas neste texto no intuito de promover maior clareza, diante da relevância das mesmas nas análises sobre Patrimônio Cultural escolar.

Somado a essa metodologia reuniu-se fotografias dos acervos escolares, no intuito de refletir como as práticas das comunidades escolares pesquisadas relacionam sentido à terminologia sobre Patrimônio Cultural na escola de modo explicativo.

Ao historiador, a fotografia lança um grande desafio: como chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Tal desafio impõe-lhe a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações, onde seus elementos – homens e signos – interagem dialeticamente na composição da realidade. Uma realidade que se formula a partir do trabalho de homens como produtores e consumidores de signos; um trabalho cultural, cuja compreensão é fundamental para operar-se sobre esta mesma realidade. (MAUAD, 1997, p. 314).

No intuito de investigar a diversidade dos grupos às fotografias analisadas, junto aos dados dos questionários, são apresentados, em alguns grupos, imagens de noções de Patrimônio Cultural indicadas pela maioria, como práticas escolares; em outros casos se refletirá sobre alguns números relevantes, inclusive pela minoria, tendo em vista a sua representatividade dentro do grupo. Dentro desta metodologia as imagens são pensadas como suporte de memória, fonte de informações, guardam indícios da história, que trazem enfoques dos seus produtores.

Se antes as fotografias eram vislumbradas por tempo prolongado por um número pequeno de pessoas, hoje, com o advento dos meios eletrônicos elas são disponibilizadas para milhares de pessoas na internet. A argumentação de Kossoy (2007) alerta para a necessidade de conhecermos na fotografia elementos de produção e recepção da realidade e da ficção, que permeia o imaginário.

É em função da (pseudo) imparcialidade da câmara que a fotografia se prestaria para legitimar certas “tradições inventadas”. Segundo Hobsbawm, “por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou simbólica, visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. Trata-se, contudo, de uma “continuidade artificial” em relação ao passado, posto que estamos falando em tradições inventadas”. (KOSSOY, 2007, p. 138, grifos do autor).

Para Kossoy (2007), a fotografia apresenta algumas problematizações referentes à sua influência, é passível a alguns equívocos quando a mesma induz e autentica na reprodução de comportamentos e valores. Quando se

estuda questões voltadas ao Patrimônio Cultural tais reflexões são pertinentes, pois existe um campo de conflito sobre o que deve ser reconhecido e valorizado, para tanto precisa-se investigar como o conhecimento de determinadas ações sociais é realizado no cotidiano e sua relevância para a sociedade.

Buscar-se-á conciliar algumas reflexões sobre as três questões delimitadoras desta pesquisa, somadas ao acervo fotográfico das escolas e aos debates conceituais sobre Patrimônio Cultural/na escola, onde as experiências das comunidades escolares são contextualizadas.

3.2 PERCEPÇÕES DOS EDUCADORES

a) Percepções dos educadores da E. E. João Ribeiro Vilela

Os educadores da E. E. João Ribeiro Vilela apresentaram na primeira questão, voltada para noções de Patrimônio Cultural, os seguintes apontamentos: em 1º lugar como sendo comidas típicas (06 pessoas); em 2º lugar, festas (05 pessoas); em 3º lugar empataram as categorias arquitetura e linguagem verbal (04 pessoas); em 4º lugar, fotografias (03 pessoas); em 5º lugar se destacaram os monumentos (02 pessoas); em 6º lugar, as brincadeiras (01 pessoa); e 01 pessoa deixou em branco. Tais indicações estão em conformidade com a ampliação do conceito de Patrimônio Cultural, ao se considerar que elementos entre bens tangíveis e intangíveis foram indicados, pertencentes ao quadro do Patrimônio Cultural, pois são referenciais identitários e da memória tão diversificada no âmbito brasileiro, segundo a Constituição brasileira (1988):

Art. 216. Constituem Patrimônio Cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Para Felgueiras (2005) falar sobre património ou herança educativa remete a refletir sobre as resignificações, atribuídas pelas comunidades, na criação de laços afetivos no âmbito escolar material e imaterial.

Na herança educativa incluímos, assim, tanto os edifícios, o mobiliário, os materiais didáticos, os materiais dos alunos, os elementos decorativos e simbólicos presentes nas escolas, quanto as práticas de ensino, as táticas dos alunos, as brincadeiras e as canções no recreio, as recordações do quotidiano escolar, que as memórias de professores e alunos podem revelar. Da cantina ao gabinete médico, à actividade administrativa, pretende-se ver a escola como lugar de interacções em que professores, alunos, funcionários e famílias construíram e constroem um espaço relacional [...]. (FELGUEIRAS, 2005, p. 92).

Tais aspectos nos levam a pensar a escola como um espaço simbolizado; mais que uma peça do sistema, ela é viva, partilha de outras instituições, que regulam sua funcionalidade; pesquisar o Património Cultural escolar implica em pensá-la na sua complexidade, na comunidade que a envolve, relacionada a outras sociedades e aos sentidos que lhe são apontados, bens culturais, repleto de memórias.

Na segunda questão os educadores da mesma escola foram questionados se: existe Património Cultural dentro da escola? Para os que afirmaram que sim, foram questionados, de modo complementar, quais eram os elementos considerados como Património Cultural na escola.

Os resultados foram: 07 pessoas disseram que sim, 01 pessoa deixou em branco, 01 pessoa disse não saber o significado e 01 disse que não existe. Os bens culturais lembrados, enquanto Património Cultural escolar, foram: 01 pessoa optou pelo prédio escolar, biblioteca e arquivos; 01 pessoa assinalou fotos, livros, atas; 01 pessoa não respondeu; 01 pessoa disse crianças e professores; 01 pessoa respondeu que é toda a escola; 01 pessoa elegeu a sala de aula e a linguagem verbal.

Um dado relevante sobre a história desta escola está no fato de, nos anos de 2005, sua comunidade sofrer diversos problemas na infraestrutura escolar, a qual não possuía quadra coberta, poucos recursos tecnológicos, entre outras dificuldades, as quais só foram amenizadas entre os anos de 2006 e 2009. Aspecto que pode contribuir na compreensão dos apontamentos feitos à sua parte física,

como algo significativo para os educadores. A fotografia da Figura 11 registra a arquitetura da E. E. João Ribeiro Vilela ainda em seu início.

Figura 11 - Área externa da E. E. João Ribeiro Vilela, 1989.



Fonte: Acervo da E. E. João Ribeiro Vilela.

Segundo Bencostta (2007) o espaço e a arquitetura escolar apresentam uma pedagogia eloquente que deve ensinar aos indivíduos princípios da sociedade moderna, onde as imagens apresentam ideias. Nas fotografias das Figuras 11, 12 e 13 visualizam-se transformações que favorecem uma ampla observação das ações realizadas no interior da escola, por todo o pátio, em especial as janelas grandes e envidraçadas, que pretendem de certa forma, criar um ambiente “transparente” que permita controlar o fluxo e o comportamento dos grupos que por ela transitam, o enfoque está na arquitetura externa (BENCOSTTA, 2007, p. 123). A autoria da fotografia da Figura 11 não foi identificada.

Figura 12 – Área externa da E. E. J. R. V., década de 1990



Fonte: Acervo da E. E. João Ribeiro Vilela.

Figura 13 – Área externa da E. E. J. R. V., 2009



Fonte: Acervo da E. E. João Ribeiro Vilela.

Ao observar as fotografias das Figuras 12 e 13 visualizamos algumas mudanças na E. E. João Ribeiro Vilela, após a reforma que iniciou no ano de 2006, como, por exemplo, a pintura em tonalidades mais claras. A Figura 13 possibilita conhecermos uma maior dimensão do pátio, inclusive mostra alguns galhos de árvore no seu interior. Na Figura 12 os alunos jogam dama, na Figura 13 os alunos e suas mães participam de uma comemoração no dia das mães, ambas no pátio, evidenciando momentos lúdicos e outros de comemoração, práticas

cotidianas escolares, as autorias das fotografias não foram identificadas⁷³, para Dayrell (1996, p. 12-13).

A arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma da construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento dos seus usuários. Nesse sentido, a arquitetura escolar interfere na forma da circulação das pessoas, na definição das funções para cada local. Salas, corredores, cantina, pátio, sala de professores, cada um destes locais tem uma função definida “a priori”. O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa.

Na terceira questão da pesquisa os educadores responderam o que mais gostam na escola: em primeiro lugar apareceram as pessoas (07 pessoas); em segundo, o espaço escolar (04 pessoas); em terceiro, o conhecimento (01 pessoa); 01 pessoa deixou a questão em branco. Esta questão busca analisar a relação de afetividade na escola por seus agentes sociais, aspecto considerado como mecanismo importante na preservação de um bem cultural, a qual aponta para uma valorização das pessoas, assim como do espaço escolar.

De forma prática, as questões patrimoniais devem promover, além de uma visão crítica, uma maior participação na realidade, adquirida como estratégia na transmissão dos valores que permeiam os bens culturais. Sua eficiência se concretiza no desenvolvimento de formação e informação que reúne identidades plurais, reflexões sobre a História e ações de preservação patrimonial.

O ensino nesse campo visa tratar os estudantes e a população como agentes histórico-sociais e como produtores de cultura. Para isso valoriza os artesanatos locais, os costumes tradicionais, as expressões de linguagem regional, a gastronomia, as festas, os modos das diversas etnias viverem e se relacionarem com o meio e com as outras culturas que deram origem à sociedade atual. (PELEGRINI, 2009, p. 114).

Tais apropriações do espaço escolar, suas ressignificações, conforme fotografias 12 e 13 apresentam os diferentes usos dos espaços escolares, onde retratam variados grupos culturais em momentos de sociabilidade que prenunciam

⁷³ A fotografia da Figura 12 tem baixa luminosidade, enquanto a fotografia da Figura 13 apresenta maior luminosidade, a primeira está em material impresso e a segunda, mais recente, está digitalizada, consequência do processo do uso das novas tecnologias.

os sentidos dos espaços na escola e a importância afetiva das pessoas que o compõem, conforme apontamentos dos educadores desta escola.

b) Percepções dos educadores da E. E. Getúlio Dornelles Vargas

No segundo grupo, os educadores da E. E. Getúlio Dornelles Vargas responderam o que consideram como sendo Patrimônio Cultural: em 1º lugar elegeram a arquitetura (07 pessoas); em 2º lugar, festas (06 pessoas); em 3º lugar empataram monumentos e linguagem verbal (04 pessoas para ambos apontamentos); em 4º lugar, fotografias e comidas típicas foram apontadas na mesma proporção (02 pessoas para ambos).

Para os educadores da E. E. Getúlio D. Vargas as categorias materiais e imateriais estão bem diversificadas, a ponto de se considerar que em todas as posições, elencadas acima, artefatos e práticas são reconhecidos como elementos importantes no campo patrimonial, considerações que possibilitam complementar noções de Patrimônio Cultural em consonância com um Patrimônio Cultural escolar na construção da história da comunidade escolar, da história da escola, onde os sentidos das suas práticas constituem seus bens culturais em conformidade com a ampliação do termo Patrimônio Cultural.

Segundo Fernandes (2005), a escola está composta pelo enquadramento material da ação escolar e pelo tecido de relações interpessoais que sustentam a mesma ação, além do seu formato e localização, que delimitam comportamentos e valores.

Os rituais das escolas repercutem por vezes na esfera dos equipamentos. Desde logo no vestuário de professores e alunos: fardas, bibes, batas brancas, ostentando, por vezes, emblemas bordados, que reproduziam ou duplicavam insígnias e bandeiras, ao lado de instrumentos musicais destinados a bandas ou orquestras, a grupos corais, a equipes desportivas. O universo escolar pode representar todo um mundo numa rede de documentos que descrevem toda uma rede paralela de significações. (FERNANDES, 2005).

Na segunda questão, os educadores da escola Estadual Getúlio D. Vargas foram questionados se existe Patrimônio Cultural dentro da escola, todos disseram que sim e apontaram os seguintes bens culturais: 01 pessoa escolheu as

histórias das pessoas que passam pela escola; 01 pessoa elegeu a estrutura geral e o acervo da escola; 01 pessoa, o conhecimento das pessoas; 01 pessoa, os relatos de vida; 01 pessoa, as expressões e práticas; 01 pessoa, os bens físicos e as fotografias; 01 pessoa disse toda a escola; 01 pessoa, a cultura do aluno; 01 pessoa, a arquitetura e costumes; e 01 pessoa deixou em branco.

A escola apresenta outra face, além do material: um mundo de pessoas, histórias de vida, fotografias que evocam muitas narrativas. Felgueiras (2005) sublinha o significado da cultura material na escola, suas memórias e a importância da sua preservação. Para isso:

Na abordagem da materialidade das culturas escolares, partimos das noções de recordação, memória e passado no que elas estruturam e limitam a visão que os actores sempre têm da realidade vivida, desejada, justificada. Em simultâneo com a identificação dos espólios das escolas procuramos resgatar recordações do passado, quer através de histórias de vida, quer pela recolha de lembranças da infância. [...] Nos trabalhos que temos desenvolvido, consideramos as memórias individuais na sua interacção com as memórias histórica e colectiva. Valorizamos as informações recolhidas e os significados que os actores lhes atribuem, como parte de um património imaterial da escola, indispensável à compreensão não só dos artefactos, mas também da própria sociedade que os produziu. (FELGUEIRAS, 2005).

Na última questão os educadores responderam o que mais gostam na escola: em primeiro lugar escolheram as pessoas (08 pessoas); em segundo, o conhecimento e jogos (05 pessoas para ambos); em terceiro, as festividades (03 pessoas); em quarto lugar, o espaço (02 pessoas); e em quinto lugar ficou o recreio (01 pessoa).

Um ponto a considerar sobre tais apontamentos é a proposta diferenciada de trabalho dos educadores no ensino e aprendizagens de alunos jovens e adultos, onde o perfil da escola promove para os educadores 10 horas/aula a mais que no ensino de EJA, no intuito que os educadores tenham maior tempo dedicado às especificidades do aluno, reuniões constantes com toda a equipe de educadores, inclusive com educadores interinos, algo que não ocorre nas outras escolas de ensino regular. Aliado a isso, todos os educadores do grupo pesquisado possuem graduação e cerca de 50% possuem especialização no campo da educação.

Conforme a Figura 14, a professora Giseli, da área da Geografia, realiza dentro da sala de aula parte do projeto Cidadania, por meio do preparo dos alimentos presentes na culinária regional matogrossense; uma linguagem informal, mas com o intuito de aliar o conhecimento formal às experiências cotidianas, são as chamadas oficinas, muito comuns no ensino de EJA.

Figura 14 - Projeto Cidadania na Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2010



Fonte: Acervo da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas.

No grupo de educadores de CEJA o conhecimento e as pessoas aparecem no resultado dos questionários como significativos. Na Figura 14 as relações e as atividades educativas são diferenciadas, inclusive dentro da sala de aula, em que, juntamente ao quadro negro, em meio a cadeiras estudantis, aparecem condimentos e, ao centro, o preparo de um alimento em fogão industrial, manipulado por alunas do 3º ano do EJA, com uniformes escolares, e pela professora à direita da fotografia, cuja autoria não foi identificada.

Canclini (1990) aborda questões sobre a reconceitualização do Patrimônio Cultural acerca da inclusão de elementos além da herança de cada povo, novos artesanatos, novas línguas, novos conhecimentos, por vezes dispersos através das indústrias culturais; a política patrimonial relacionada aos bens do passado e as necessidades contemporâneas; a necessidade da valorização de produtos da cultura popular, bens simbólicos dos mais diversos grupos sociais.

O Patrimônio Cultural – ou seja o que um conjunto social como sua cultura própria, que sustenta sua identidade e o diferencia de outros grupos, não abarca apenas os monumentos históricos, o desenho urbanístico e outros bens físicos, e a experiência vivida condensada em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços físicos. (CANCLINI, 1990, p. 99).

Para o autor, o Patrimônio Cultural além de ser composto por práticas e bens culturais apresenta um “lugar de cumplicidade social”, por vezes desigual, considerando os conflitos na sua produção e divulgação. Outro aspecto a considerar é o paradigma participacionista; nesta concepção, a preservação do patrimônio, a seleção do que preservar e como isso deve acontecer em um processo democrático, onde os “usos”, as opiniões e recepções sobre os bens acontecem por meio da participação social, algo que se produz entre os espaços da referida escola.

c) Percepções dos alunos da E. E. João Ribeiro Vilela: turma A

As três questões sobre noções de Patrimônio Cultural também foram aplicadas para os alunos da E. E. João Ribeiro Vilela. Para a turma A desta escola, como Patrimônio Cultural é percebido: em 1º lugar, os monumentos (15 pessoas); em 2º lugar, a arquitetura (14 pessoas); 3º, a linguagem verbal (12 pessoas); 4º lugar, as festas (07 pessoas); 5º lugar, as comidas típicas (06 pessoas); 6º lugar, as fotografias (05 pessoas); 7º lugar, as brincadeiras (02 pessoas); e 01 pessoa deixou em branco. De uma forma geral, conforme a apresentação desta questão, cada aluno, no total de 20 alunos, pôde sinalizar três apontamentos, de modo que mais de 50% deles evidenciaram os monumentos, arquitetura e fotografias.

Esses resultados, onde os exemplos apontados pelos alunos apresentam uma memória histórica que evidencia arquitetura e monumentos, em comparação com outra pesquisa realizada no âmbito nacional sobre o significado de Patrimônio Histórico entre os alunos do 9º ano/8ª série (PIÑON e FUNARI, 2004), embora obtivesse o sentido mais restrito, apresenta elementos semelhantes. Sobre essas noções Monteiro (2004, p. 21) diz:

[...] há um mecanismo de redução [...] de miniaturização de culturas e pessoas, o qual é exposto em construções suntuosas como um meio de enfatizar o poder da cultura que os suporta.

Segundo Piñon e Funari (2004), por essa razão o recipiente (os espaços, as construções, museus, etc.) é mais lembrado do que o conteúdo pelos futuros membros da sociedade. A partir disso, apresentam-se algumas reflexões pertinentes aos dados apontados pelos alunos da E. E. João Ribeiro Vilela em relação às noções de Patrimônio Cultural: os bens citados na primeira questão, sobre o significado de Patrimônio Cultural, estão relacionados ou associados ao cotidiano destes estudantes?

Tenta-se entender sobre isso ao reunir aos resultados da segunda questão, onde os mesmos alunos responderam se existe Patrimônio Cultural dentro da escola, elencando assim: 13 disseram que não sabem o significado, para 04 alunos não existe, para 03 alunos ele está nos espaços (salas, biblioteca, etc.) e para 01 aluno existe na aula de história.

Ao se relacionar os dados da primeira questão aos dados da segunda questão confirma-se uma desconexão entre Patrimônio Cultural, educação e o cotidiano dos estudantes, pois cerca de 60% não sabem o significado de Patrimônio Cultural escolar e, quando há apontamentos, repete-se a lembrança dos espaços escolares, que reforça o elemento recipiente, onde as práticas cotidianas escolares são muito lembradas nesta questão por esse grupo de alunos.

Contudo, os aspectos pouco lembrados na segunda questão apareceram na terceira questão, onde os alunos indicaram o que mais gostam na escola, sendo: em primeiro lugar, as pessoas e o recreio (07 pessoas para ambos); em segundo, os jogos (05 pessoas); em terceiro, o conhecimento (04 pessoas); em quarto, o espaço (03 pessoas); e um aluno valorizou as festividades.

Este grupo de alunos nos indica alguns valores históricos e culturais que compõem a compreensão sobre o Patrimônio Cultural; apresentam certa dificuldade em relacioná-lo ao cotidiano e na identificação do Patrimônio Cultural Escolar nos elementos da própria comunidade, próximos a sua realidade, delegam ao primeiro termo aspectos que apresentam a sua configuração, na maioria das vezes externas à escola.

Gusmão (2005) argumenta sobre a necessidade de falarmos da escola na escola; comumente as disciplinas problematizam outros lugares e

inserções sociais, discutem história do bairro, dos marginalizados, dentre outros, no entanto:L

[...] sem refletir a historicidade de suas práticas, o sentido e o significado de seu trabalho diário e de atos aparentemente banais, tais como escrever na lousa, fazer chamada, ler, analisar [...] O quadro negro fixado na parede a transmitir lições comuns a toda a sala generalizou-se há pouco mais de cem anos, em substituição às pedras individuais de ardósia, para consolidar metodologias de ensino capazes de fazer com que todos os alunos aprendam as mesmas coisas a um só tempo. (GUSMÃO, 2005, p. 64-65).

Na perspectiva da autora o ensino de História pode ser iniciado pelos arquivos escolares, os quais indicam registros importantes para a sua comunidade, narram práticas da História da educação.

d) Percepções dos alunos da E. E. João Ribeiro Vilela: turma B

Para os alunos da turma B a primeira questão sobre o que é Patrimônio Cultural foi apontada assim: em 1º lugar, comidas típicas (11 pessoas); em 2º lugar, festas e monumentos (09 pessoas para ambos); em 3º lugar, as brincadeiras (08 pessoas); em 4º lugar, a arquitetura (06 pessoas); 5º lugar, as fotografias (03 pessoas); 6º, a linguagem verbal (02 pessoas); e 01 aluno disse nenhum. Tais apontamentos, que privilegiam comidas típicas, festas e monumentos apresentam proximidade com a seguinte definição de Castells apud Pelegrini (2009, p. 37):

A acepção de patrimônio cultural não compreende apenas os sítios arqueológicos, a arquitetura, os antigos objetos em desuso e o espaço dos museus; os bens que conferem identidades aos cidadãos abrangem também as experiências vividas, condensadas nas formas de expressão diversificadas, juízos de valor, celebrações, modos de usar os bens, os espaços físicos e o meio ambiente.

Na segunda questão, os alunos desse mesmo grupo responderam o que é Patrimônio Cultural dentro da escola, elencando da seguinte forma: para 08 alunos, não existe; 05 alunos disseram que não sabem o significado; 03 alunos assinalaram os espaços (salas, biblioteca, etc.); 04 pessoas não especificaram; e 01 aluno indicou as festas.

Para 04 alunos a noção de Patrimônio Cultural se assemelha à noção de Patrimônio Cultural escolar, isto é são os espaços e as festas; 04 alunos disseram que existe Patrimônio Cultural escolar, mas não especificaram; e 08 alunos não fizeram apontamentos. Estas lembranças, indicadas nos questionários, perpassam a diversidade cultural, os aspectos que envolvem a importância de desenvolver a educação patrimonial, assim como as ressignificações do cotidiano escolar.

Conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia-a-dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados. (ANDRÉ, 1995, p. 41).

Na última questão os alunos indicaram o que mais gostam na escola. Em primeiro lugar escolheram o recreio, em segundo empataram o conhecimento e jogos, em terceiro igualmente espaço e pessoas, em quarto lugar assinalaram as festividades, e um aluno optou por não responder.

Os apontamentos acima trazem implícitos diferentes espaços da escola (pátio, sala de aula, quadra esportiva) e seus usos, colaborando para se pensar sobre as variadas relações entre os sujeitos, por exemplo:

O recreio é o momento de encontro por excelência, além de ser o da alimentação. Os alunos de diferentes turmas se misturam, formando grupos de interesse. [...] É também comum haver grupos menores nas salas jogando truco. É o momento da fruição da afetividade, quando os alunos ficam mais soltos, conversam, discutem, paqueram. (DAYRELL, 1996, p. 14).

Entre as especificidades da E. E. João Ribeiro Vilela está o desenvolvimento de um projeto chamado “recreio dirigido”, conforme fotografia 15, onde os alunos realizam diversas brincadeiras e jogos, contam com acompanhamento de alguns educadores e com apoio de alguns alunos na organização, estes últimos são os monitores. De acordo com Dayrell o recreio é um momento de encontro, de afetividade, por isso é compreensivo que o mesmo seja significativo para esses alunos.

Figura 15 - Projeto Recreio dirigido na Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.



Fonte: Acervo da Escola Estadual João Ribeiro Vilela.

Na Figura 15 a professora Alessandra coloca colete em uma aluna, uma monitora, que a ajudará nas práticas recreativas durante o recreio dirigido; ao fundo se visualiza outros alunos uniformizados, aguardando para participarem da brincadeira de pular corda, e outra monitora aparece identificada pelo uso do colete vermelho, batendo corda. Conforme relatos da direção e coordenação essas atividades são medidas divertidas de entretenimento, que trouxeram resultados positivos para a escola, reduzindo o número de brigas entre os alunos.

A cultura do brincar também pode apresentar espaços de história e memória:

A brincadeira é, antes de tudo, uma confrontação com a cultura. Na brincadeira, a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma significação. A brincadeira é a entrada na cultura, numa cultura particular, tal como ele existe num dado momento, mas como todo seu peso histórico. (BROUGÉRE, 2004, p. 74-76).

Através das brincadeiras visualizamos parte da cultura das comunidades, por vezes transformada, simbolizada e miniaturizada; a mesma foi ao logo da história ganhando diferentes sentidos, de afetividade, aprendizagem, sociabilidade e/ou de resistência.

Verifica-se que o conjunto de tempos e espaços ritualizados na escola, mesmo abordando dimensões simbólicas, pedagógicas, entre gestos,

posturas e sentimentos, como por exemplo, as práticas realizadas durante o recreio dirigido, não são apontadas como Patrimônio Cultural escolar pelos alunos da turma B, contudo nesse grupo apontaram as brincadeiras (16%) para a questão Patrimônio Cultural, e 23% deles disseram que o que mais gostam na escola é o recreio. Ao se somar os dados entre as três questões desta pesquisa, reitera-se a ideia afirmada na segunda questão, pela maioria dos alunos, ou seja, não existe uma clara compreensão do que seja Patrimônio Cultural escolar (no entanto devemos considerar a dificuldade no entendimento dessa terminologia para todos os grupos pesquisados, nas duas escolas, onde o sentido possa existir sem associação ao conceito, peculiar ao saber científico), ou pequena associação a esta, dificuldade que impossibilita relacioná-las às noções de Patrimônio Cultural (no sentido científico).

3.3 PERCEPÇÕES DOS ALUNOS

a) Percepções dos alunos da turma A da E. E. Getúlio Dornelles Vargas

As três questões sobre Patrimônio Cultural também foram aplicadas para os alunos da E. E. Getúlio Dornelles Vargas. Nesta escola a turma A, quando levada a elencar as três categorias para o Patrimônio Cultural disse: em 1º lugar, as festas (17 pessoas); em 2º lugar, as comidas típicas (16 pessoas); em 3º lugar, a arquitetura (15 pessoas); em 4º lugar, os monumentos (08 pessoas); em 5º lugar, as brincadeiras (07 pessoas); em 6º lugar, as fotografias (04 pessoas); e em 7º lugar, a linguagem verbal (03 pessoas). Para esta turma de alunos as noções de Patrimônio Cultural evidenciaram aspectos dos bens intangíveis, entre eles as festas e as comidas típicas, que estão vinculadas à noção moderna e antropológica de cultura, como descreve Gonçalves (2009):

Mas é possível sim, preservar, por meio de registros e acompanhamento, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários etc. É nessa direção que caminha a noção recente de “patrimônio intangível”, nos recentes discursos brasileiros acerca de patrimônio. É curioso, no entanto, o uso dessa noção para classificar bens tão tangíveis quanto lugares, festas, espetáculos e alimentos. De certo modo, essa noção expressa a moderna concepção antropológica de cultura. Segundo ela, a ênfase está nas relações sociais ou mesmo nas relações simbólicas, mas não nos objetos e nas técnicas. A

categoria “intangibilidade” talvez esteja relacionada a esse caráter desmaterializado que assumiu a referida moderna noção antropológica de cultura. (GONÇALVES, 2009. p. 30).

Segundo Gonçalves, pensar sobre as diferentes noções de patrimônio, aliadas às suas representações, grupos étnicos e coletividades, misturam-se a diversas formas de autoconsciência cultural. No entanto, para o grupo de alunos da turma A, tais associações são, em sua maioria, diferenciadas das noções de Patrimônio Cultural escolar.

Na segunda questão, os alunos da turma A responderam: o que é Patrimônio Cultural dentro da escola? Elencaram assim: para 16 alunos, são os espaços (salas, biblioteca, etc.); para 03 alunos, não existe; 03 pessoas disseram que não sabem o significado; 03 pessoas assinalaram a festa junina; e 01 delas marcou a arquitetura. Esta turma se diferencia das demais turmas de alunos, pois apresenta um número menor de pessoas que disseram desconhecer o significado de Patrimônio Cultural escolar e da sua inexistência, contudo ela se assemelha aos demais grupos analisados quanto aos apontamentos, que recaíram sobre os espaços escolares. Tal resultado dificulta, em parte, o reconhecimento do tecido vivo que perpassa a escola, um passo importante para que tais espaços não sejam congelados, pois abarcam manifestações espontâneas. Assim como podem apresentar a seguinte problemática em relação às políticas voltadas para o patrimônio: recorrência a unanimidade, tentativa de manter uma memória, de um passado homogêneo, sem contradições. Isto implica no processo de exclusão material e simbólica que reconhece um tipo de patrimônio, em vez de promover a participação diversificada dos grupos que recorrem a usos, fazeres sociais e diferentes concepções do ambiente escolar.

A Cultura Material, associada às outras problemáticas de conhecimento histórico, encontra múltiplos itens para reflexão em museus. Mesmo livros didáticos convencionais costumam apresentar fotografias e desenhos sobre alguns tópicos pertinentes à área, embora os explorem pouco. E o Patrimônio Histórico – edificado ou disperso em diferentes fazeres e saberes – contém inestimáveis elementos para a discussão daquele universo. A História Imediata, por sua vez, oferece um torrencial de possibilidades temáticas e documentais, a partir de seu trabalho com os processos históricos em andamento. Seu desafio maior é a identificação de agentes sociais e suportes documentais mais significativos para diferentes questões. (SILVA, 2006, p. 85).

Na terceira questão os alunos da turma A assinalaram o que mais gostam na escola: em primeiro lugar escolheram o conhecimento (13 pessoas); em segundo, os jogos (08 pessoas); em terceiro, o espaço escolar (07 pessoas); em quarto, as festividades (06 pessoas); em quinto lugar, as pessoas (05 pessoas); e uma pessoa indicou os professores.

Figura 16 - Laboratório de informática na Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2011



Fonte: Acervo da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas.

Na Figura 16 os alunos (jovens e adultos) realizam atividades de pesquisa na internet, no laboratório de informática, com auxílio da educadora Valdinéia (técnica em informática) que está em pé, no centro da fotografia. O uso desse espaço para esse grupo apresenta, por meio das tecnologias, novas formas de conhecimento, outra linguagem e inúmeras dificuldades a serem superadas. Não foi identificada a autoria da Figura 16.

Para a turma A o aspecto conhecimento é, em sua maioria, valorizado nos apontamentos da terceira questão; aqui o elemento afetivo está relacionado ao processo de oportunidade, ou na falta desta, para o grupo que compõe o perfil da E. E. Getúlio D. Vargas. Na sequência, foram sugeridos os jogos, espaços, festividades e pessoas, os quais apresentam as apropriações dos diferentes sujeitos que transitam o espaço escolar.

[...] a apropriação é um estilo de interação [...] entre as pessoas e os acontecimentos, espaços, documentos, produções e relações. Ao fazermos história das instituições escolares, estamos articulando processos de apropriação e externando-os pela forma de narrativas. Aqueles que viveram e trabalharam naquela instituição tem contribuições a dar para a história da instituição; formas diferenciadas de apropriação indicam o quanto a história das instituições escolares pode beneficiar-se das considerações dessas visões em seu processo narrativo. (WERLE, 2004, p. 26).

Nesta turma A do EJA a percepção de Patrimônio Cultural possui conotações em consonância com o que está prescrito nas complexas concepções do sentido cultural, na perspectiva antropológica, mas destoa, parcialmente, quando este é pensando no âmbito escolar, pois apresentam em evidência noções tradicionais que se aproximam da valorização a priori da pedra e cal, monumentos, arquitetura, etc. Contudo, entre os aspectos que os alunos mais gostam na escola destaca-se o conhecimento, em conformidade com as relações que estes estabeleceram com a escola, onde a história da escola de EJA e a história de vida dos mesmos estão por determinado período entrelaçadas.

b) Percepções dos alunos da turma B da E. E. Getúlio Dornelles Vargas

Na turma B, quando levada a escolher três significados para o Patrimônio Cultural, disseram que: em 1º lugar são as festas (17 pessoas); em 2º lugar, as comidas típicas (15 pessoas); em 3º lugar, a arquitetura (12 pessoas); em 4º lugar, a linguagem verbal (10 pessoas); em 5º lugar, as fotografias (08 pessoas); em 6º lugar, os monumentos (07 pessoas); em 7º lugar, as brincadeiras (05 pessoas).

Conciliando tais apontamentos a alguns estudos recentes, que configuram noções de Patrimônio Cultural lembra-se que estes abarcam fontes documentais, memórias, práticas pertinentes ao patrimônio material e imaterial, resignificados por grupos heterogêneos, em meio a conflitos próprios (do espaço escolar) e suas temporalidades, por isso as permanências ou os “esquecimentos” de determinados bens culturais devem ser analisados no campo das disputas políticas e sociais do seu tempo. Conforme indica Pelegrini (2009, p. 57):

Ademais, não nos cabe abordar os bens materiais como se eles estivessem desvinculados dos bens imateriais e vice-versa. Seja qual for nossa opção de enfoque, convém apreendê-los como distintas manifestações da ação humana. Observar como a “alma nas coisas” e a materialização do imaginário, das lendas, das festas, dos saberes, entre outros conhecimentos, podem constituir exercícios fascinantes [...].

Na segunda questão, os alunos da turma B do EJA disseram que o Patrimônio Cultural dentro da escola: não existe (para 09 alunos), não sabem o significado (09 alunos), indicaram os espaços escolares (05 alunos), os educadores (01 aluno) e a horta escolar (01 aluno).

Diferentemente da primeira questão, as relações cotidianas são pouco associadas ao conceito de Patrimônio Cultural escolar, no entanto, a horta apontada no questionário também é uma prática externa a ela, mas que foi apropriada ao espaço da escola, utilizada no processo educativo; cabe considerar que parte dos alunos moram na área urbana e outros moram e/ou trabalham em áreas rurais, no município de Primavera do Leste.

[...] é preciso estar atento para o fato de que muitos artefatos são produzidos para uso escolar e apropriados fora dos muros das escolas (por exemplo, o livro didático, cartilhas de alfabetização, cadernos, carteiras, etc.); da mesma forma que objetos de usos sociais diversos adentram o universo escolar adquirindo novas significações (nesse caso, às mudanças de finalidades e usos acrescenta-se o significado simbólico, como se pode ver em relação o cinema, aos jornais, às revistas em quadrinho, os livros de literatura, aos computadores etc.). Portanto, o que define um objeto como escolar depende da intencionalidade e do uso em determinadas situações e condições históricas. SOUZA, 2007, p. 177).

Materiais escolares estão presentes no cotidiano social, de outro modo, artefatos externos à escola, como a TV, computadores, DVD, etc., passaram a ser adquiridos nas escolas com novos usos. A criação e apropriação dos recursos escolares estão vinculadas aos objetivos específicos de ensino, em consonância ao processo histórico.

Figura 17 - Aluna na horta da escola, 2011



Fonte: Acervo da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas.

Conforme registro da Figura 17, uma aluna uniformizada colhe legumes na horta da escola⁷⁴ de EJA, a qual foi cultivada por alunos e educadores, dentro de uma proposta pedagógica interdisciplinar, novamente eles buscaram relacionar o conhecimento formal as experiências dos alunos.

Na terceira questão, os alunos da turma B assinalaram o que mais gostam na escola: primeiramente escolheram os jogos (07 pessoas); em segundo, o recreio e as festividades (06 pessoas para ambos); em terceiro lugar, as pessoas (05 pessoas); em quarto, os espaços da escola (04 pessoas); e uma pessoa não especificou.

Na Figura 18 se visualiza os alunos jovens e adultos em uma apresentação na festa junina da escola; embora esses momentos não sejam lembrados como aspecto referente ao Patrimônio Cultural escolar, ele está documentado através das fotografias nos acervos da escola. Vale observar que a categoria festas (incluindo apresentações culturais) é bastante lembrada pelos alunos no campo mais geral do Patrimônio Cultural e nos elementos que mais gostam no espaço escolar. Não foi identificada a autoria da Figura 17.

⁷⁴ Não se obteve detalhamento do projeto, apenas relatos da coordenação e de professores da escola, durante o trabalho de campo.

Figura 18 - Festa Junina na Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2011



Fonte: Acervo da Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas (2011).

Outro ponto a considerar é que no desenvolvimento das festividades as mesmas estão relacionadas a outras noções de Patrimônio Cultural, como: jogos, espaços, pessoas, etc. Na Figura 18 se pode observar o espaço escolar caracterizado por bandeirinhas, seus alunos com trajes para a dança da quadrilha, em movimento de dança e, ao fundo, a comunidade escolar acompanha a apresentação. Não foi identificada a autoria da Figura 18. Segundo Dayrell (1996), são rituais ligados a datas comemorativas que, por vezes, tentam injetar uma renovação do compromisso com as motivações e valores dominantes, enfatizam a memória coletiva, ativam lembranças que manifestam tradições de um grupo, como ocorre nas festas juninas (DAYRELL, 1996, p. 16).

3.4 NOÇÕES DE PATRIMÔNIO CULTURAL ESCOLAR: ENTRE MEDIAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS

Após se analisar as noções de Patrimônio Cultural e Patrimônio Cultural escolar para cada grupo de educadores e turma de alunos, segue a reflexão sobre uma comparação entre os grupos das diferentes escolas, no intuito de identificar as diferenças e semelhanças entre os grupos, assim como as suas especificidades indicadas nos perfis socioeconômicos e culturais dos questionários, apresentados no capítulo 2. Busca-se reunir a estes aspectos produções teóricas

que possam auxiliar na compreensão dos sentidos e elementos lembrados enquanto Patrimônio Cultural escolar.

Ao se comparar os perfis dos educadores entre a escola de EJA, da E. E. G. D. V., e a escola de ensino regular, E. E. J. R. V., constata-se algumas diferenciações relevantes, relacionadas às noções de Patrimônio Cultural e Patrimônio Cultural escolar. Enquanto, no ensino de EJA, mais da metade dos educadores pesquisados estão na faixa etária entre 25 a 35 anos, no ensino regular da E. E. J. R. V. pouco mais de 40% dos educadores estão entre a faixa etária de 36 a 46 anos.

Todos os educadores são oriundos de outras localidades, no entanto as respostas dos questionários apontam que o tempo de moradia dos educadores do E. E. J. R. V. é bem maior no município de Primavera do Leste. Cerca de 90% deles moram entre 11 a 24 anos nesta cidade, diferentemente dos educadores de EJA, que apresentaram, no tempo de moradia, entre 5 a 10 anos para 47%, ou seja, quase metade deles.

Outra diferenciação entre os grupos de educadores está no dado onde 60% dos educadores pesquisados da escola de EJA são do sexo masculino, enquanto na E. E. J. R. V. 100% dos educadores pesquisados são do sexo feminino. Isto pode estar relacionado ao fato de a escola de EJA oferecer aulas nos três períodos (matutino, vespertino e noturno), enquanto na E. E. J. R. V. as aulas ocorrem no período matutino e vespertino⁷⁵.

A formação dos educadores pesquisados do ensino de EJA é de 100% docente⁷⁶, enquanto na E. E. J. R. V. estão 80% docentes e 20% técnicos administrativos, isto é, a segunda escola obteve dentro desta pesquisa a resposta de um grupo de educadores onde as atividades profissionais do mesmo são um pouco mais heterogêneas que no primeiro grupo, embora a aplicação tenha sido oferecida para os diferentes grupos de profissionais dentro das duas escolas.

Em relação ao acesso aos computadores com internet em casa, dos educadores da escola de EJA, 95% deles disseram que o possuem, contrastando com os educadores da E. E. J. R. V., onde 58% deles disseram possuir tal recurso em casa.

⁷⁵ Dados da pesquisa no ano de 2012.

⁷⁶ Conforme foi apresentado no Capítulo 2, os dados desta pesquisa são referentes a uma amostragem de 10% do quadro total de educadores de cada escola, totalizando em 20 profissionais da educação, contudo em cada escola trabalham em média 65 educadores.

Os educadores das duas escolas apresentaram números semelhantes sobre a conclusão do Ensino Fundamental e Médio em escola pública, sendo em média 90% para ambos. No Grupo do EJA e no grupo da E. E. J. R. V., pesquisados (10% dos educadores de cada escola), todos possuem graduação.

De acordo com o que foi apresentado, a faixa etária, hábitos de leitura, o acesso à internet e à formação superior são elementos que foram diferenciados entre os dois grupos de educadores pesquisados, suscitando alguns questionamentos sobre a relação de tais aspectos nas concepções de Patrimônio Cultural escolar:

Como a mídia pode influenciar nas noções de Patrimônio Cultural? Como a instrução por meio da graduação e especializações contribuem, ou não, para repensar o Patrimônio Cultural? Será que a faixa etária dos educadores e os hábitos de leitura podem promover subsídios na construção das noções de Patrimônio Cultural escolar? Vejamos no Quadro 3, a seguir, os apontamentos:

Quadro 3 - Dados da pesquisa

GRUPOS	O QUE É PATRIMÔNIO CULTURAL ESCOLAR?
Educadores E. E. Getúlio D. Vargas	<p style="text-align: center;"> Biblioteca 5% Registros na secretaria 5% Relatos de vida 5% Cultura do aluno 5% Fotografias 5% Toda escola 5% Bens físicos 5% Expressões e práticas 5% Festas regionais 5% Laboratório de informática 5% Acervo da escola 5% Prédio escolar 10% História pessoal 10% Conhecimento das pessoas 10% Não existe 15% </p>

Educadores E. E. João Ribeiro Vilela	<p>Apresentações culturais 11%</p> <p>Atas 4%</p> <p>Cultura do aluno 4%</p> <p>Toda a escola 4%</p> <p>Bens físicos 4%</p> <p>Brincadeiras 4%</p> <p>Monumentos 4%</p> <p>Em branco 4 %</p> <p>Biblioteca 7%</p> <p>Fotografias 7%</p> <p>Salas 7%</p> <p>Expressões e práticas 7%</p> <p>Recursos pedagógicos 11%</p> <p>Não sei o significado 11%</p> <p>Prédio escolar 15%</p>
--------------------------------------	--

Org.: PITAS, J. R. (2012).

Pode-se perceber que, no Quadro 3, o grupo de educadores do EJA e o grupo de educadores da E. E. J. R. V. apontaram como sendo noções de Patrimônio Cultural escolar diversas categorias, de modo que levam a reflexões do que é significativo dentro do espaço escolar, algo bastante particular, mas que expressa o cotidiano, as práticas dentro e fora da escola, assim como a relação das pessoas com os usos dos espaços e a cultura material/imaterial.

O grupo de educadores de EJA apontou no Quadro 3, em especial, o conhecimento das pessoas, relatos de vida, a cultura dos alunos, enquanto o outro grupo de educadores, da E. E. J. R. V. indicou, em especial, os bens físicos, os espaços da escola e os recursos pedagógicos da mesma.

Pode-se relacionar as noções de Patrimônio Cultural escolar do grupo de educadores de EJA aos aspectos que estão presentes nas práticas dos mesmos; como já apontado, todos desse grupo possuem graduação, a maioria tem acessibilidade a diversificados meios de comunicação e, no caso destes educadores, foi maior o hábito de uso da internet, tv, leitura de livros, jornais e revistas.

Considera-se que a transmissão do que possa ser percebido como Patrimônio Cultural está sendo veiculada por inúmeras mídias, no uso digital dos museus, nos livros em geral, e instituições de pesquisa disponibilizam uma gama de documentos que compõem elementos na promoção de “novas” noções de

Patrimônio Cultural escolar. Tais considerações são importantes para se pensar a memória social em conformidade às noções de Patrimônio Cultural:

[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-se em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. [...] No entanto, além de um fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também à vida social. (LE GOFF, 2003. p. 419).

Conforme a citação de Le Goff (2003), as informações selecionadas pela memória são conservadas a partir de outras, mais antigas, está ligada à percepção do indivíduo e a sua vida em sociedade. Aspecto que influenciará, dentro desta pesquisa, variadas formas de recepção e mediação sobre o que a internet, o rádio, a TV, entre outras mídias, anunciam como sendo Patrimônio Cultural⁷⁷.

De outro modo, os educadores da E. E. J. R. V., segundo grupo do Quadro 3, apresentaram entre os hábitos de lazer certa relevância à religião, aspecto que pode ser relacionado à faixa etária deste grupo, em média entre 36 a 47 anos, em torno de 10 anos a mais na idade do que o grupo da outra escola de EJA (100% feminino); de outra forma, o grupo de educadores da E. E. J. R. V. indicou percepções mais tradicionais sobre Patrimônio Cultural escolar. Também abarca diferentes atividades profissionais dentro da escola, exercendo funções que extrapolam a relação direta com o conhecimento, por vezes priorizando a manutenção dos espaços e bens materiais da escola, como é o caso dos técnicos administrativos, da secretaria, da coordenação, entre outras funções de trabalho, que podem contribuir na resignificação desse grupo, na maior lembrança sobre os bens materiais.

Além disso, o grupo de educadores da E. E. J. R. V. pesquisados é composto por 100% de mulheres⁷⁸, apresentando variadas condições socioeconômicas, conforme os dados do questionário aplicado aos grupos, onde os salários estão entre 5 a 7 salários para a maioria delas (58%), 2 a 4 salários para 21%, 8 a 10 salários para 11%, 1 salário para 5% e deixaram em branco 5% delas.

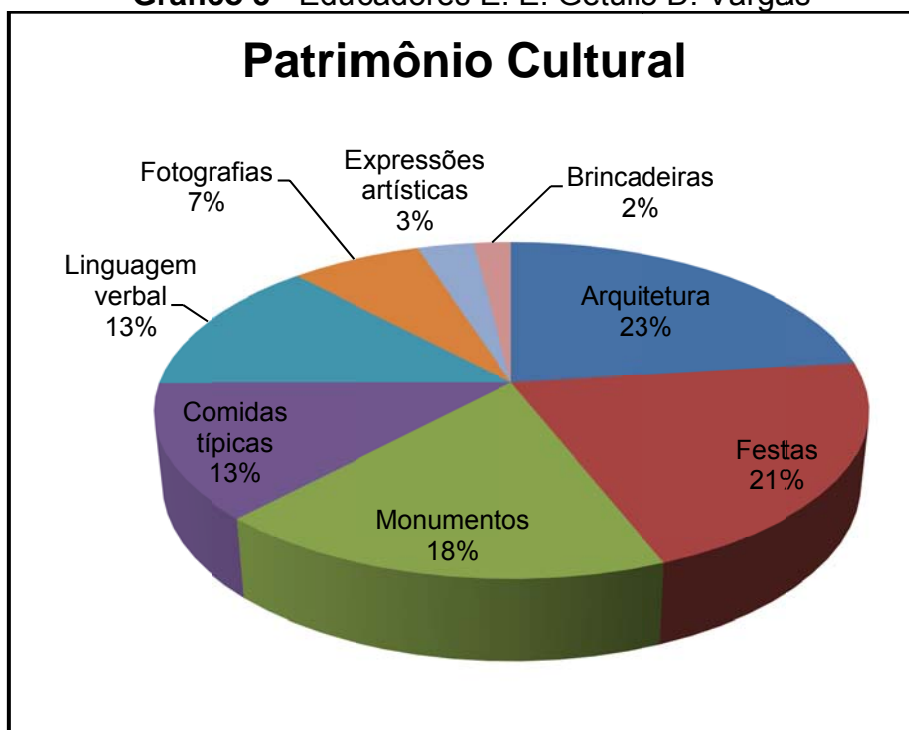
⁷⁷ Cabe refletirmos se o conceito de Patrimônio Cultural, veiculado nas mídias, é o mesmo ou se é diferente daquele proposto pelos órgãos de pesquisa científica.

⁷⁸ Dentro desta pesquisa investigou-se 10% dos educadores na E. E. J. R. V., mas, em conformidade a ela, durante a observação na pesquisa de campo foi possível perceber que dentro dos 100% dos educadores desta escola a presença feminina é majoritária, sendo que o número de educadores do sexo masculino não deve ultrapassar a 10% dos profissionais.

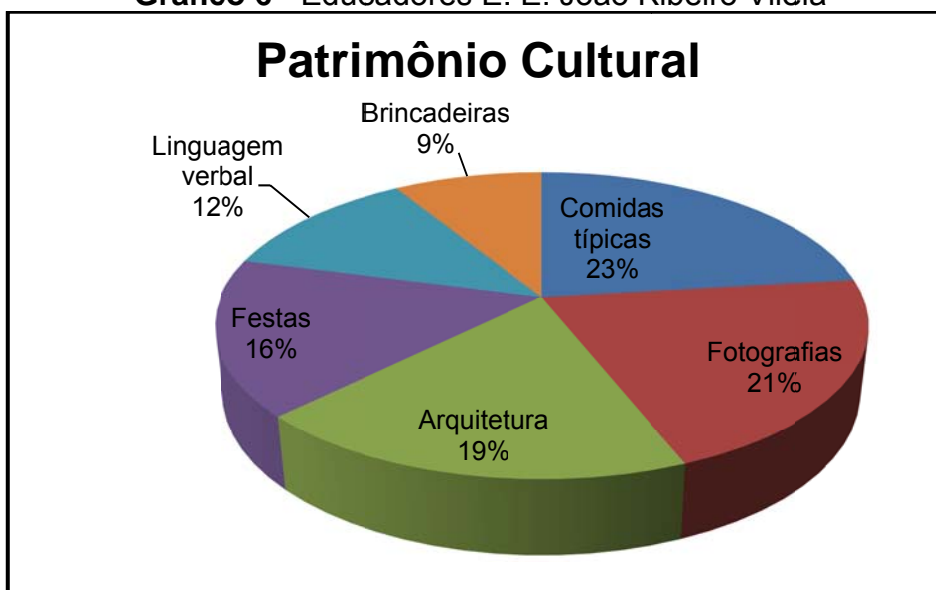
Cabe considerar que nesse grupo todas possuem graduação (100%), a média salarial é maior do que na escola de EJA e isso também se deve ao maior tempo de vínculo à instituição, visto que para os efetivos há progressão salarial.

São significativas as diferentes noções de Patrimônio Cultural escolar que aparecem entre os dois grupos de educadores, quando questionados sobre Patrimônio Cultural, ou melhor, as porcentagens para as categorias referentes ao Patrimônio Cultural estão relacionadas à realidade das duas comunidades escolares. Veja-se os Gráficos 05 e 06, abaixo:

Gráfico 5 - Educadores E. E. Getúlio D. Vargas



Elab.: PITAS, J. R. (2012).

Gráfico 6 - Educadores E. E. João Ribeiro Vilela

Org.: PITAS, J. R. (2012).

Na questão sobre Patrimônio Cultural apresentaram-se vários dados semelhantes entre os dois grupos de educadores, diferenciando-se principalmente nas fotografias, comidas típicas, brincadeiras, onde tais categorias foram apontadas na E. E. J. R. V. em quase 50% a mais que a E. E. G. D. V.

Vale lembrar que, assim como na questão anterior, sobre Patrimônio Cultural escolar, as fotografias e brincadeiras foram lembradas em menor proporção pelos educadores da E. E. G. D. V. e maior número pelos educadores da E. E. J. R. V. - para estes vale considerar o tempo da criação física da escola E. E. J. R. V. e da sua comunidade, a qual se iniciou em 1990, e em consequência os registros documentais (fotográficos, atas, vídeos, registros de alunos e educadores, entre outros arquivos) desta escola são maiores, muitos ainda não digitalizados. De outro modo, a E. E. G. D. V. foi reestruturada em 2008/2009 e isso refletiu na composição das memórias coletivas, da equipe de educadores, de alunos, nas adequações em seus espaços, materiais pedagógicos e registros documentais (arquivos fotográficos, pedagógicos, normativas, entre outros.). Fatores que levam a pensar em uma aproximação dos termos Patrimônio Cultural e Patrimônio Cultural escolar, do conceito às práticas na escola; como exemplo, as brincadeiras podem ser percebidas no habitual recreio dirigido na E. E. J. R. V.

Embora os dois grupos de educadores tenham apontado os bens materiais e imateriais na mesma proporção, algo a se destacar, os educadores da E.

E. G. D. V. evidenciaram a arquitetura, monumentos e as festas, conforme o primeiro gráfico. Neste caso, as indicações se distanciam dos apontamentos para a questão sobre Patrimônio Cultural escolar, mas que também aparecem em menor proporção em outras categorias, como as comidas típicas, parte de projetos e festividades realizadas nesta escola.

Estas análises levam a pensar sobre a necessidade de relacionar o Patrimônio Cultural com o dia-a-dia dos grupos pesquisados, correlacionando com a faixa etária, gênero e condição socioeconômica (escolas com temporalidades diferenciadas) e relações de trabalho.

No que se refere às noções de Patrimônio Cultural escolar e Patrimônio Cultural, para os alunos da Escola de EJA pode-se observar que na turma A 63% é masculina, enquanto na turma B 58% é feminina. Na turma A da E. E. J. R. V. 65% é feminina, enquanto na turma B 52% é masculina, tais dados anunciam os diferentes perfis dentro da mesma escola.

A faixa etária dos alunos da E. E. J. R. V., nas turmas A e B, está entre 13 e 17 anos, na escola de EJA a turma A apresenta 71% entre 15 e 25 anos, e 29% dos alunos variam entre a faixa etária de 26 a 46 anos; na turma B 92% dos alunos estão entre a idade de 15 e 25 anos. Levando em conta esses dados e as condições socioeconômicas dos grupos visualiza-se que a atividade profissional é fator representativo nas quatro turmas pesquisadas. Na turma A da E. E. J. R. V. 13% dos alunos trabalham e na turma B esse dado aumenta para 19%, na escola de EJA o número da turma A é de 66% de trabalhadores, enquanto na turma B cai para 46%; em todos os grupos as atividades profissionais são braçais (pintor, diarista, mecânico, garçom, entre outros)⁷⁹. Isso corresponde ao grau de instrução dos alunos (todos da 8ª série/9º ano do Ensino Fundamental), assim como a renda familiar, onde as quatro turmas, nas duas escolas, disseram que a renda familiar varia entre 1 a 4 salários mínimos para cerca de mais de 50% dos alunos. Cabe refletir como tais aspectos repercutem no acesso a determinados meios de informação, os quais podem contribuir na composição das noções de Patrimônio Cultural dos alunos, que aqui apresentam similar grau de instrução e econômico, mas com faixa etária e experiências profissionais bem diversificadas. Ao observar o

⁷⁹ Ver outras atividades nos Apêndices.

Quadro 4 se visualiza algumas indicações sobre Patrimônio Cultural escolar, elencadas de modo a considerar a porcentagem do menor para o maior número.

Quadro 4 - Dados da pesquisa sobre o que é Patrimônio Cultural na escola

GRUPOS	O QUE É PATRIMÔNIO CULTURAL ESCOLAR?
Alunos E. E. Getúlio D. Vargas - EJA – Turma A	Arquitetura 4% Não existe 11% Não sei o significado 11% Festa junina 12% Espaços escolares 62%
Alunos E. E. Getúlio D. Vargas - EJA – Turma B	Festas 10% Em branco 10% Espaços escolares 15% Não existe 20% Não sei o significado 45%
Alunos E. E. João Ribeiro Vilela – Turma A	Fotos 4% Aula de História 5% Espaços escolares 14% Não existe 18% Não sei o significado 59%
Alunos E. E. João Ribeiro Vilela – Turma B	Festas 5% Espaços escolares 14% Outros 19% Não sei o significado 24% Não existe 38%

Org.: PITAS, J. R. (2012).

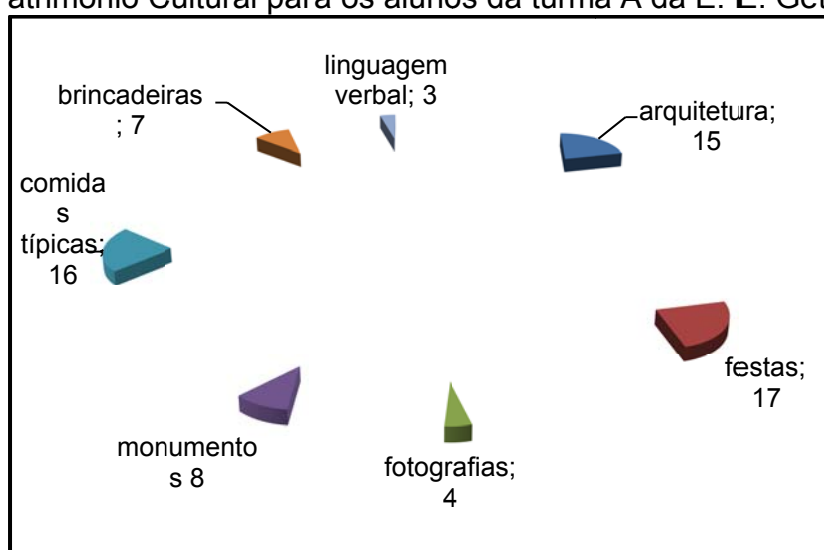
Em comum os grupos de alunos apontaram, em grande porcentagem, que não sabem o significado, ou que não existe Patrimônio Cultural escolar, resultante de até 60% dos alunos, algo que reforça a ideia de que as concepções de Patrimônio Cultural precisam ser mais relacionadas ao cotidiano, trabalho crescente nas escolas e publicações no Brasil entre a década de 1980, em parceria com alguns museus e projetos que buscam através da Educação Patrimonial promover a sensibilidade e cidadania no campo do Patrimônio Cultural, por meio de ações educativas.

Outro dado em comum entre os grupos de alunos foram as indicações para os espaços escolares, considerando em maior evidência a cultura material, uma percepção mais restrita que, por vezes, está associada à lembrança de que o Patrimônio reside em monumentos e na arquitetura.

Relacionando ao acesso midiático dos alunos pesquisados, verifica-se que, comparando os apontamentos dos educadores aos dos alunos, este último grupo possui menor acesso à internet, em média disponível para 50% dos alunos das turmas, apenas a turma B da E. E. J. R. V. indicou 76%.

Nos Gráficos 07, 08, 09 e 10 são analisadas as categorias apontadas pelos alunos das duas escolas, mas considerando o contexto, o perfil socioeconômico e o aspecto cultural dos mesmos.

Gráfico 7 - Patrimônio Cultural para os alunos da turma A da E. E. Getúlio D. Vargas



Org.: PITAS, J. R. (2012).

Gráfico 8 - Patrimônio Cultural para os alunos da turma B da E. E. Getúlio D. Vargas



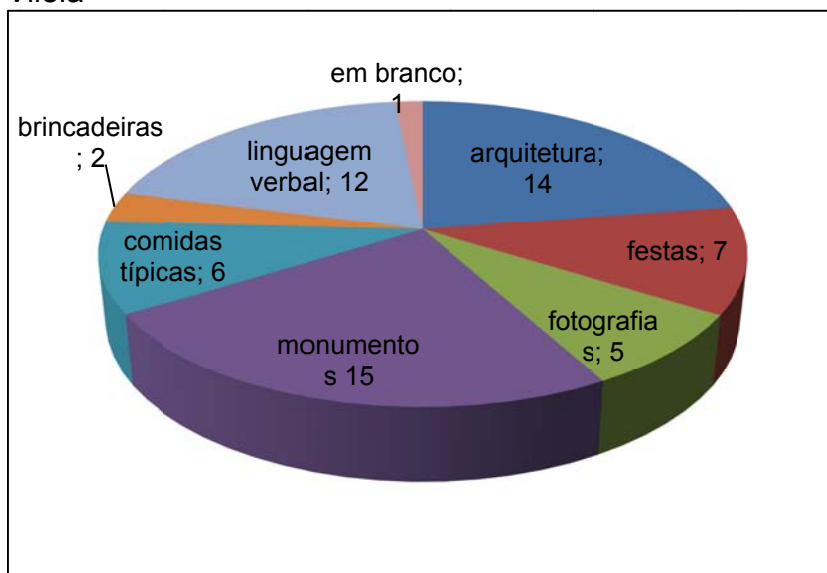
Org.: PITAS, J. R. (2012).

Quando se analisa os dados dos Gráficos 07 e 08, das turmas A e B, da escola de EJA, as categorias com maior número de indicação de Patrimônio Cultural foram para arquitetura, festas e comidas típicas, de modo muito semelhante entre as turmas. Pode-se perceber nos questionários que o hábito de leitura de livros e revistas não ultrapassa 3% entre os grupos de alunos pesquisados, predominando a TV e internet como atividades de lazer para cerca de 50% deles.

Para a turma A, diferentemente das outras turmas, eles indicaram como sendo o conhecimento o aspecto que mais gostam na escola, este foi apontado por 30% dos alunos que também assinalaram em 2% para os professores; esta turma apresenta 20% dos alunos na faixa etária entre 26 e 46 anos, enquanto na turma B 92% dos alunos estão entre 15 e 25 anos de idade - para esta turma de alunos destacaram-se os jogos, o recreio e as festividades, outras formas de sociabilidade, de encontro entre os diferentes grupos que transitam pelo espaço escolar.

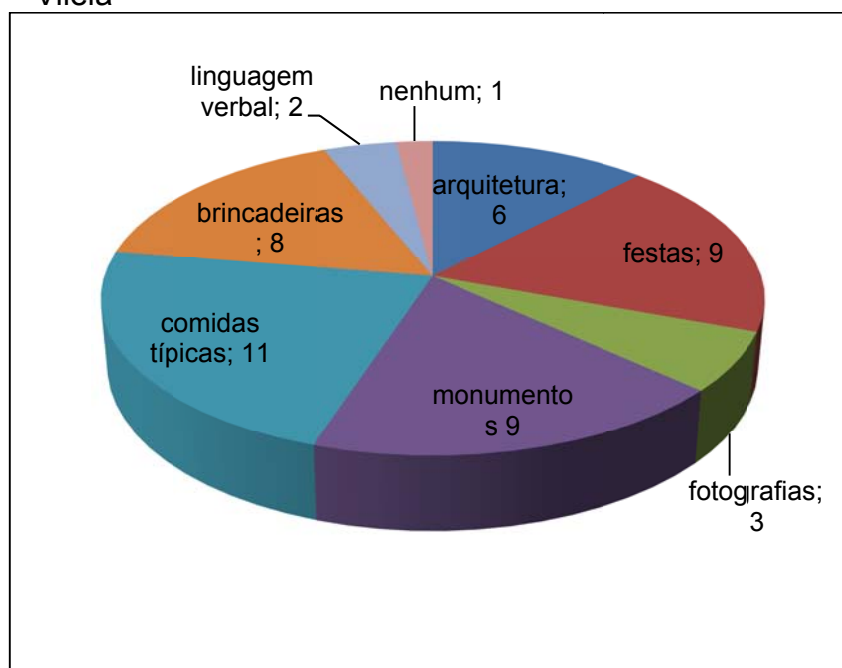
Nos Gráficos 09 e 10 compara-se as noções de Patrimônio Cultural das turmas A e B da E. E. J. R. V.

Gráfico 9 - Patrimônio Cultural para os alunos da turma A da E. E. João Ribeiro Vilela



Org.: PITAS, J. R. (2012).

Gráfico 10 - Patrimônio Cultural para os alunos da turma B da E. E. João Ribeiro Vilela



Org.: PITAS, J. R. (2012).

A turma A da E. E. J. R. V. apontou como Patrimônio Cultural, prioritariamente, a arquitetura, os grandes monumentos e a linguagem verbal. Em comparação, na turma B da E. E. J. R. V. o Patrimônio Cultural foi sugerido como sendo, principalmente, comidas típicas, festas e monumentos.

No que se refere aos perfis socioeconômicos destas turmas, na turma A prevalece o gênero feminino (65%), na turma B os números são equilibrados entre 52% masculina e 48% feminina. Embora as indicações para a arquitetura não sejam na mesma proporção daquelas apontadas pelos educadores desta escola, esses dados são expressivos pelos alunos tanto para a noção de Patrimônio Cultural como para as noções de Patrimônio Cultural escolar.

Os alunos das duas turmas estão na faixa de 13 a 17 anos, onde na turma A 13% trabalham e na turma B somam 19%, contudo, a renda familiar desta segunda turma é maior que a da turma A e isso está refletido nos diferentes acessos às mídias, em especial o uso da internet em casa e as idas ao cinema.

Dentro destas análises socioeconômicas, relacionadas aos apontamentos sobre noções de Patrimônio Cultural/escolar é de importância a atual noção de Patrimônio Cultural, que teve sua consolidação em um mesmo período em

que as informações audiovisuais (TV, rádio, computador, internet, etc.) ultrapassaram o material impresso.

A evolução final, que levou o patrimônio histórico a configurar-se como patrimônio cultural, mais abrangente, servindo para designar todo um conjunto de bens culturais, sejam eles "históricos", "artísticos" ou "arquitetônicos", se deu através das chamadas Cartas Patrimoniais, editadas, ao longo do século XX e início do século XXI, por organizações internacionais [...]. (SANTIAGO, 2007, p. 44, grifos do autor).

Conforme a citação, as cartas patrimoniais estabeleceram relações entre Patrimônio, memória social. As mídias digitais, em meados do século XX moveram diferentes modos de documentação sobre o Patrimônio Cultural, criados a partir da memória social, lembranças coletivas, vividas na interação entre as pessoas pelo diálogo direto, por leituras, mas que é multiplicada no uso das mídias digitais.

O cinema é uma das mídias que podem oferecer tal suporte de memória, para 3 turmas de alunos o cinema é algo comum para cerca de 3% dos alunos. Apenas a turma B da E. E. J. R. V., na qual a renda familiar é um pouco maior, e o acesso à internet indicou um número maior, cerca de 13% dos alunos indicaram o cinema como opção de lazer. Contudo, deve-se considerar que todas as turmas apontaram como hábito de lazer a TV, a qual recorrentemente exhibe inúmeros filmes.

Refletir sobre o "ciberespaço", por onde transitam os alunos e educadores pesquisados, é um dado relevante na percepção de Patrimônio Cultural/escolar, pois ele:

[...] é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 2003, p. 17).

O ambiente virtual descrito compõe uma gama de informações que podem colaborar para atualização e ampliação sobre noções de Patrimônio Cultural (não podemos precisar, aqui, se tais informações estão no campo popular ou científico), as quais são disponíveis em diferentes mídias, tanto para alunos como

educadores, do mesmo modo que elas são diferenciadas nos apontamentos de seus usos entre os grupos.

A construção da memória coletiva é influenciada pela expansão das tecnologias de informação e comunicação e o Patrimônio Cultural, que pode ser repensada por esses meios, os quais estão a cada dia mais disponíveis. Nas duas escolas desta pesquisa, cabe considerar também que há laboratórios de informática, os quais são utilizados por alunos e educadores, para pesquisa e entretenimento.

Pode-se assim refletir sobre o acesso de conteúdos referentes ao Patrimônio Cultural no uso da mídia digital, que estes são por muitas vezes potencializadores, ou não da forma científica, na divulgação de práticas culturais locais, inclusive sobre o universo escolar, podendo estabelecer uma relação entre usuários interface em ações de colaboração entre as comunidades.

Além das mídias eletrônicas como suporte na construção da memória, em especial na formação das concepções sobre Patrimônio Cultural, cabe pensar sobre as fotografias enquanto outro suporte importante, as quais foram apontadas como Patrimônio Cultural por todos os grupos desta pesquisa (alunos da E. E. J. R. V., turma A (8%), turma B (6%); alunos da EJA, turma A (6%), turma B (11%); educadores da EJA (7%), educadores da E. E. J. R. V. (19%). Desse modo, a fotografia exerce duplo sentido, pois é um meio de divulgação de informações e também uma categoria documental significativa dentro do Patrimônio Cultural/escolar. Por isso se questiona: como a fotografia pode estar relacionada à percepção de Patrimônio Cultural?

Tendo em consideração que a fotografia está disponível nas diferentes mídias digitais ou impressas, deve-se analisar a fotografia como possível fonte histórica, que pode ativar ou silenciar nossa memória, pois transita entre testemunhos, objeto-relicário⁸⁰ e recordações. “Fotografia é memória enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos; documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência” (KOSSOY, 2007, p. 131).

De acordo com Kossoy, os aspectos descritos na fotografia denotam a sua importância no registro, perpetuação ou silenciamentos da memória, e

⁸⁰ Segundo Kossoy (2005), são experiências de vida cristalizadas na memória.

também pode estabelecer temporalidades com o seu observador, que documenta e por vezes seleciona elementos como sendo parte do Patrimônio Cultural.

Não importando qual seja o objeto da representação, a questão recorrente é o aspecto (consciente ou inconsciente) da captura do tempo, ou da preservação da memória. É a memória coletiva nacional, preservada através da documentação fotográfica de seus monumentos, arquitetura, de suas vistas e paisagens urbanas, rurais e naturais, de suas realizações materiais, de sua gente, de seus conflitos e de suas misérias. É também a memória individual pessoal, gravada pelo registro fotográfico: a aparência do homem congelada, num dado momento de sua trajetória, o objeto-relicário mantendo a lembrança, através dos retratos da família, de uma época desaparecida. Imagens silenciosas. (KOSSOY, 2007, p. 132).

Segundo Kossoy (2007), a fotografia apresenta elementos do tempo e da memória coletiva, espaços públicos, arquitetônicos, de naturezas, urbanístico, ou de cunho individual, que suscitam fios de lembranças, afetividades, conflitos, etc., um universo de possibilidades investigativas.

CONCLUSÃO

No decorrer desta pesquisa buscou-se apresentar noções de Patrimônio Cultural no espaço escolar, considerando os debates teóricos sobre as transformações conceituais no campo da antropologia, da história, ou melhor, da história antropológica que envolve novas perspectivas para questões patrimoniais, entre pesquisadores, órgãos institucionais, como IPHAN e UNESCO, juntamente às suas produções acadêmicas e às recepções entre as comunidades escolares, a sociedade civil.

No primeiro capítulo foi evidenciado o processo de ocupação migratória na região Centro-Oeste do Brasil, em especial no município de Primavera do Leste-Mato Grosso, crescente na década de 1970, durante o período da ditadura militar, e intensificada na década de 1980, por pessoas oriundas de diversas regiões brasileiras, incluindo os remanescentes quilombolas, etnias indígenas e naturais do estado do Mato Grosso. Tais apontamentos são correlacionados às memórias individuais e coletivas das comunidades escolares, na construção identitária dos mesmos, por vezes em disputa de reconhecimento, por outras vezes em “esquecimentos”, mas que não estão dissociadas dos elementos que representam as diversificadas concepções do que é significativo no campo patrimonial.

No segundo capítulo foram apresentados dados referentes ao espaço físico das escolas analisadas, os diferenciados perfis das comunidades escolares (educadores e alunos), no intuito de se refletir sobre o quanto a diversidade étnica, cultural e social pode estar relacionada às noções de Patrimônio Cultural. A localização das escolas e a sua relação com o seu entorno, aspectos sobre o desenvolvimento educacional a partir do IBGE, as diferentes faixas etárias entre os grupos que perpassam o cotidiano escolar, as atuações dos profissionais da educação, assim como as múltiplas realidades socioeconômicas tiveram como objetivo priorizar dentro das análises as especificidades dos agentes sociais, que contextualizam o espaço desta pesquisa.

No terceiro capítulo foram correlacionadas diferentes abordagens teóricas sobre concepções de Patrimônio Cultural às múltiplas resignificações de alunos e educadores em diferentes escolas (ensino regular e ensino de jovens e adultos), considerando a realidade dos mesmos através do perfil socioeconômico e

cultural apresentado nos questionários e os apontamentos sobre Patrimônio Cultural e Patrimônio Cultural escolar. Os quais suscitaram alguns questionamentos:

Como a formação inicial e continuada dos educadores pode influenciar na percepção do que envolve o Patrimônio Cultural escolar, tanto na esfera documental como na construção das memórias?

Como as experiências dos educadores e alunos, sendo por muitas vezes oriundos de localidades diferenciadas, mas de cotidianos escolares específicos, implicam em apontamentos de elementos relevantes para a preservação cultural, ou não, no espaço escolar?

Coube questionar: Como ações no campo da educação patrimonial podem desenvolver diferentes perspectivas de reconhecimentos das categorias que compõem o universo da cultura escolar por meio da sua história?

Evidenciou-se, ao longo dessa pesquisa, que a ampliação das noções sobre Patrimônio Cultural ultrapassou as instituições que trabalham para a sua preservação e reconhecimento, está pulverizada nas mais diferentes mídias de comunicação (podendo estar em desacordo com o conceito científico, ou não), assim como nas relações interpessoais entre as diversas comunidades, que colorem ou resignificam o campo patrimonial e os debates sobre o que é Patrimônio Cultural, inclusive no âmbito escolar.

Para isso, buscou-se relações entre a história da escola com os apontamentos das duas comunidades escolares sobre Patrimônio Cultural/escolar; no intuito de analisar algumas práticas recorrentes nas duas escolas, diferenciadas, foram correlacionadas as relações afetivas entre os grupos presentes nos mais diferentes espaços, por meio das comemorações, recreio, nos registros da memória, nas fotografias, nos jogos estudantis, na culinária, nas expressões verbais, na composição de toda a estrutura física, entre outros aspectos, específicos de cada escola em análise. Entre eles, as relações afetivas, formativas, as experiências informais, isto é, considerou-se a sociabilidade como fator aglutinador, às vezes causador de conflitos, além de identitário.

Neste universo multicultural as comparações entre os diversos grupos étnicos, culturais e de diferentes camadas sociais promoveram a visualização dos grupos (cerca de 80% dos educadores pesquisados - 20 pessoas - somando as duas escolas, mas de modo bem peculiar) com acesso as mídias digitais dentro e fora da escola, na forma de conhecimento, de entretenimento, e

estes indicaram em maior proporção o Patrimônio Cultural/escolar no dia-a-dia, reunindo suas experiências de vida aos conceitos divulgados por órgãos institucionais de preservação do Patrimônio Cultural.

Por outro lado, entre os grupos de alunos da E. E. J. R. V. e da escola de EJA, embora de faixas etárias diferentes, assemelharam-se ao indicarem Patrimônio Cultural/escolar com enfoque por vezes atribuído aos espaços físicos da escola e à sua arquitetura. Os perfis socioeconômicos mostraram que o acesso à informação ocorre entre diversas mídias, no entanto, o conhecimento, o entretenimento, entre outros recursos, estão menos disponíveis para estes grupos de educandos se comparados aos educadores.

Um ínfimo número de alunos conseguiu estabelecer relação do cotidiano escolar ao conceito de Patrimônio Cultural escolar (terminologia científica), assim, os elementos significativos para esses grupos puderam ser identificados; quando questionados sobre o que mais gostam na escola, o grupo de educadores elencou as sociabilidades, as pessoas. Estes aspectos obtiveram um número relevante de apontamentos tanto por alunos quanto por educadores, elementos que denotam duas reflexões: a primeira se refere a algumas perspectivas que o ambiente escolar promove, seja para aprendizagem formal e/ou pelos vínculos sociais que ali ocorrem, e até, para alguns, o sentimento de “agrupamento forçado”. A segunda reflexão está na importância de se realizar ações educativas - como a educação patrimonial - entre as comunidades escolares, onde a história dos seus agentes deve ser reconhecida entre os grupos que por ela transitam através do seu acervo documental (fotográfico, arquitetônico, mobiliário) e memorial.

A importância de se confrontar as normatizações das instituições responsáveis na preservação do Patrimônio Cultural, assim como os debates no campo patrimonial, nas comunidades escolares evidencia que a recepção sobre essa temática é pulverizada por diversas formas de informação e aprendizagens, para diferentes grupos socioeconômicos. As recepções apareceram nos dados desta pesquisa de modo diferenciado, onde a maioria dos educadores conseguiu elaborar diversas relações entre o Patrimônio Cultural e Patrimônio Cultural escolar, contudo, existem lacunas, há ainda os que não fazem relação do cotidiano escolar como sendo um universo de bens significativos (e que por outros não foram associaram a terminologia científica), portadores de memórias, como algo de importância para esses que compõem o espaço escolar. Contudo, considera-se os

inúmeros problemas sociais que abarcam os espaços escolares, almejando nesta investigação dar maior importância às histórias que perpassam estes espaços educativos, esquadrinhando suas práticas cotidianas.

Percebe-se que, entre os instrumentos utilizados nesta investigação, o questionário socioeconômico trouxe várias contribuições para o delineamento dos grupos de educadores e alunos, no entanto, não possibilitou que se visualizasse nos apontamentos dos grupos escolares uma relação entre a diversidade étnica e cultural às noções de Patrimônio Cultural/escolar. Algo significativo na pesquisa, que foi descrito nos relatos orais, que por vezes se apresentam em práticas nos acervos fotográficos escolares, mas que, infelizmente, não foram correlacionados ao sentido empregado a terminologia Patrimônio Cultural.

Somado a isso, o conhecimento no campo patrimonial, vinculado às práticas no espaço escolar, não é percebido pela maioria dos alunos como parte de um Patrimônio Cultural (alguns por incompreensão da própria terminologia, para outros ele é evidenciado em suas práticas preferidas), algo que nos leva a pensar sobre a necessidade de estudos (ações educativas e de formação continuada) de elementos da cultura escolar, enquanto parte importante da História das pessoas na escola, ampliada dentro da História local, regional, nacional, global, para que assim a escola e as comunidades se reconheçam como parte significativa da cultural patrimonial para um número maior de pessoas (alunos, educadores, sociedade civil). Onde o entendimento da terminologia científica, Patrimônio Cultural/escolar, talvez não se caracterize como o mais importante, mas sim a compreensão sobre o espaço escolar, que mesmo com todas as suas dificuldades (na infraestrutura, de violência, de discriminação, etc.), e diante de tantas diversidades culturais e econômicas, pode, ainda, ser um espaço de memórias, histórias, sociabilidades, afetividades, de cidadania.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BARROZO, João Carlos. Políticas de colonização: as políticas públicas para a Amazônia e o Centro-Oeste. In: BARROZO, João Carlos. (Org.). **Mato Grosso: do sonho à utopia da terra**. Cuiabá: EdUFMT, 2008.

BENCOSTA, Marcus Lévy. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

BESSEGATTO, Mauri Luiz. **O Patrimônio em sala de aula: fragmentos de ações educativas**. Santa Maria-RS: Evangraf, 2004.

BEZERRA, Márcia. “A educação patrimonial: perspectivas e dilemas”. In: LIMA FILHO, M. F.; BELTRÃO, J. F.; ECKERT, C. (Orgs.). **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 81-94.

BONATO, N. M. C. Memória da educação: preservação de arquivos escolares. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, Editora Dimensão, v. 6, n. 35, p. 45, set./out., 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: D.O.U., 05/10/1988.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto-Lei nº 25**, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro: D.O.U., 06/12/1937.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 3.551**, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília: D.O.U., 07/08/2000.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: D.O.U., 23/12/1996.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CABRAL, Magaly. Memória, Patrimônio e Educação. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, UNICAMP, n. 13, 2004.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

_____. O Patrimônio cultural e a construção imaginária nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, Rio de Janeiro, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CERUTTI, Leandro Genoino. **Deslocamento social e trabalho temporário: práticas e relatos de trabalhadores em Primavera do Leste-MT**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT, 2004.

CHAGAS, Mário. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. **Revista Eletrônica do Iphan**, Dossiê Educação Patrimonial, n. 3, Jan./Fev. de 2006. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br/ma.php?id=145>>. Acessado em: 26 jan. 2012.

_____. O pai de Macunaíma e o patrimônio espiritual. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 95-108.

CHAVEAU, A.; TÉTART, P. (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

CHUVA, Márcia. **Patrimônio imaterial: práticas culturais na construção de identidades de grupos**. In: Secretaria de Estado da Educação. Grupo Gestor. (Org.). **Reflexões e contribuições para a educação patrimonial**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez Tarcísio. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

DOURADO, Nileide Souza. **Entre caminhos e memórias: narrativas e cotidiano de itinerantes rumo a Poxoréo-MT (primeira metade do século XX)**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT, 2003.

ESCOLA ESTADUAL GETÚLIO DORNELLES VARGAS. **Projeto político pedagógico**. Primavera do Leste: EEGDV, 2011.

ESCOLA ESTADUAL JOÃO RIBEIRO VILELA. **Projeto político pedagógico**. Primavera do Leste: EEJRV, 2009.

FELGUEIRAS, Margarida. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pro-Posições**, v. 16, n. 1 (46), jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/46-dossie-felgueirasml.pdf>>. Acessado em: 19 jun. 2012.

FERNANDES, Rogério. Cultura de escola: entre as coisas e as memórias. **Pro-Posições**, v. 16, n. 1 (46), jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/46-dossie-fernandesr.pdf>>. Acessado em: 19 jun. 2012.

FRAGO, Viñao Antonio. Historia de la educación e historia cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, nº 0, p. 63-82, set./dez. 1995.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PIÑON, Ana. Contando às crianças sobre o passado no Brasil. **Boletim de Antropologia Americana**, Pelotas, v. 1, n. 2004, 2004.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; Chagas, Mário. (Orgs.). **Memórias e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GUSMÃO, Emery. Arquivos escolares, memória e cultura. **UNESP – Patrimônio e memória**, FCLAs – CEDAP, v. 1, n. 1, p. 64-65, 2005. Disponível em: <http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v1.n1/Artigos/Emery%20Marques%20Gusmao.pdf>. Acesso em: 15 maio 2012.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia história**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000006460511142011051416506447.pdf>>. Acesso em: 10/06/2012.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, p. 09-44, jan./jun. 2001.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a História do Museu. **Caderno de Diretrizes e Bases**, Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, Brasília, [s/d]. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf>. Acesso em: 13 maio 2013.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec/SENAC, 2005.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** São Paulo: Ateliê, 2007.

LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAVEAU, A.; TÉTART, P. (Orgs.). **Questões para a história do presente.** Bauru: Edusc, 1999.

_____. **História e memória.** Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico?** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 2003.

LIMA, Leida Maria de Souza. **O processo de (re) criação do campesinato em áreas do latifúndio: a fragmentação da terra em Rondonópolis-MT.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2007.

LONDRINA. Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação. **Estatuto do Conselho Escolar.** Londrina: SEDUC, 23 a 25/06/2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/pr_lond_sttt.pdf>. Acesso em: 31 maio 2012.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Anotações sobre uma História do Tempo Presente. **Revista Eletrônica Boletim do Tempo**, v. 5, n. 28, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.tempo.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5493%3Aanotacoes-sobre-uma-historia-do-tempo-presente&catid=222&Itemid=100076&lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2011.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Fernand Braudel, 2005.

MAUAD, Ana Maria. História, iconografia e Memória. In: SIMSON, Olga R. M. von. (Org.). **Os desafios contemporâneos da História Oral.** Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: história.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php>. Acesso: 15 nov. 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2010.

MELO, Victor Andrade de. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Revista Movimento**, UFRGS, Porto Alegre, p. 09-19, 2007.

MENESES, Ulpiano Bezerra. A Problemática da Identidade Cultural nos Museus: De Objetivo (de Ação) a Objeto (de Conhecimento). **Anais do Museu Paulista da USP - História e Cultura Material**, n. 1, São Paulo, 1993.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Vitrine de Guardados: exposições de escritas ordinárias como estratégia de preservação da memória escolar*. **Resgate**, n. 14, p. 35-46, Campinas, UNICAMP, 2005.

MOLINA, Ana Heloisa. Usos e funções da fotografia nos livros didáticos de história: um estudo de caso. In: TOLEDO, Maria Ap. L. T. (Org.). **História**. EAD. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012. (no prelo).

MONTEIRO, E. M. Antropologia e colonialismo. Os casos inglês, francês e português. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 3, n. 32, p. 71-85, 1992. In: PIÑON, Ana;

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n. 10, p. 12, 1993.

ORIÁ, Ricardo. Memória e Ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.). **O Saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PALILO, André Luiz et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PIÑON, Ana; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Contando às crianças sobre o passado do Brasil. **Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, v. 1, n. 1, Pelotas, RS: Editora da UFPel, p. 13-30, jan./jun. 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POULOT, Dominique. Um ecossistema do patrimônio. In: RODRIGUES, C. S. de C. et al. **Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008. p. 26-43.

_____. **Uma história do patrimônio no Ocidente: século XVIII - XXI**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do Patrimônio Cultural: os novos instrumentos de reconhecimentos e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

SANT'ANA, Thaís Rezende da Silva de. **A Exposição Internacional do Centenário da Independência: modernidade e política no Rio de Janeiro do início dos anos**

1920. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2008.

SANTIAGO, Rodrigo Peronti. **Memória e patrimônio cultural em ambientes virtuais**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Carlos: USP, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, Marcos. Além das coisas e do imediato: cultura material, História imediata e ensino de História. **Revista Tempo**, Departamento de História da UFF, v. 11, n. 21, Niterói, jul. 2006.

_____. Marcos A. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá: Editora Entrelinhas, 2002.

SOUZA, Rosa Fátima. História da Cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Lévy. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Convenção para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris: UNESCO, 2003.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Fala-se de monumentos. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SITES PESQUISADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE PRIMAVERA DO LESTE. 2011. Disponível em: <<http://www.camarapva.mt.gov.br/index.php?pag=galeria>>. Acesso em: 14/04/2011.

IBGE CIDADES. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 08/06/2011.

IDEB. Disponível em: <<http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em: 02/06/2011.

IPHAN. Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/montarPaginaInicial.do>>. Acesso em 02/03/2011.

MATO GROSSO E SEUS MUNICÍPIOS. 2011. Disponível em: <<http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/indexint.php?sid=207>>. Acesso em: 17/04/2011.

MUSEU DA ESCOLA. Disponível em: <<http://www.diaadia.pr.gov.br/museudaescola/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=27>>. Acesso em: 19/07/2011.

Pro-Posições. Dossiê: Cultura escolar e cultura material escolar: entre arquivos e museus. **Pro-Posições**, v. 16, n. 1 (46), jan./abril 2005. Disponível em: <<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/edicoes/sumario12.html>>. Acesso em: 03/05/2011.

REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS E PATRIMONIO: REMP Mato Grosso. Disponível em: <<http://rempmt.ning.com/>>. Acesso em: 07/07/2011.

REGRAS BÁSICAS PARA APRESENTAÇÃO FORMAL DE TRABALHO. Disponível em: <<http://www.uel.br/bc/portal/arquivos/apostila-normalizacao.pdf>>. Acesso em: 10/06/2011.

REVISTA PATRIMÔNIO E MEMÓRIA. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria.html>. Acesso em: 26/04/2011.

REVISTA PANDORA BRASIL. Edição especial, n. 04, março de 2011. Disponível em: <http://revistapandora.sites.uol.com.br/edicao_espe_4.htm>. Acesso em: 15/04/2011.

ANEXOS

ANEXO A


CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO
**TABELA DE VENCIMENTOS/REMUNERAÇÕES E JORNADAS DE TRABALHO DAS
CARREIRAS DO MAGISTÉRIO PÚBLICO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (Redes Estaduais)**

UF	NÍVEL MÉDIO VENCIMENTO REMUNERAÇÃO	LICENCIATURA PLENA VENCIMENTO REMUNERAÇÃO	CARGA HORÁRIA	% HORA- ATIVIDADE	CUMPRIMENTO DA LEI 11.738		
AC	890,00	1.187,00	1.843,00	---	30H	33%	Não paga o piso
AL	1.187,00	---	2.172,10	---	40H	25%	Não paga o piso e não cumpre H-A
AM	---	---	1.807,52	2.584,75	40H	---	Sem informação sobre o piso (nível médio). Não cumpre H-A
AP	1.085,00	2.046,36	1.283,07	2.566,14	40H	33%	Não paga o piso. Cumpre H-A
BA	1.187,98	1.879,14	1.489,22	1.953,56	40H	30%	Não paga o piso na forma de vencimento e não cumpre H-A
CE	1.270,09	1.397,10	1.528,28	1.681,11	40H	20%	Não paga o piso e não cumpre H-A
DF	1.777,61	3.121,95	2.260,08	3.958,04	40H	37%	Paga o piso e cumpre H-A
ES	510,05	963,13	775,72	1.023,32	25H	33%	Não paga o piso. Cumpre H-A
GO	1.460,00	---	2.016,03	---	40H	33%	Paga o piso, mas sindicato luta para adequar carreira
MA	725,81	1.270,16	927,27	1.891,63	20H	--	Paga o piso proporcional e não cumpre H-A
MG	369,00	1.122,00	580,00	1.320,00	24H	25%	Não paga o piso e não cumpre H-A
MS	1.489,67	2.011,05	2.234,50	3.016,50	40H	25%	Paga o piso, mas não cumpre H-A
MT	1.312,00	---	1.968,00	---	30H	33%	Paga o piso proporcional. Cumpre H-A
PA	1.451,00	---	---	---	40H	---	Paga o piso, mas não cumpre H-A
PB	1.038,00	---	1.303,00	---	30H	33%	Não paga o piso. Cumpre H-A
PE	1.451,00	---	---	1.524,53	40H	30%	Paga o piso, mas não cumpre H-A
PI	1.187,00	1.407,08	1.418,15	1.678,15	40H	30%	Não paga o piso e não cumpre H-A
PR	611,81	---	874,03	---	20H	20%	Não paga o piso e não cumpre H-A
RO	943,21	1.273,21	1.587,55	1.917,55	40H	33%	Não paga o piso. Cumpre H-A
RN	890,62	---	1.246,35	---	30H	20%	Não paga o piso e não cumpre H-A
RJ	---	---	---	---	---	---	Sem informação
RR	1.399,64	2.009,36	1.860,00	2.529,68	25H	25%	Não paga o piso na forma de vencimento e não cumpre H-A
RS	434,45	---	770,66	--	20H	20%	Não paga o piso e não cumpre H-A
SC	1.234,48	1.743,10	1.435,20	1.994,00	40H	20%	Não paga o piso na forma de vencimento e não cumpre H-A
SE	1.187,00	1.661,80	1.661,80	2.326,52	40H	37,5%	Não paga o piso na forma de vencimento. Cumpre H-A
SP	1.718,02	---	1.988,82	---	40H	20%	Paga o piso, mas não cumpre H-A
TO	1.329,00	---	3.062,00	---	40H	20%	Não paga o piso e não cumpre H-A

Fonte: Entidades Filiadas à CNTE – fevereiro/março de 2012

APENDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS – **EDUCADORES (apoio técnico, professores, administrativo, etc.)**

Sua escola foi escolhida para participar de uma pesquisa de Mestrado em História Social/PPGHS-UEL sobre Patrimônio Cultural escolar. O objetivo principal é analisar as diferentes práticas cotidianas escolares como fonte histórica e patrimonial. Para tanto, contamos com sua colaboração.

Fique atento às instruções:

- Responder individualmente, pois pretende-se conhecer o que cada um pensa.
- Trata-se de um trabalho confidencial.
- Este trabalho não existe certo ou errado. Serão levadas em consideração suas opiniões e posições.
- Não escreva o que você acha que os outros gostariam de ouvir, dê a sua opinião sincera.
- Se alguma questão não estiver clara, tire suas dúvidas com a pessoa que está aplicando o questionário.

1. Nome: _____
2. Sexo: () Feminino () Masculino
3. Idade: _____
4. Trabalha: () Sim () Não . Qual atividade? _____
5. Em que cidade você mora: _____ Há quanto tempo? _____

6. Qual o grau de escolaridade de seu pai:

- () 1º grau incompleto
- () 1º grau completo
- () 2º grau incompleto
- () 2º grau completo
- () superior incompleto
- () superior completo
- () não sei.

7. Qual o grau de escolaridade de sua mãe:

- () 1º grau incompleto
- () 1º grau completo
- () 2º grau incompleto
- () 2º grau completo
- () superior incompleto
- () superior completo
- () não sei.

8. Assinale a renda familiar mensal da sua casa:

- () Até um salário mínimo nacional (R\$ 622,00)
- () De dois a quatro salários mínimos nacionais
- () De cinco a sete salários mínimos nacionais
- () De oito a dez salários mínimos nacionais
- () Mais de dez salários mínimos nacionais

9. Você se considera de qual etnia?

- () indígena
- () negra
- () branca

- parda
- amarela

10. Possui computador em casa: () Sim () Não. Com acesso a internet: () Sim () Não

11. Como fez seus estudos do ensino fundamental (1º grau):

- Todo em escola pública
- Todo em escola particular
- Maior parte em escola pública
- Maior parte em escola particular.

12. Como fez seus estudos do ensino médio (2º grau):

- Todo em escola pública
- Todo em escola particular
- Maior parte em escola pública
- Maior parte em escola particular.

13. Possui graduação?

- sim. Área _____
- não

14. Possui pós-graduação?

- sim. Área _____
- não

15. Quais das atividades abaixo ocupam a maior parte do seu tempo livre (colocar em ordem decrescente)

- TV
- Religião
- Cinema
- Música
- Bares e boates
- Leitura de jornais
- Leitura de revistas
- Leitura de livros extra-escolares
- Internet
- Esportes
- Outra. Qual? _____

16. Você tem hábito de ler?

- Jornais
- revistas
- romances
- outros. Quais? _____
- não gosto.

17. Quantos livros você lê por ano?

- nenhum
- 1-3
- 4-7
- 8-12
- outros. Quantos? _____

18. Assinale 3 palavras que melhor definem o que é Patrimônio Cultural.

- a arquitetura

- as festas
- as fotografias
- grandes monumentos
- comidas típicas
- brincadeiras
- linguagem verbal
- Outras: _____

19. Você acha que existe Patrimônio Cultural dentro da escola?

- sim. Onde? _____
- não existe.
- não sei o significado.

20. Qual é a festividade escolar preferida.

21. O que você mais gosta na sua escola?

- dos jogos do recreio das festividades das pessoas
- do conhecimento/pesquisas/aulas
- do espaço (salas, laboratórios, biblioteca, pátio, etc.)
- outros _____

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS – Alunos do Ensino Fundamental.

Sua escola foi escolhida para participar de uma pesquisa de Mestrado em História Social/PPGHS-UEL sobre Patrimônio Cultural escolar. O objetivo principal é analisar as diferentes práticas cotidianas escolares como fonte histórica e patrimonial. Para tanto, contamos com sua colaboração.

Fique atento às instruções:

- Responder individualmente, pois pretende-se conhecer o que cada um pensa.
- Trata-se de um trabalho confidencial, educadores não conhecerão suas respostas.
- Este trabalho não existe certo ou errado. Serão levadas em consideração suas opiniões e posições.
- Não escreva o que você acha que os outros gostariam de ouvir, dê a sua opinião sincera.
- Se alguma questão não estiver clara, tire suas dúvidas com a pessoa que está aplicando o questionário.

1. Nome: _____
2. Sexo: () Feminino () Masculino
3. Idade: _____
4. Trabalha: () Sim () Não . Qual atividade? _____
5. Em que cidade você mora: _____ Quanto tempo? _____

6. Qual o grau de escolaridade de seu pai:

- () 1º grau incompleto
- () 1º grau completo
- () 2º grau incompleto
- () 2º grau completo
- () superior incompleto
- () superior completo
- () não sei.

7. Qual o grau de escolaridade de sua mãe:

- () 1º grau incompleto
- () 1º grau completo
- () 2º grau incompleto
- () 2º grau completo
- () superior incompleto
- () superior completo
- () não sei.

8. Assinale a renda familiar mensal da sua casa:

- () Até um salário mínimo nacional (R\$ 622,00)
- () De dois a quatro salários mínimos nacionais
- () De cinco a sete salários mínimos nacionais
- () De oito a dez salários mínimos nacionais
- () Mais de dez salários mínimos nacionais

9. Sua família recebe algum benefício do governo?

- () bolsa-família
- () tarifa social de energia
- () bolsa escola
- () outros. Quais? _____

10. Você se considera de qual etnia?

- indígena
- negra
- branca
- parda
- amarela

11. Você sempre estudou em escola pública?

- sim
- não. Por quantos anos? _____

12. Possui computador em casa: Sim Não. Com acesso a internet: Sim Não

13. Quais das atividades abaixo ocupam a maior parte do seu tempo livre (colocar em ordem decrescente)

- TV
- Religião
- Cinema
- Música
- Bares e boates
- Leitura de jornais
- Leitura de revistas
- Leitura de livros extra-escolares
- Internet
- Esportes
- Outra. Qual? _____

14. Assinale 3 palavras que melhor definem o que é Patrimônio Cultural.

- a arquitetura
- as festas
- as fotografias
- grandes monumentos
- comidas típicas
- brincadeiras
- linguagem verbal
- Outras: _____

15. Você acha que existe Patrimônio Cultural dentro da escola?

- sim. Onde? _____
- não existe.
- não sei o significado.

16. Qual é a festividade escolar preferida?

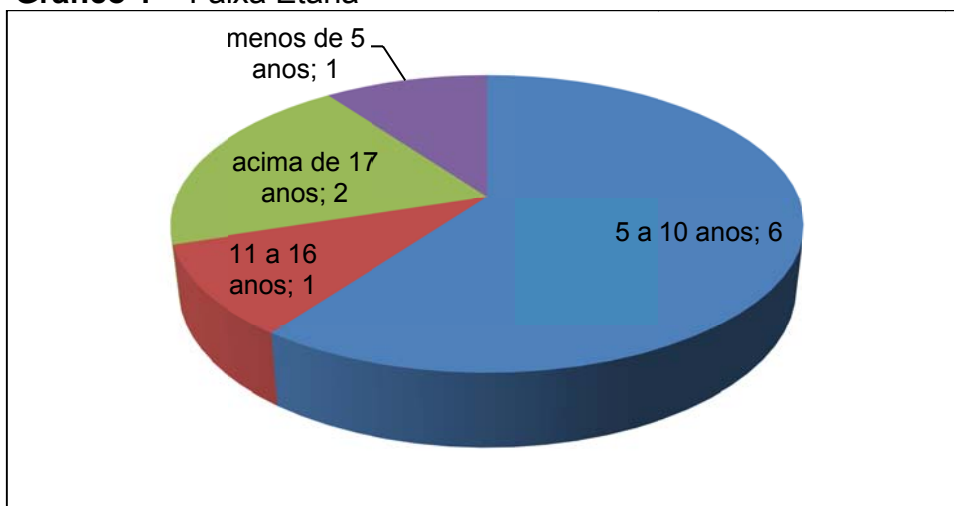
17. O que você mais gosta na sua escola?

- dos jogos
- do recreio
- das festividades
- das pessoas
- do conhecimento/pesquisas/aulas
- do espaço (salas, laboratórios, biblioteca, pátio, etc.)
- outros _____

APÊNDICE C

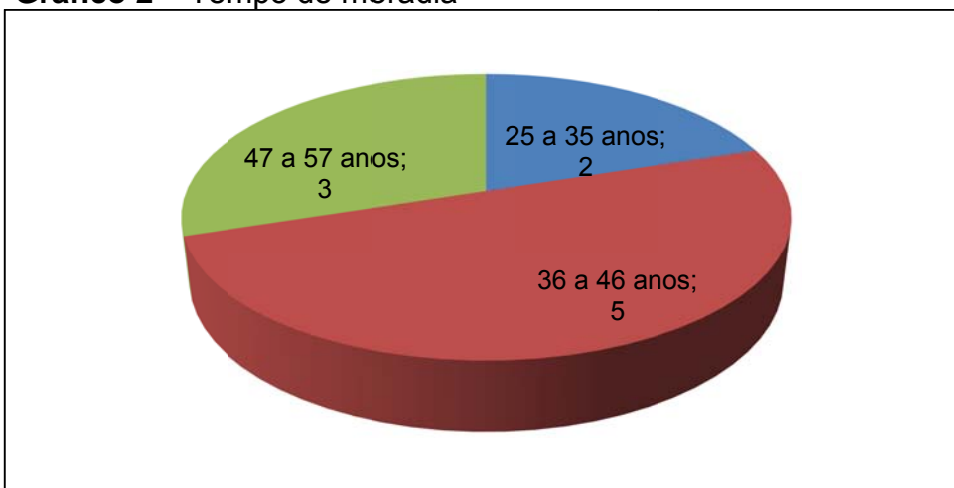
Educadores da Escola Estadual Getúlio Vargas

Gráfico 1 – Faixa Etária



Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

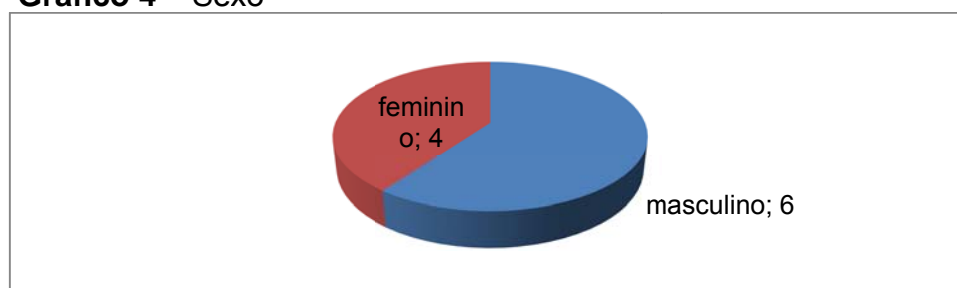
Gráfico 2 – Tempo de moradia



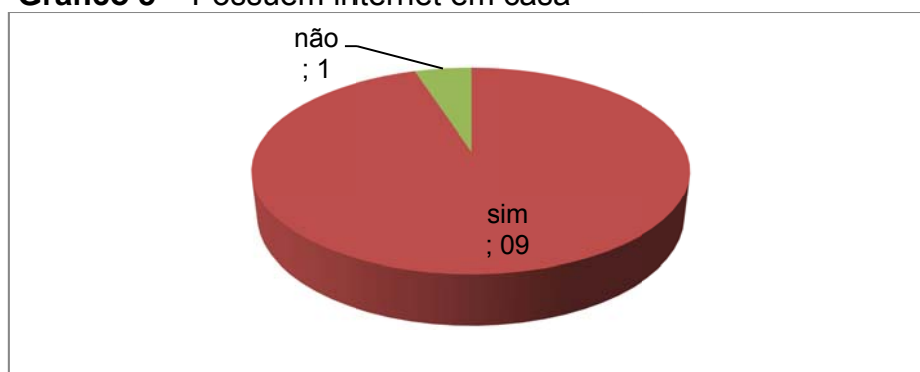
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 3 – Atividade profissional

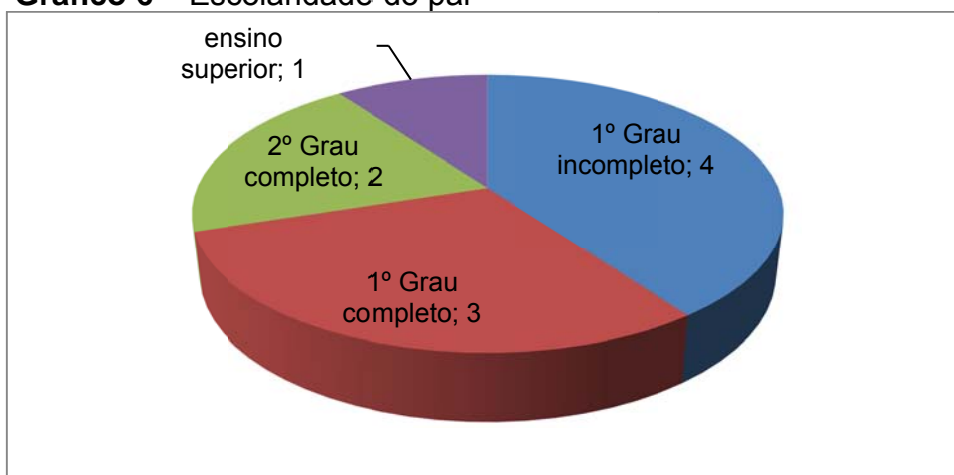
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 4 – Sexo

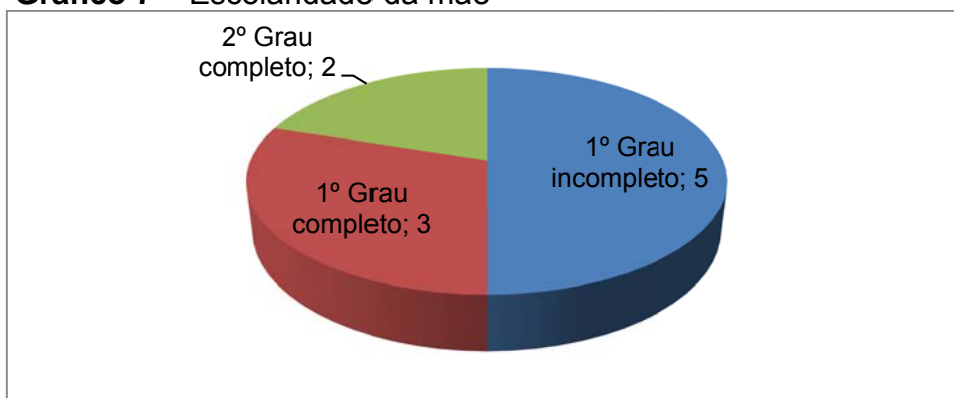
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 5 – Possuem internet em casa

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 6 – Escolaridade do pai

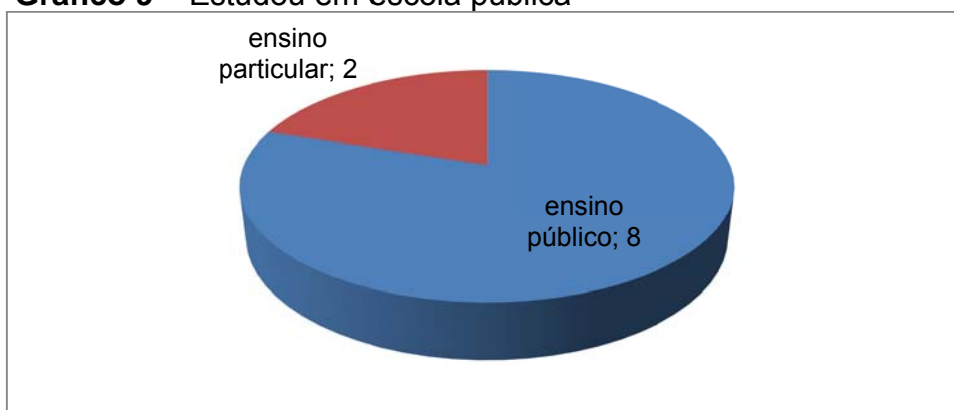
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 7 – Escolaridade da mãe

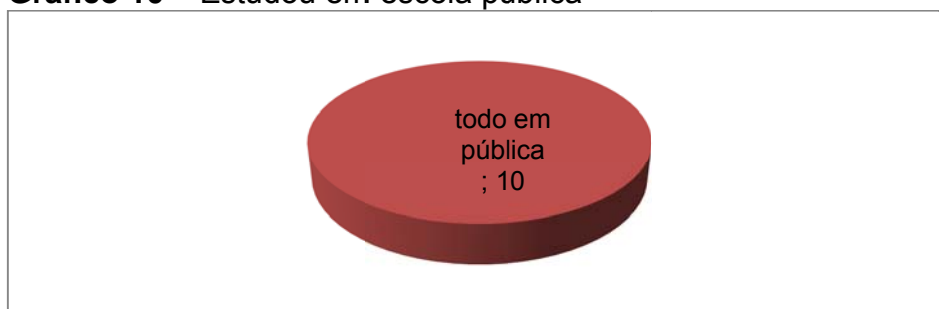
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 8 – Renda familiar

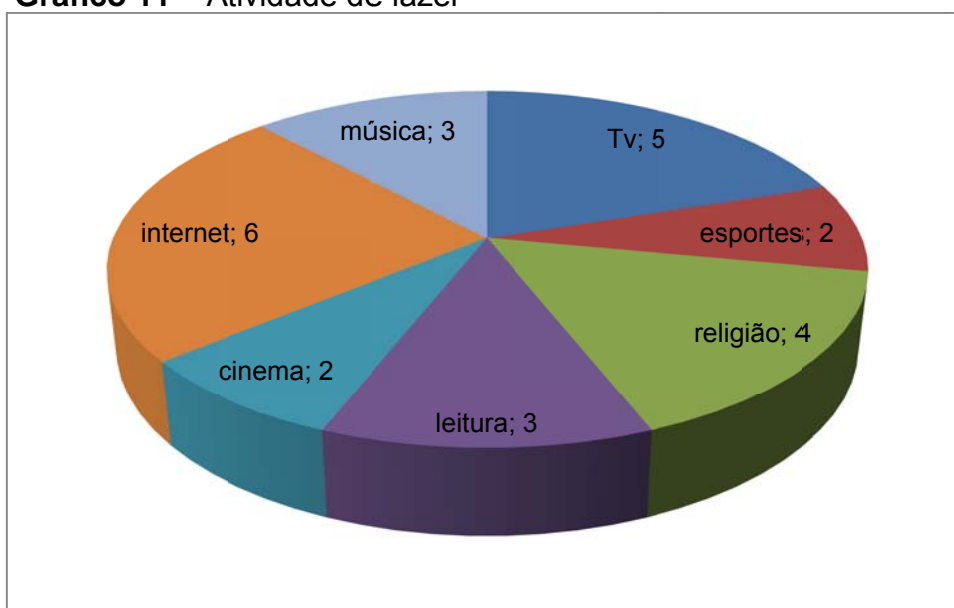
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 9 – Estudou em escola pública

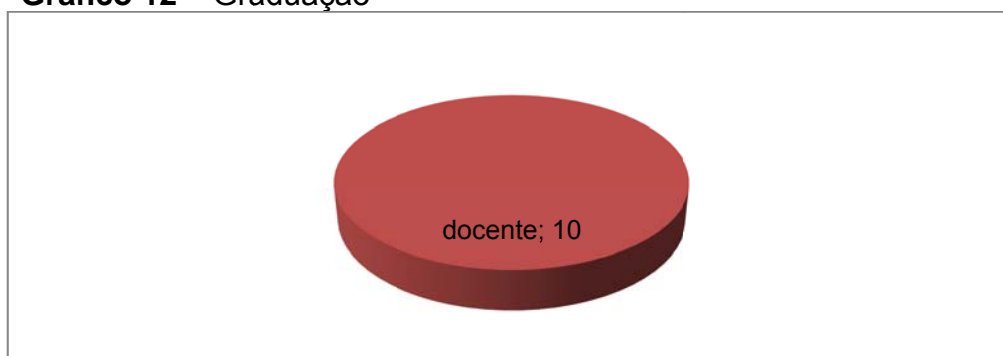
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 10 – Estudou em escola pública

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 11 – Atividade de lazer

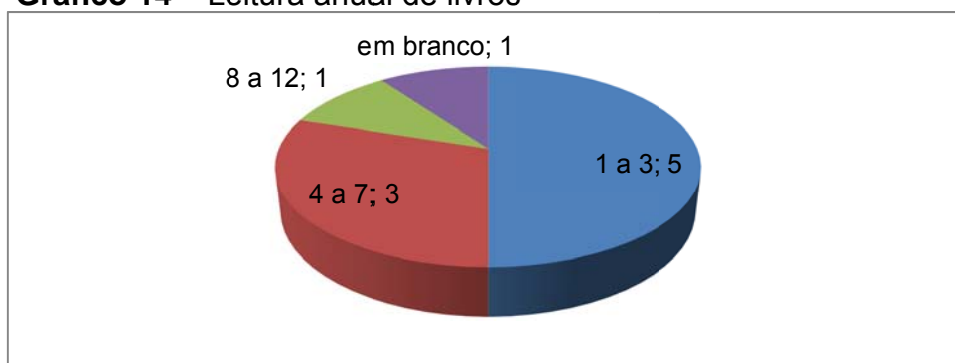
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 12 – Graduação

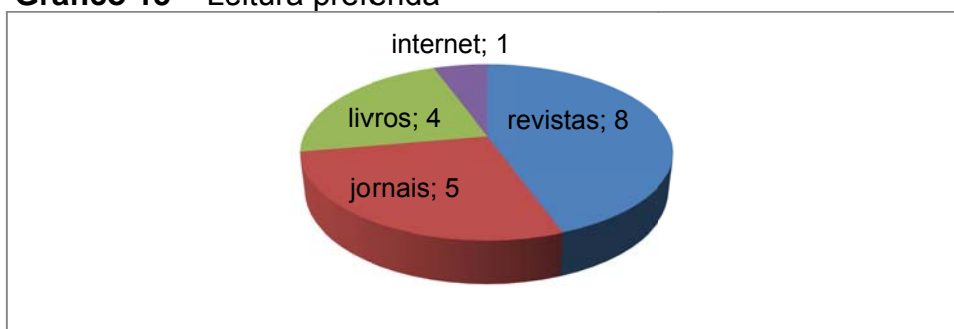
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 13 – Pós-Graduação

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 14 – Leitura anual de livros

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 15 – Leitura preferida

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 16 – Qual é a minha etnia?

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 17 - O que é Patrimônio Cultural?

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 18



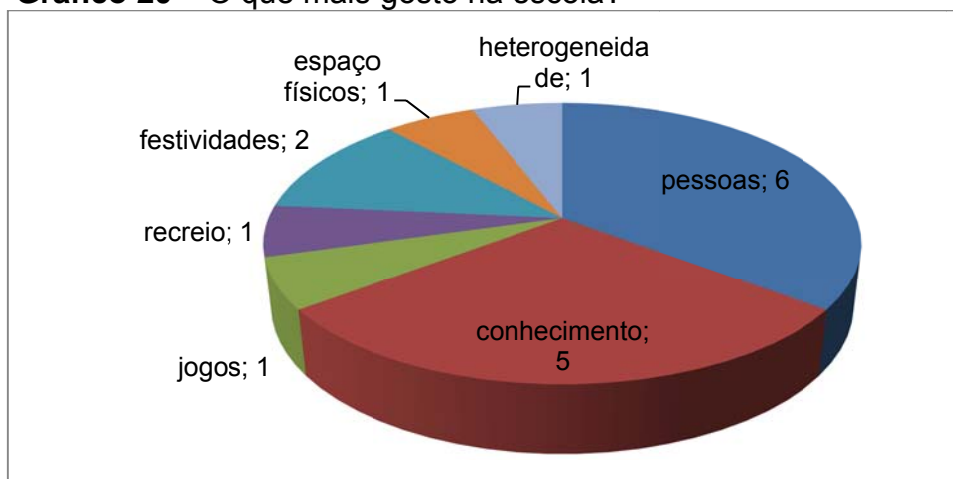
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 19 – Qual é a festividade preferida?



Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

Gráfico 20 – O que mais gosto na escola?



Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

APÊNDICE D

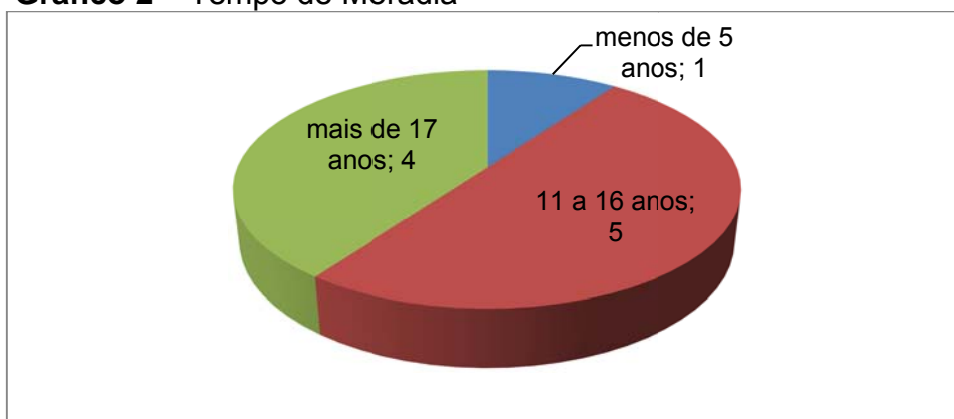
Educadores da Escola Estadual João Ribeiro Vilela

Gráfico 1 – Faixa etária



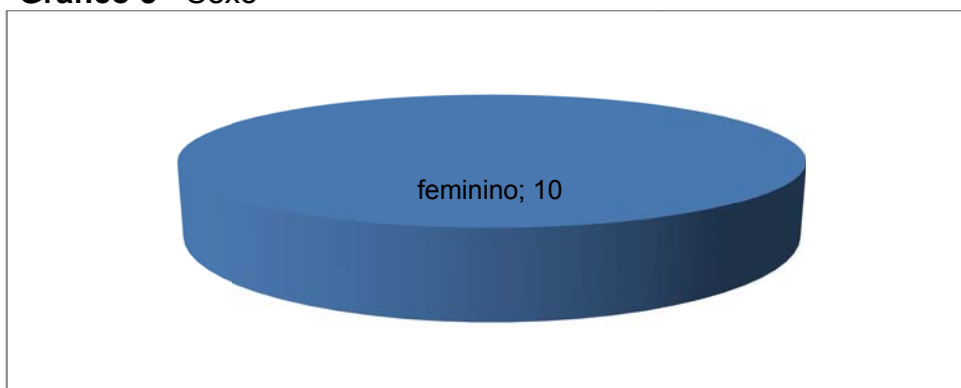
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 2 – Tempo de Moradia

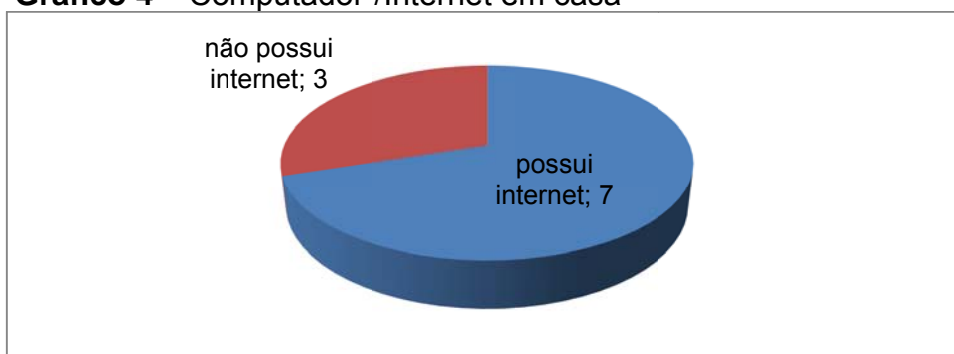


Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

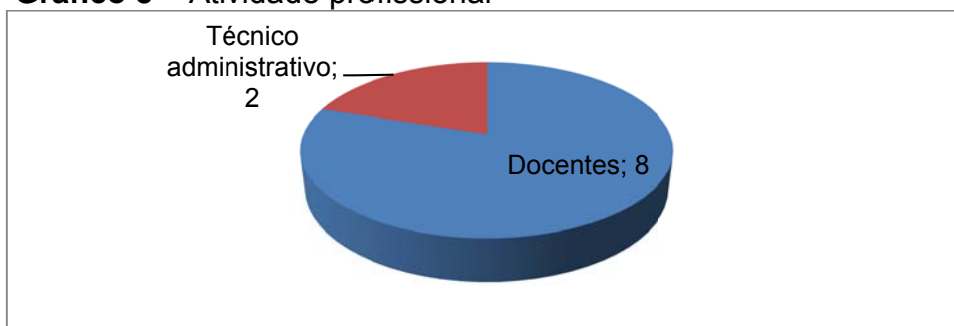
Gráfico 3 - Sexo



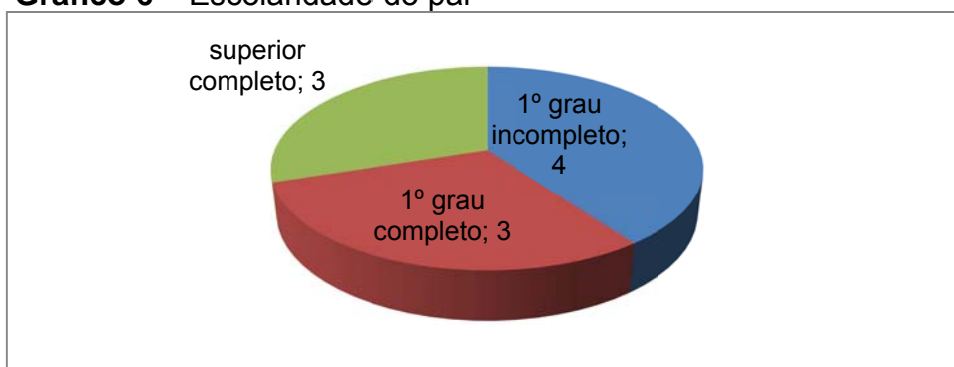
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 4 – Computador /Internet em casa

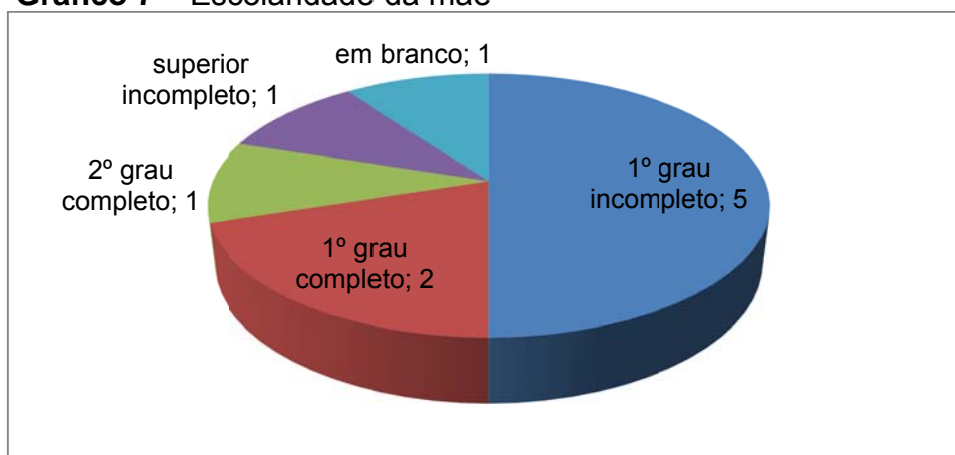
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 5 – Atividade profissional

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 6 – Escolaridade do pai

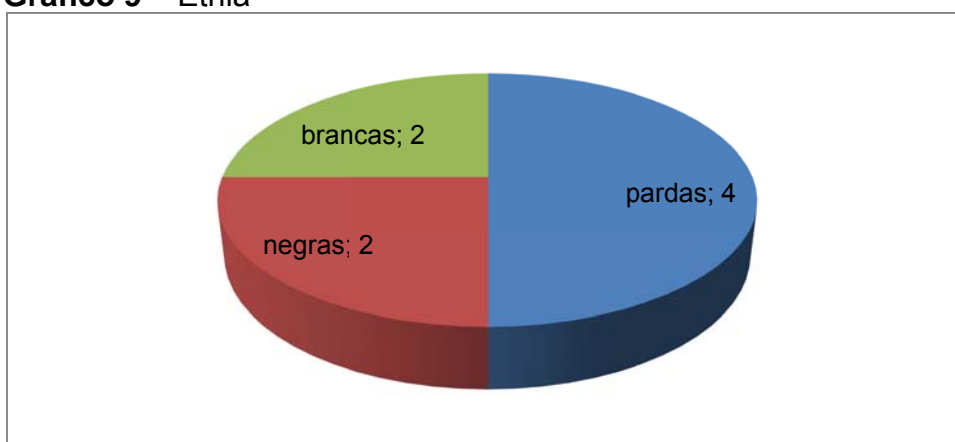
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 7 – Escolaridade da mãe

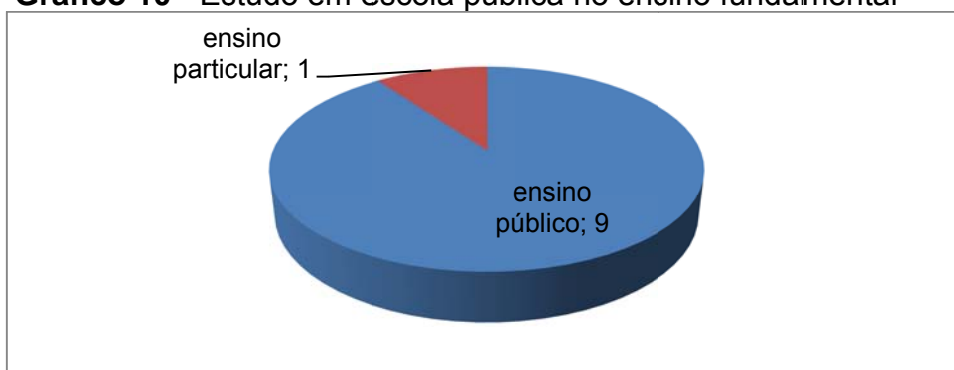
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 8 – Renda familiar

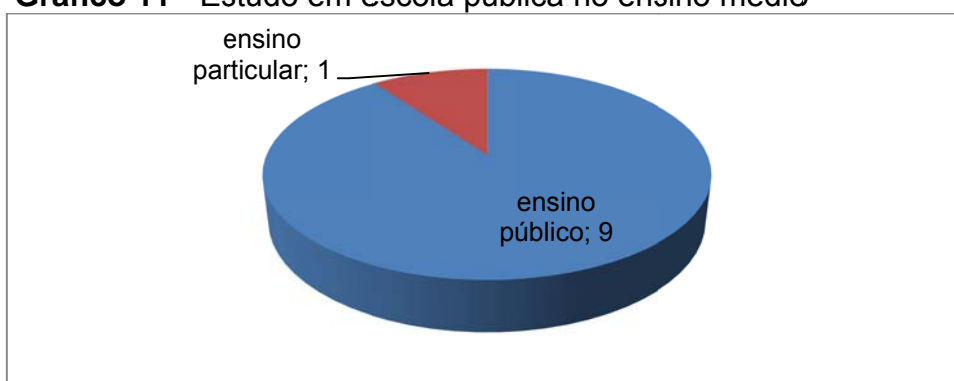
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 9 – Etnia

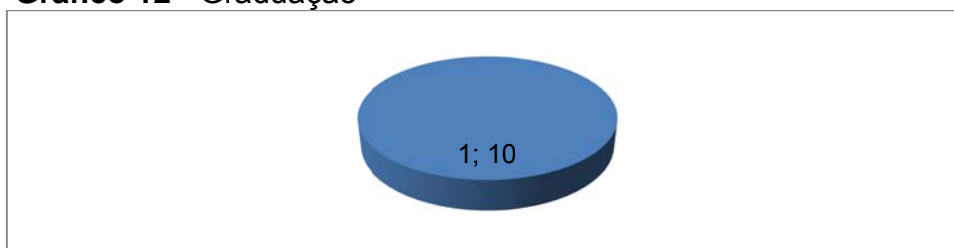
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 10 - Estudo em escola pública no ensino fundamental

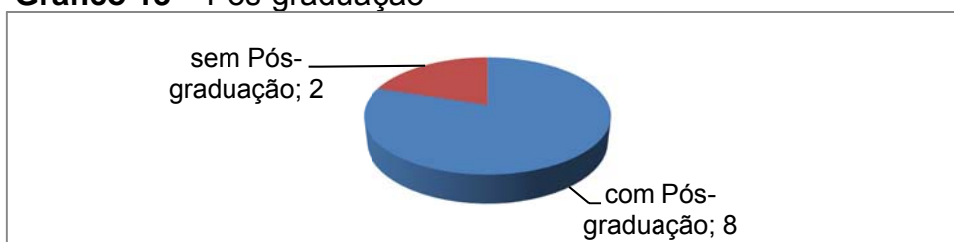
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 11 - Estudo em escola pública no ensino médio

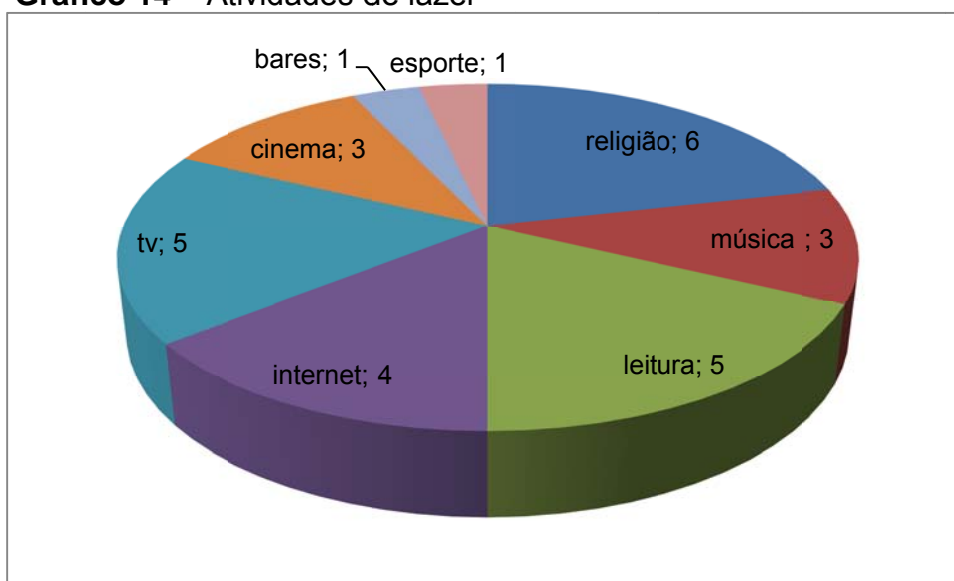
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 12 - Graduação

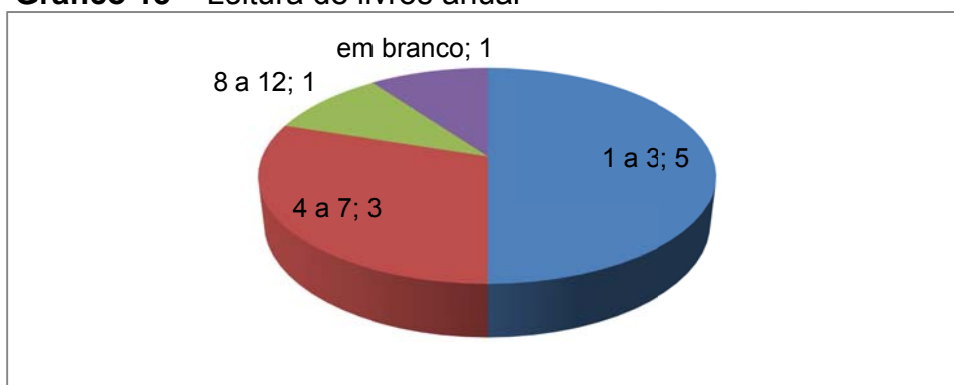
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 13 – Pós-graduação

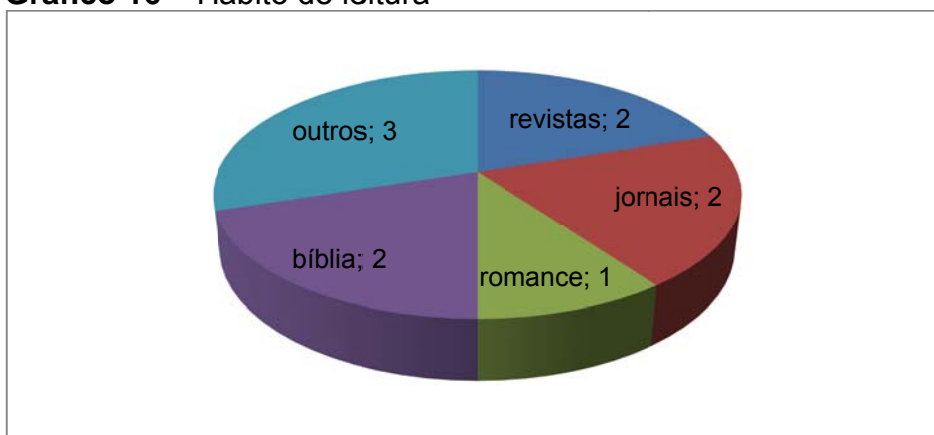
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 14 – Atividades de lazer

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

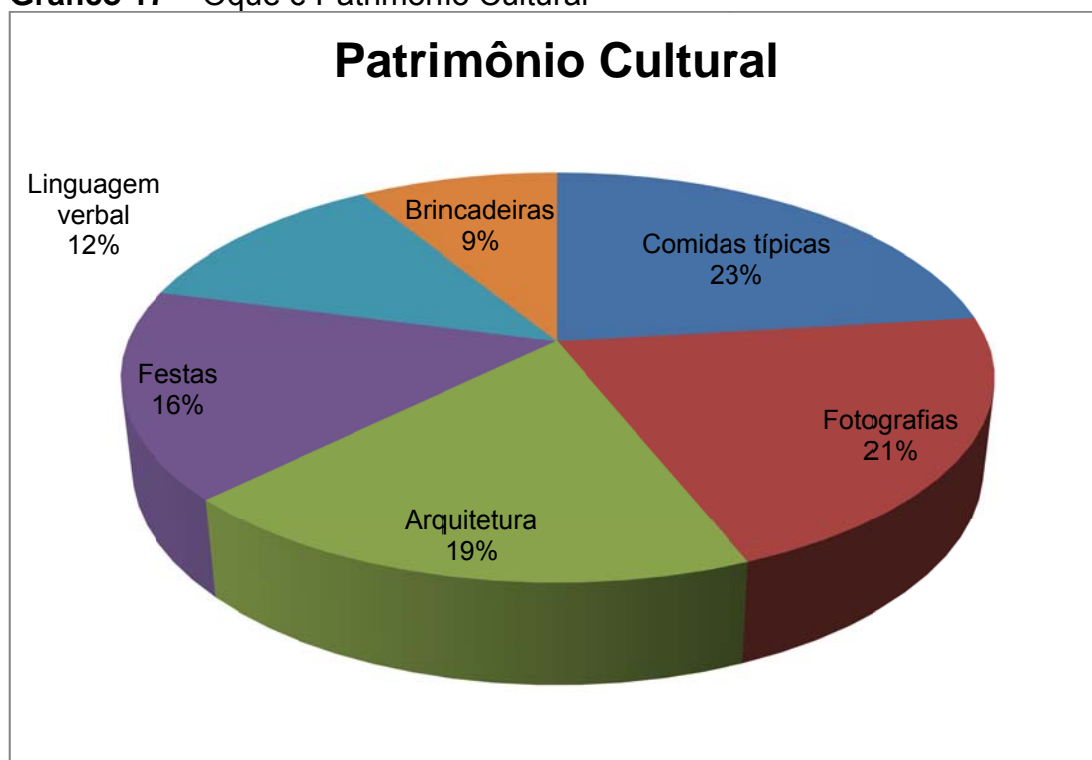
Gráfico 15 – Leitura de livros anual

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 16 – Hábito de leitura

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

Gráfico 17 – O que é Patrimônio Cultural



Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.



Gráfico 18 – Patrimônio Cultural na escola
 Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.



Gráfico 19 – Festividade preferida na escola
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.



Gráfico 20 – O que mais gosto na escola
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

APÊNDICE V

Alunos da Escola Estadual Getúlio Vargas

Turma A

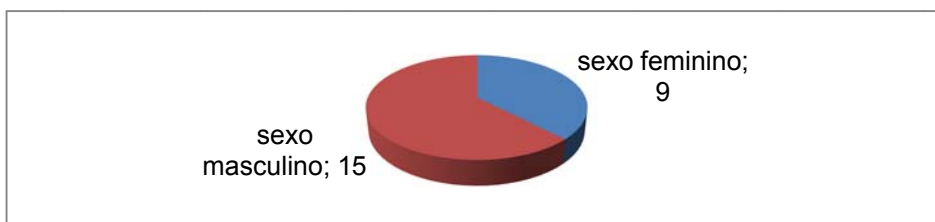


Gráfico 1 – Sexo

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

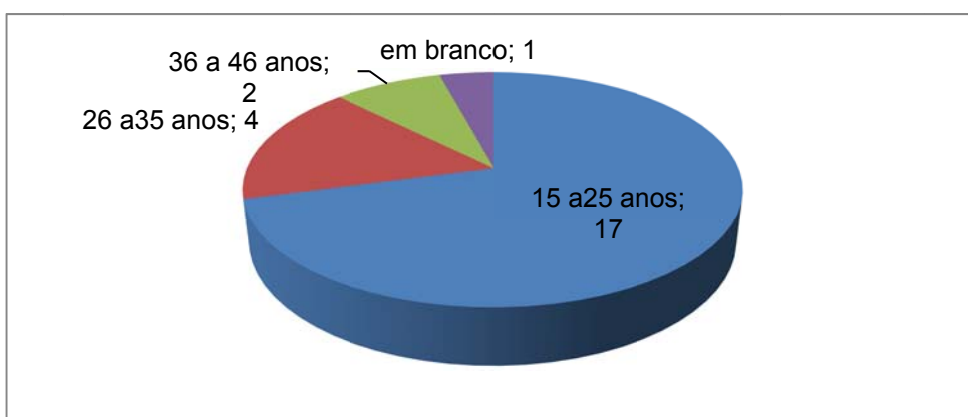


Gráfico 2 – Faixa etária

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

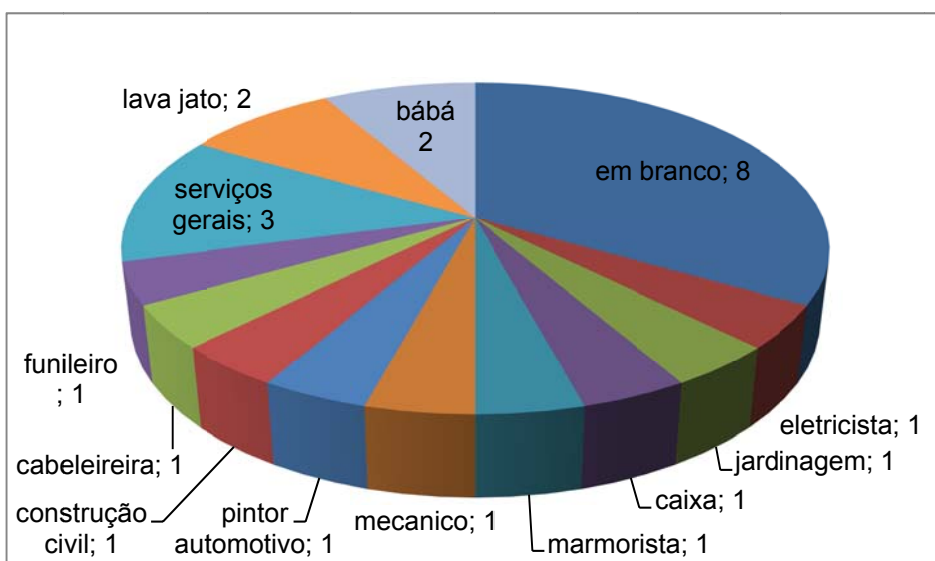


Gráfico 3 – Atividade profissional

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

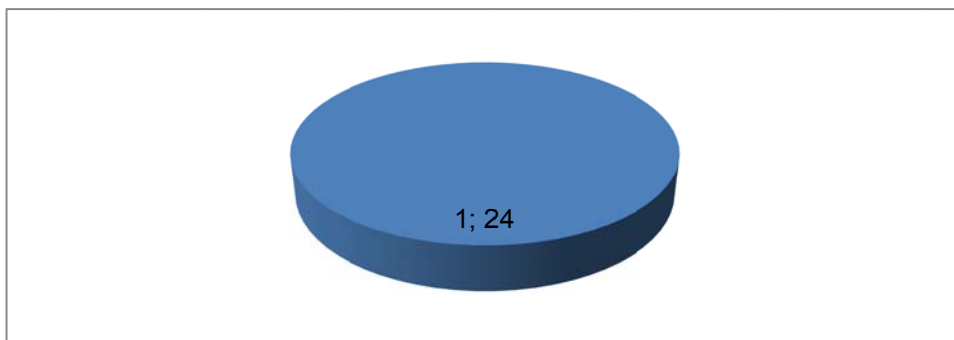


Gráfico 4 – Moram em Primavera do Leste

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

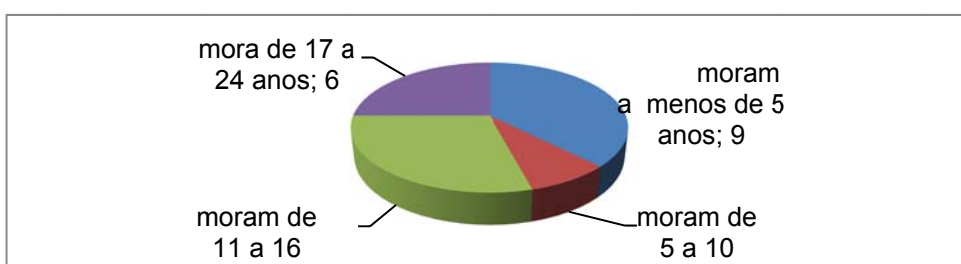


Gráfico 5 – Tempo de moradia

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

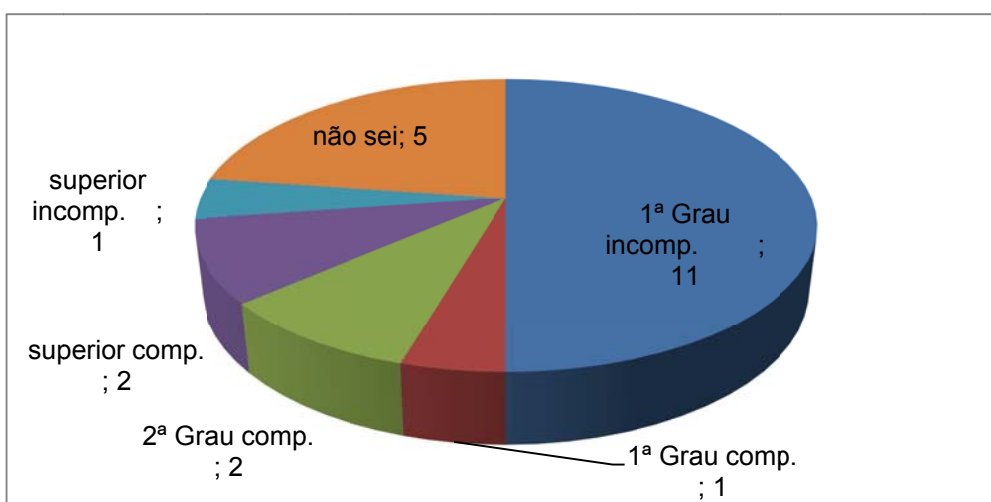


Gráfico 6 – Escolaridade do pai

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

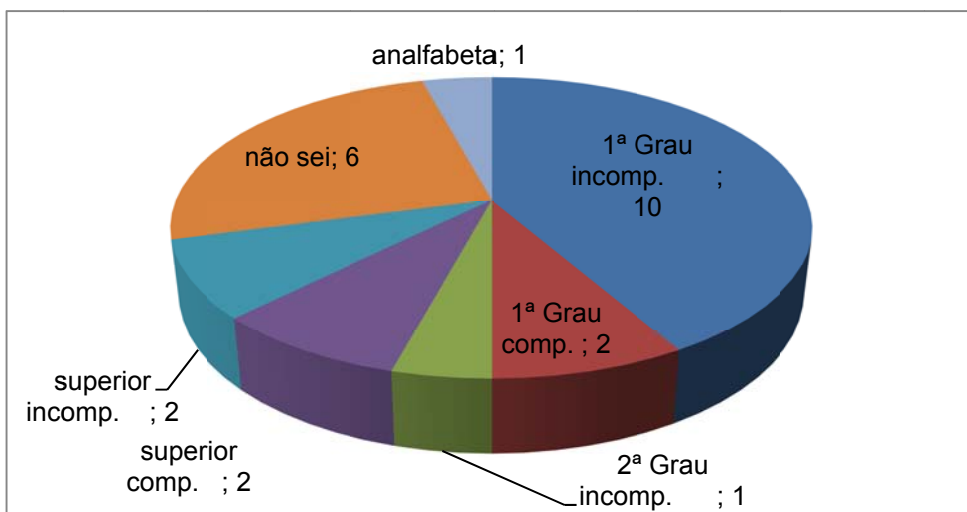


Gráfico 7 – Escolaridade da mãe

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

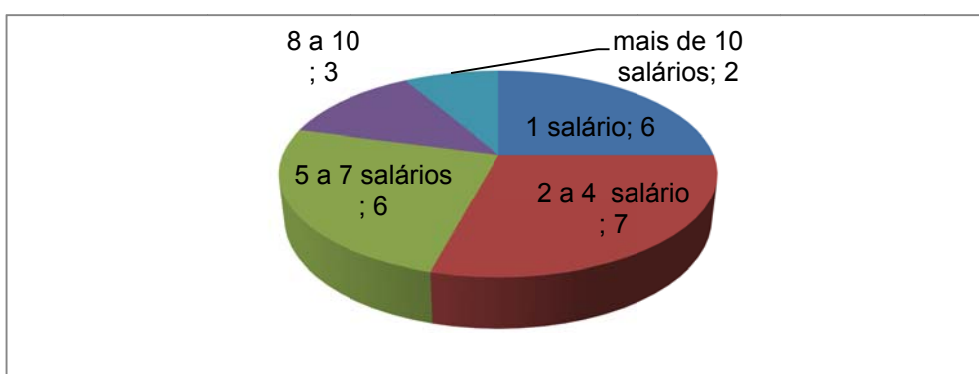


Gráfico 8 – Renda familiar

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

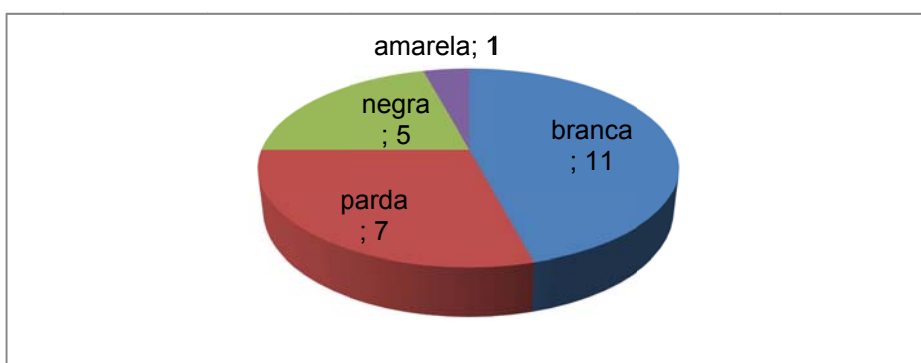


Gráfico 9 – Etnia

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

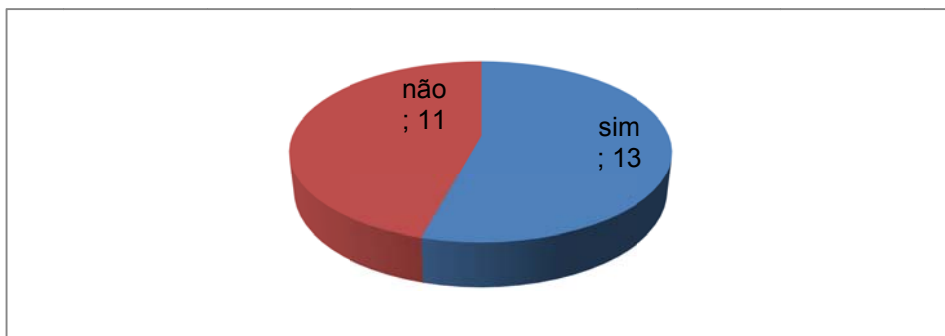


Gráfico 10 –Computador com internet em casa
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

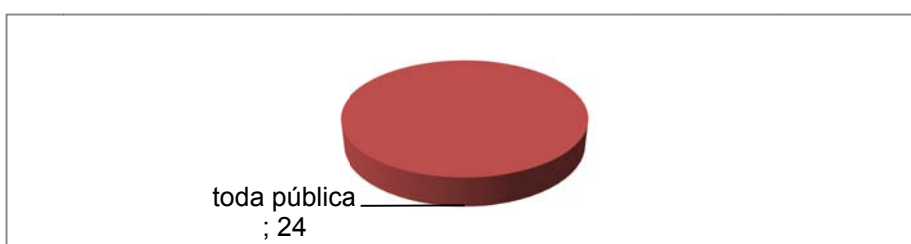


Gráfico 11 – Estudou em escola pública ensino
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

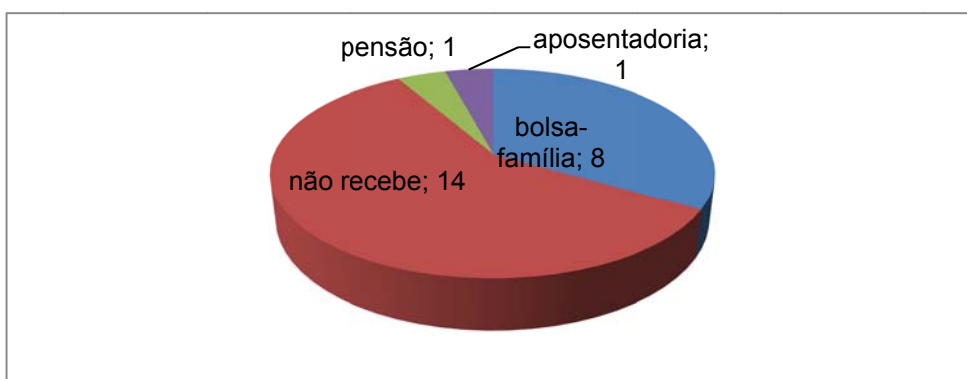


Gráfico 12 - Benefícios do governo
Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

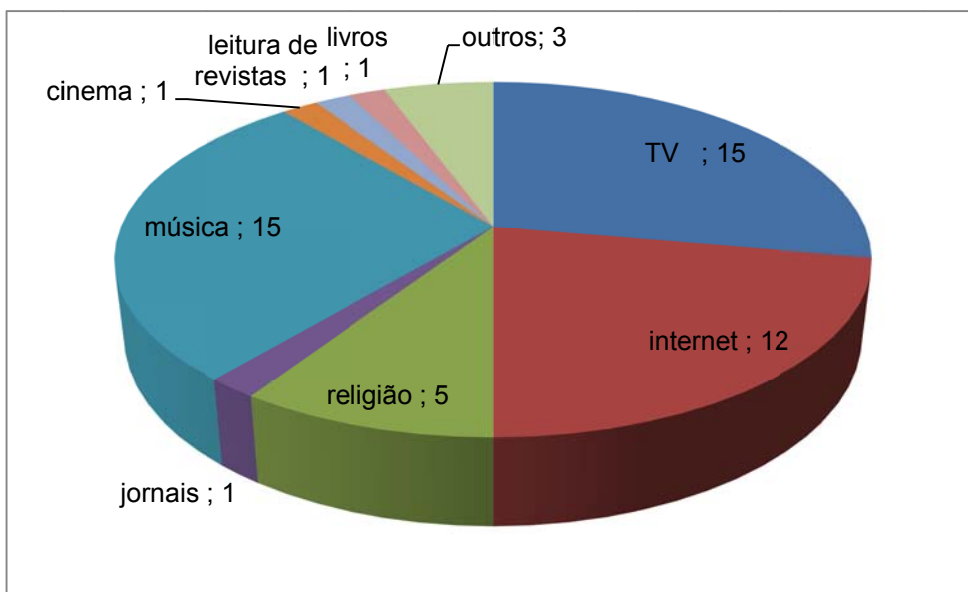


Gráfico 13 – Atividade de lazer

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

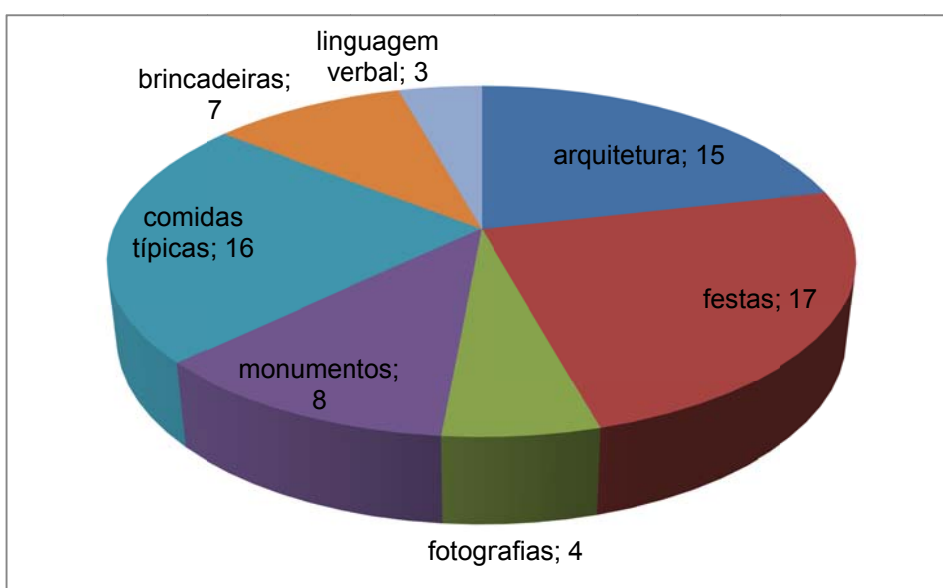


Gráfico 14 – Patrimônio Cultural

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

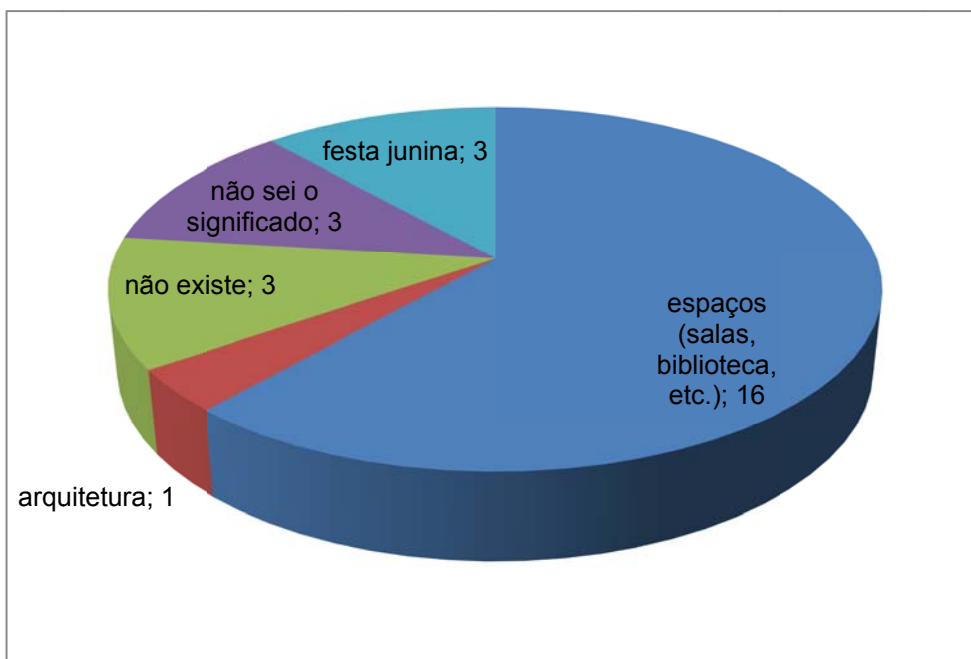


Gráfico 15 – Patrimônio Cultural na escola

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

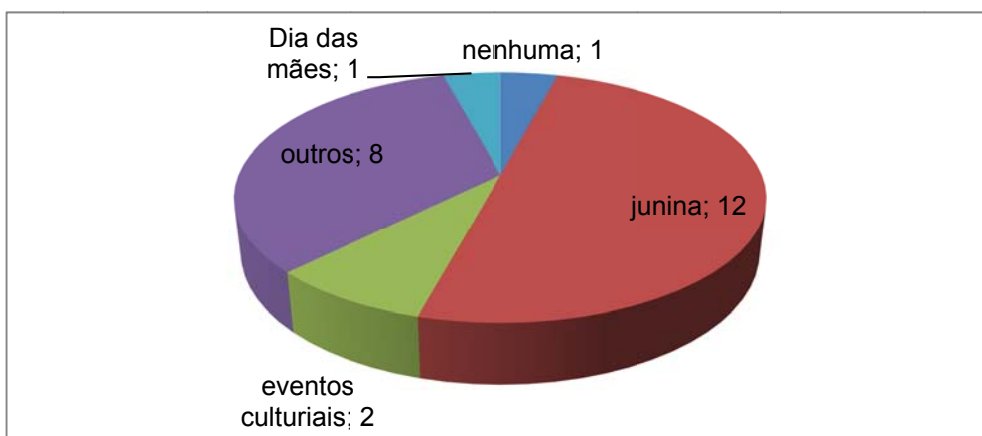


Gráfico 16 – Festividade preferida

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.



Gráfico 17 – O que mais gosto na escola

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

APÊNDICE VI

Alunos da Escola Estadual Getúlio Vargas

Turma B

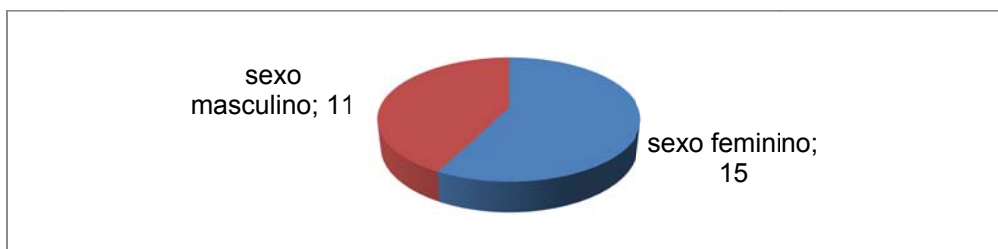


Gráfico 1 – Sexo

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

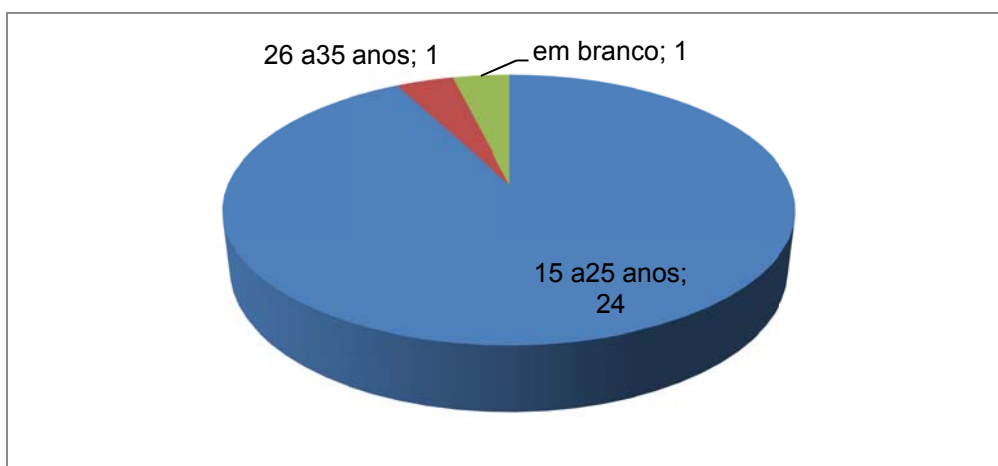


Gráfico 2 – Faixa etária

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

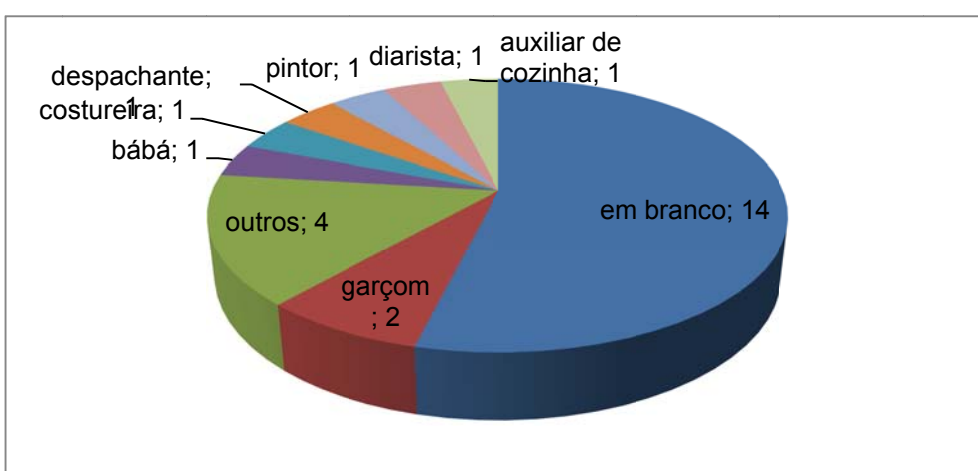


Gráfico 3 – Atividade profissional

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

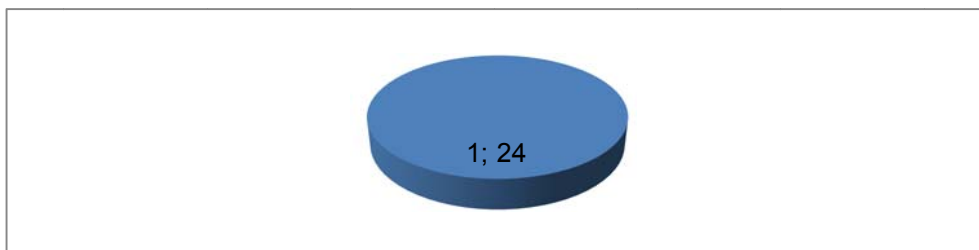


Gráfico 4 – Moram em Primavera do Leste

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

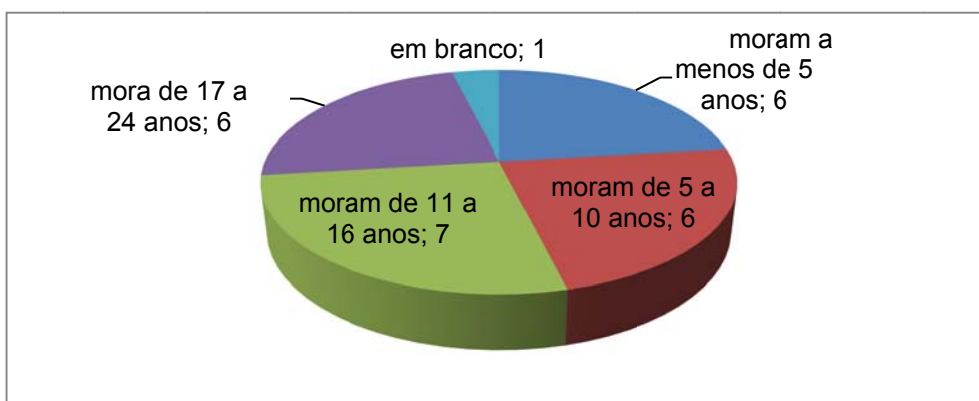


Gráfico 5 – Tempo de moradia

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

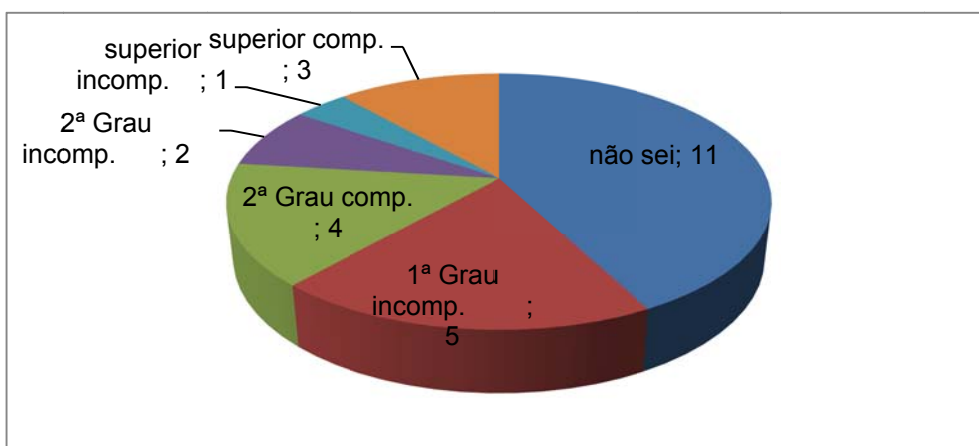


Gráfico 6 – Escolaridade do pai

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

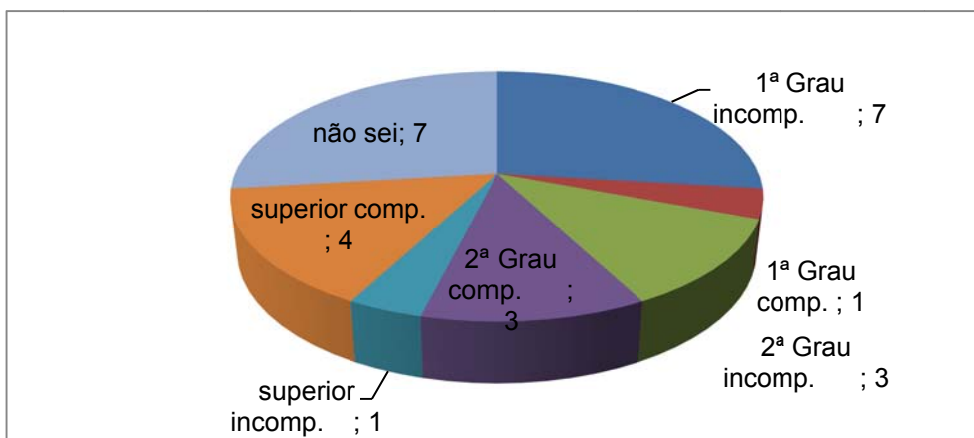


Gráfico 7 – Escolaridade da mãe

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

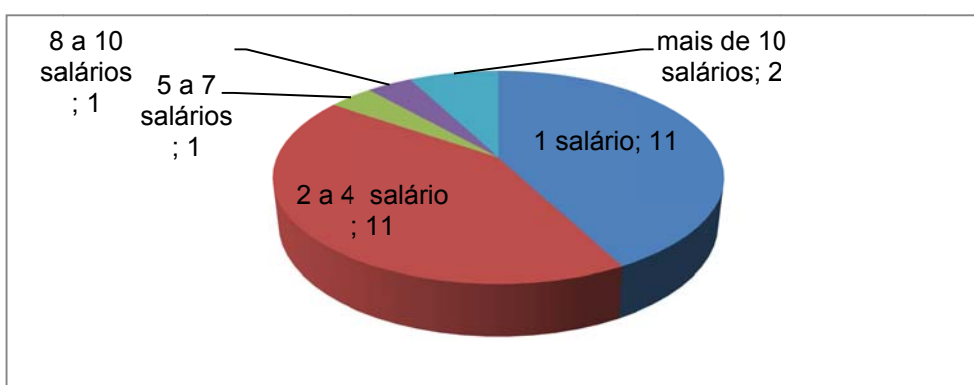


Gráfico 8 – Renda familiar

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

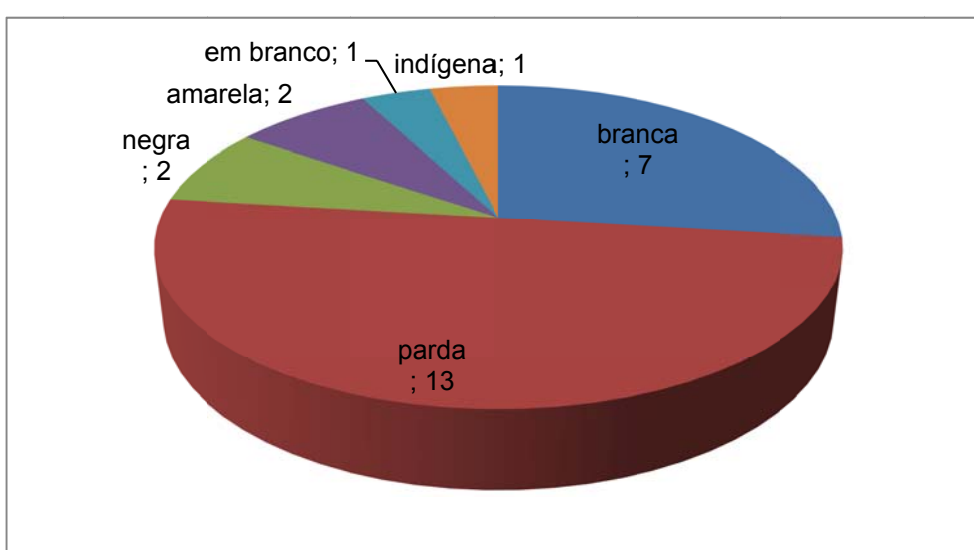


Gráfico 9 - Etnia

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

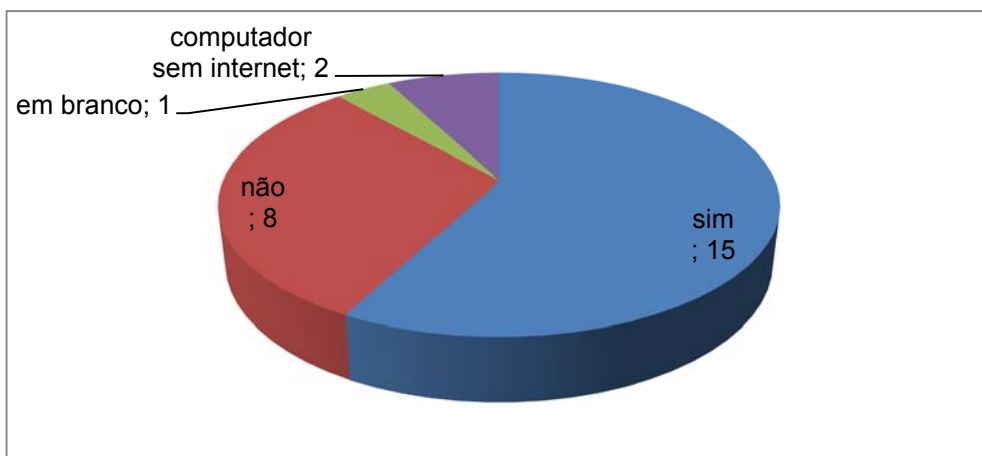


Gráfico 10 - Computador/internet

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

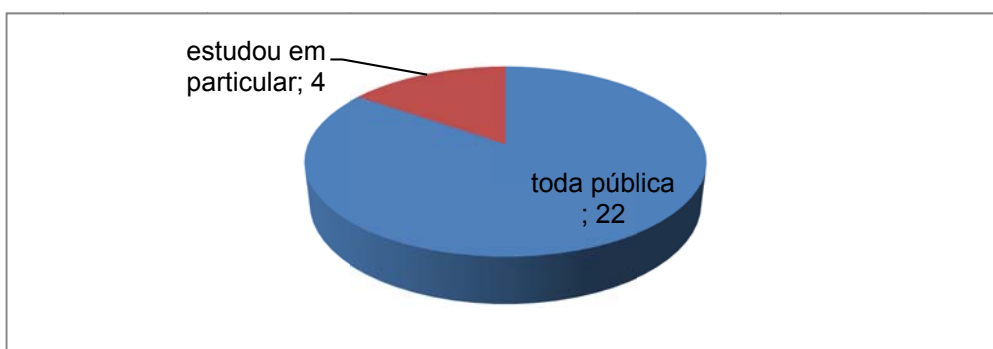


Gráfico 11 – Estudou em escola pública

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

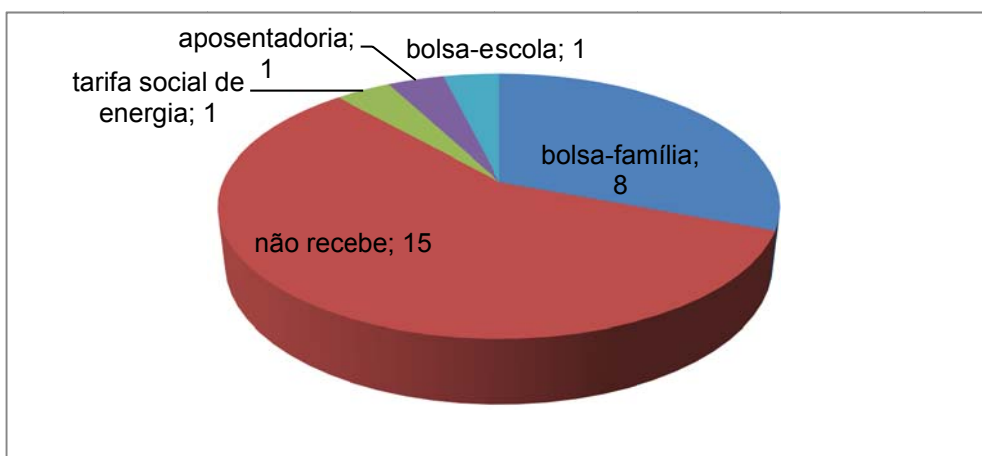


Gráfico 12 – Benefícios do governo

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

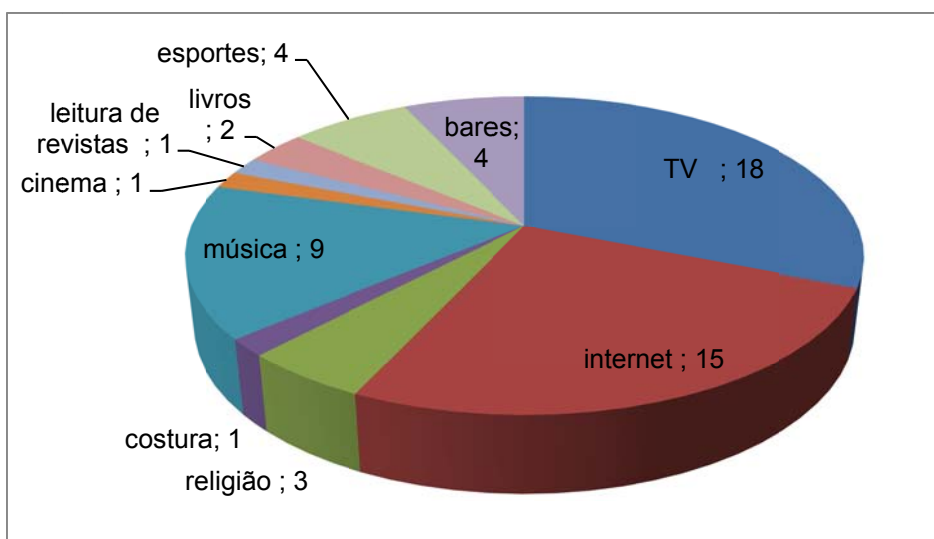


Gráfico 13 – Atividades de lazer

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

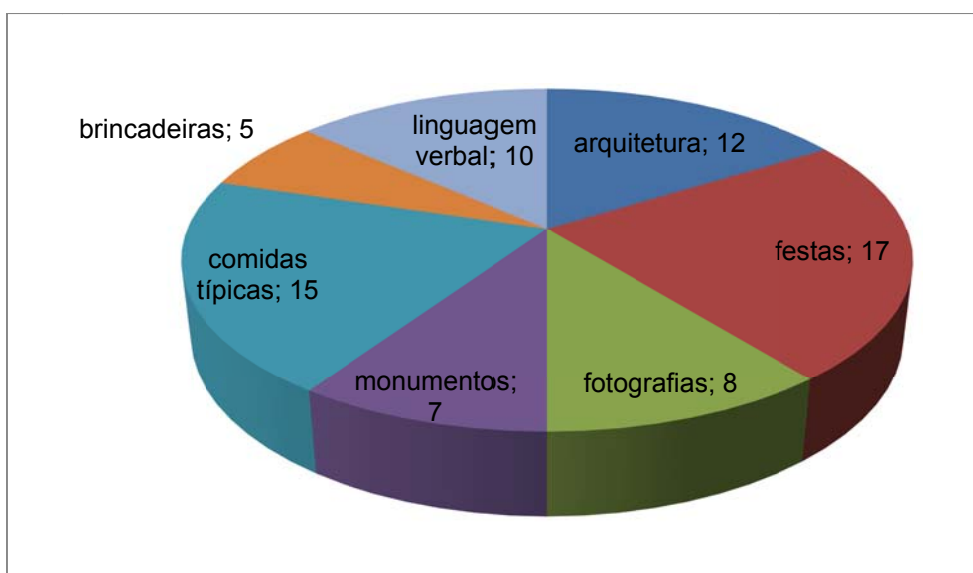


Gráfico 14 – Patrimônio Cultural

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.



Gráfico 15 – Patrimônio Cultural na escola

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

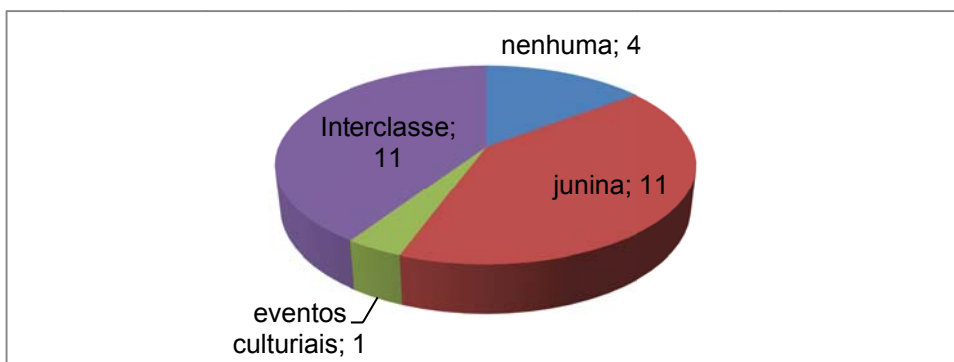


Gráfico 16 – Festividade preferida

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.



Gráfico 17 – O que mais gosto na escola

Fonte: Escola Estadual Getúlio Dornelles Vargas, 2012.

APÊNDICE VII

Alunos da Escola Estadual João Ribeiro Vilela

Turma A



Gráfico 1 - Sexo

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.



Gráfico 2 – Faixa etária

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

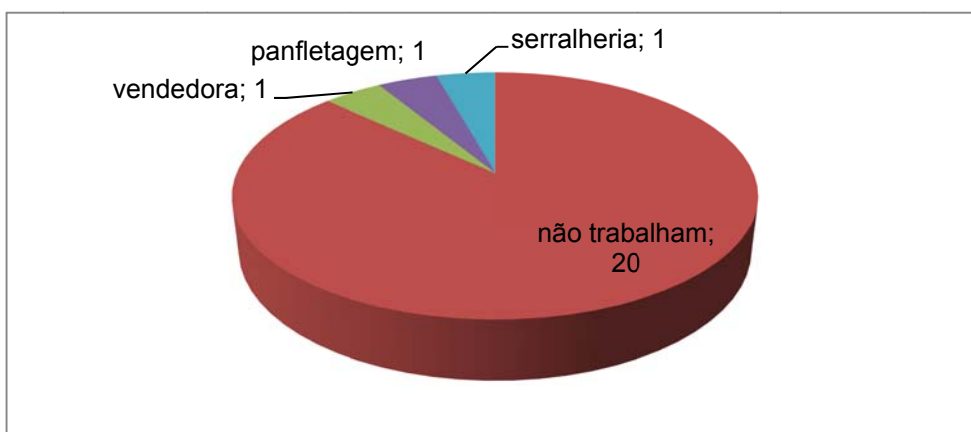


Gráfico 3 – Atividade profissional

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

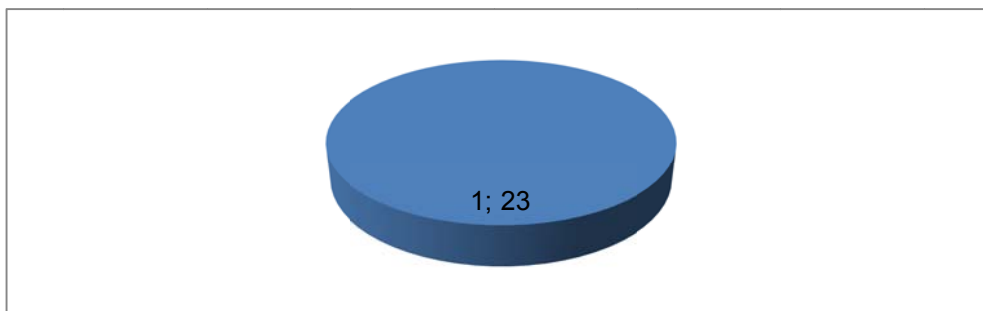


Gráfico 4 – Moram em Primavera do Leste
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

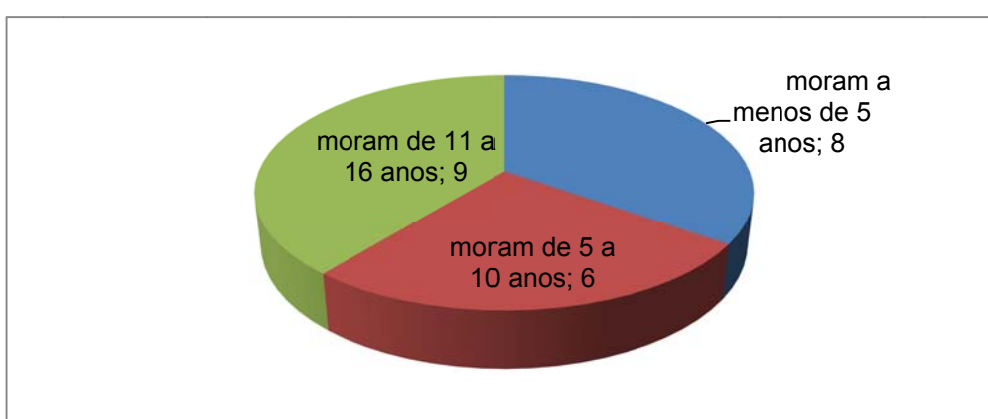


Gráfico 5 – Tempo de moradia
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

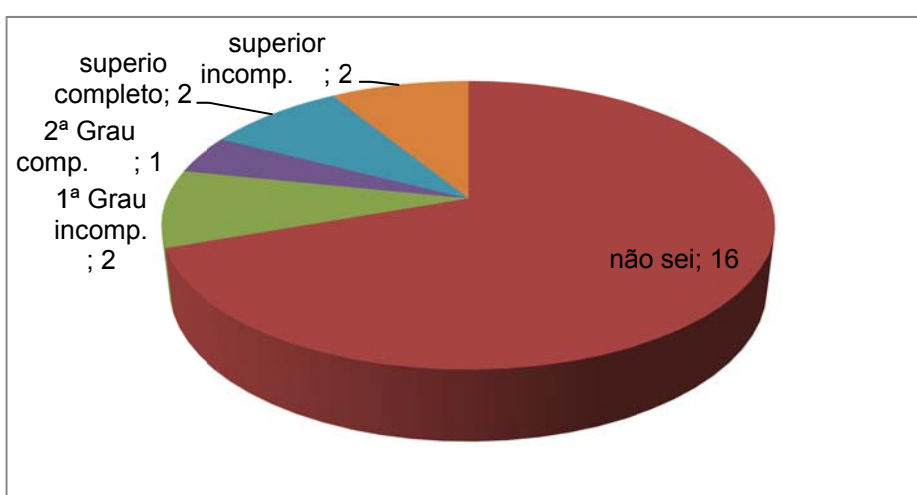


Gráfico 6 – Escolaridade do pai
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

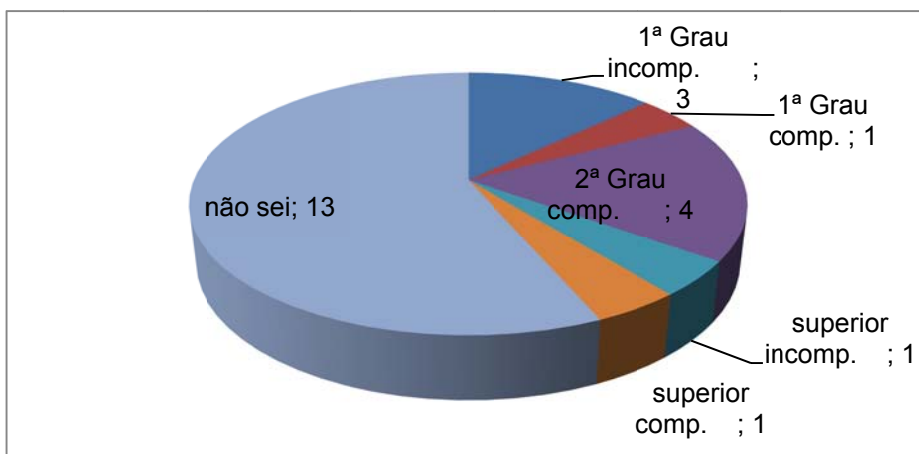


Gráfico 7 – Escolaridade da mãe

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

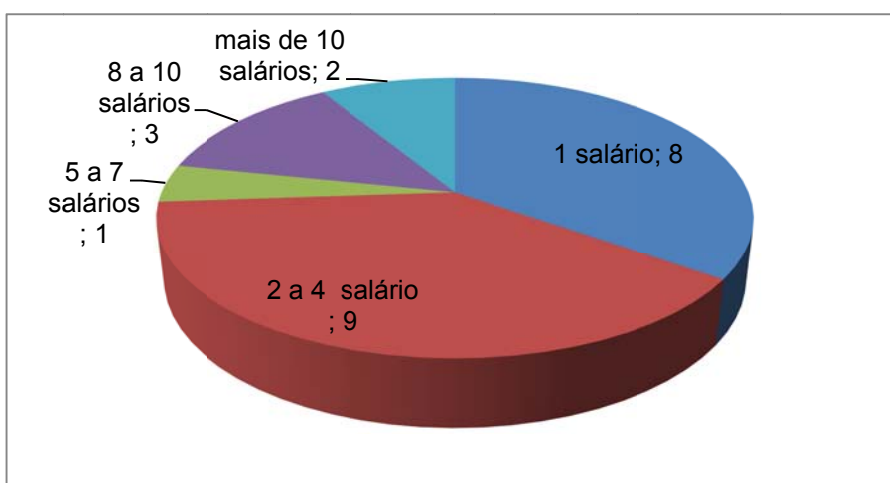


Gráfico 8 – Renda familiar

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

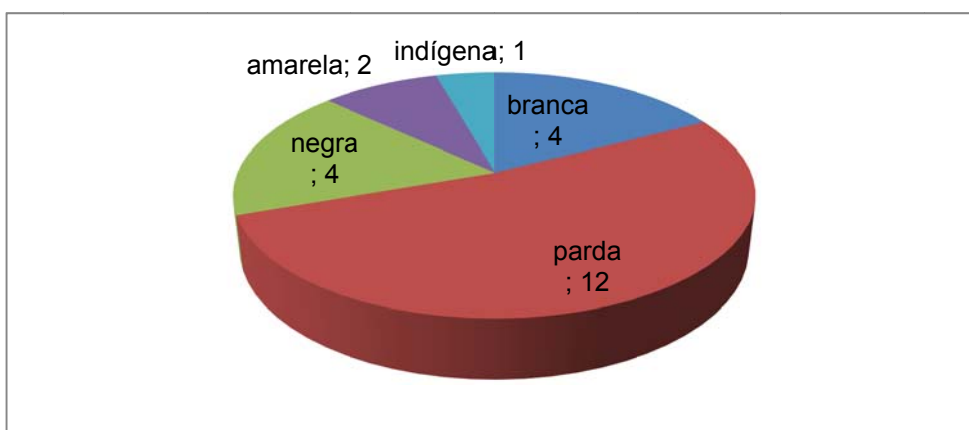


Gráfico 9 - Etnia

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

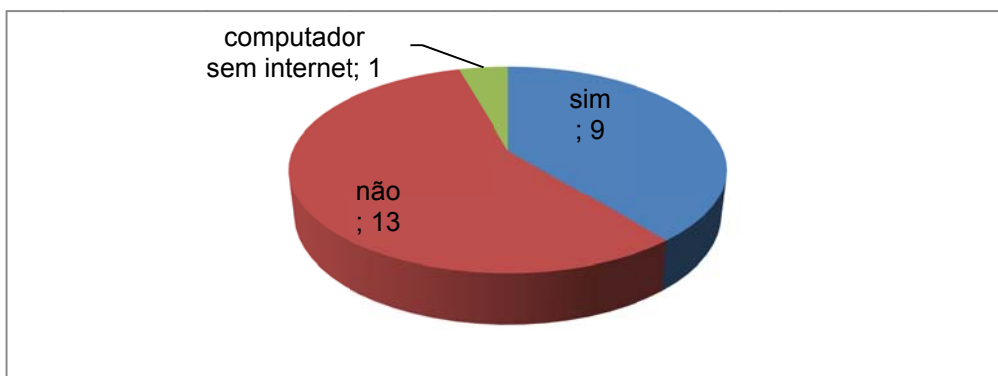


Gráfico 10 – Computador com internet em casa
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.



Gráfico 11 – Estudou em escola pública
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

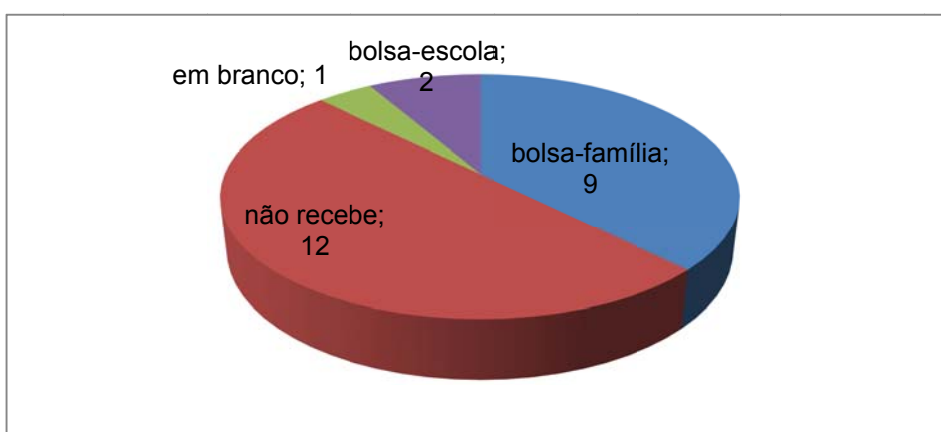


Gráfico 12 – Benefícios do governo
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

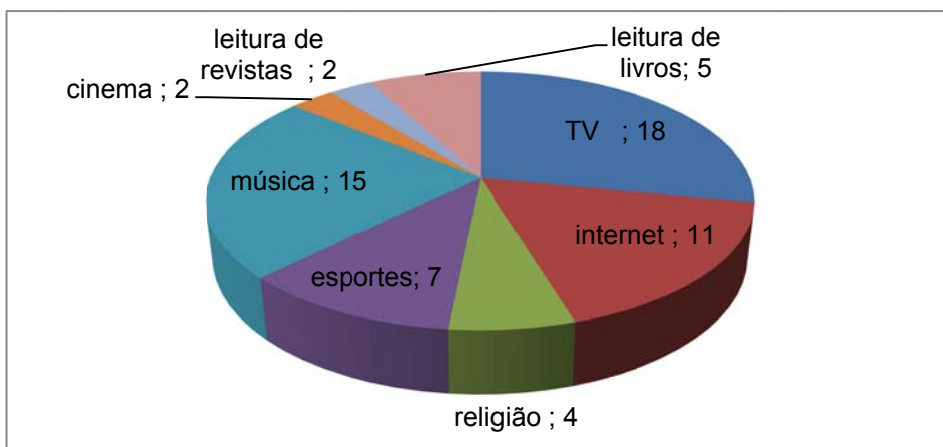


Gráfico 13 – Atividade de lazer
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

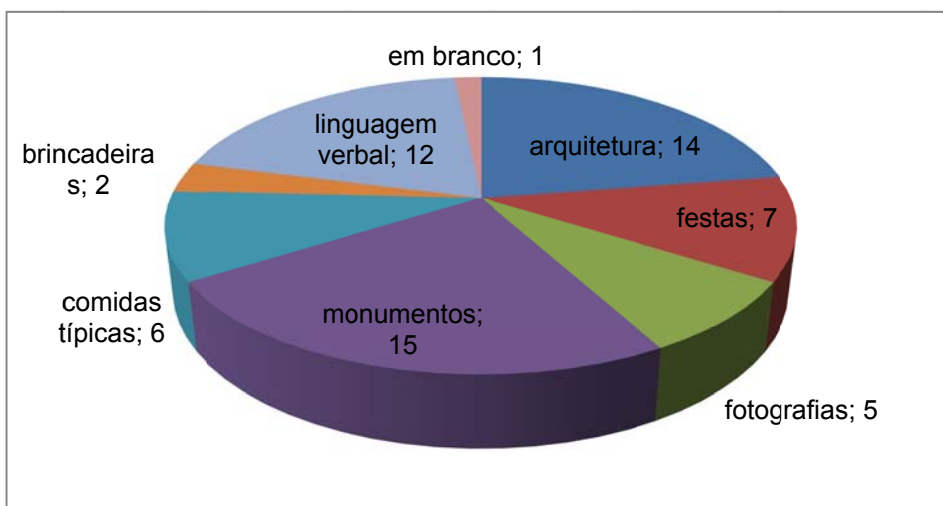


Gráfico 14 – Patrimônio Cultural
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

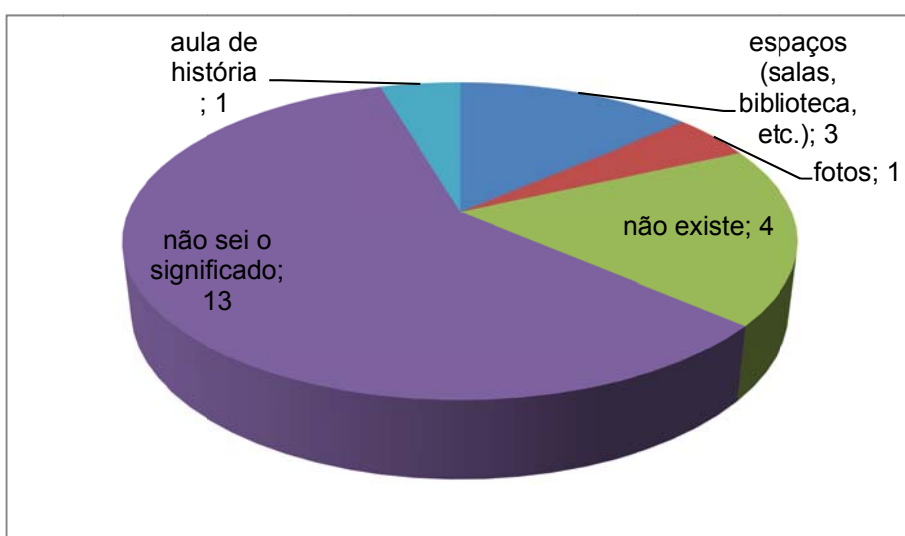


Gráfico 15 – Patrimônio Cultural escolar
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

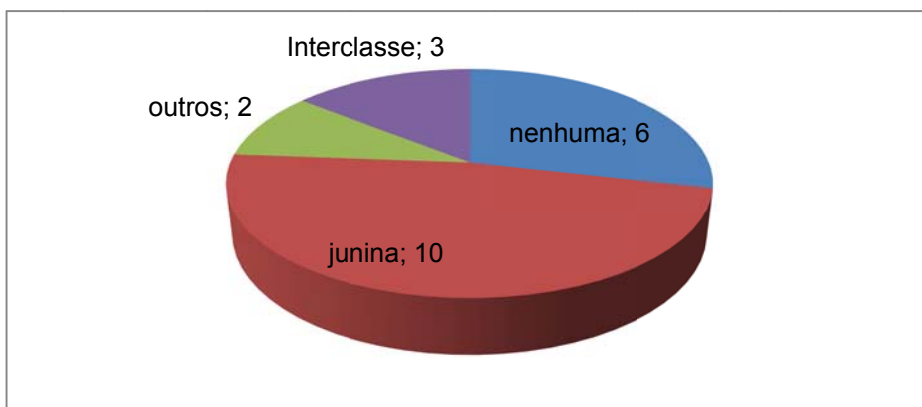


Gráfico 16 – Festividade preferida
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.



Gráfico 17 – O que mais gosto na escola
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

APÊNDICE VIII

Alunos da Escola Estadual João Ribeiro Vilela

Turma B

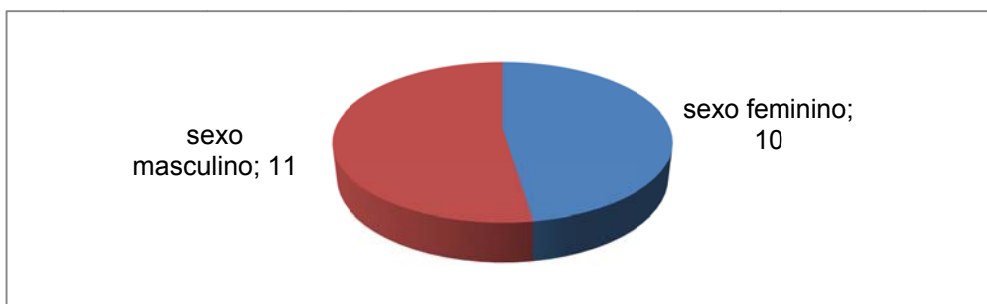


Gráfico 1 - Sexo

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

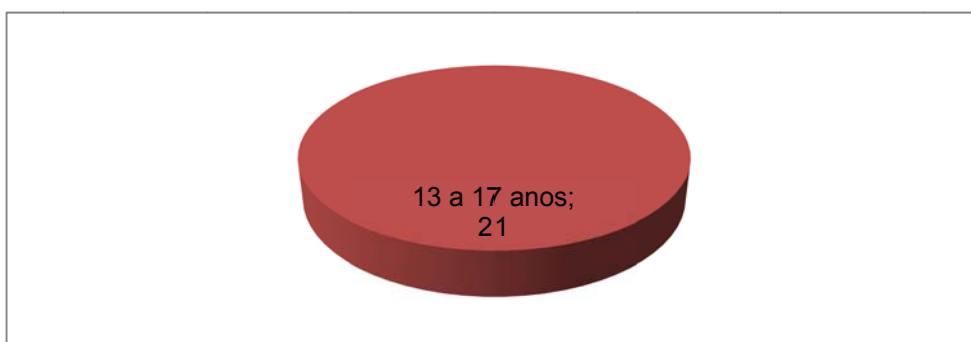


Gráfico 2 – Faixa etária

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

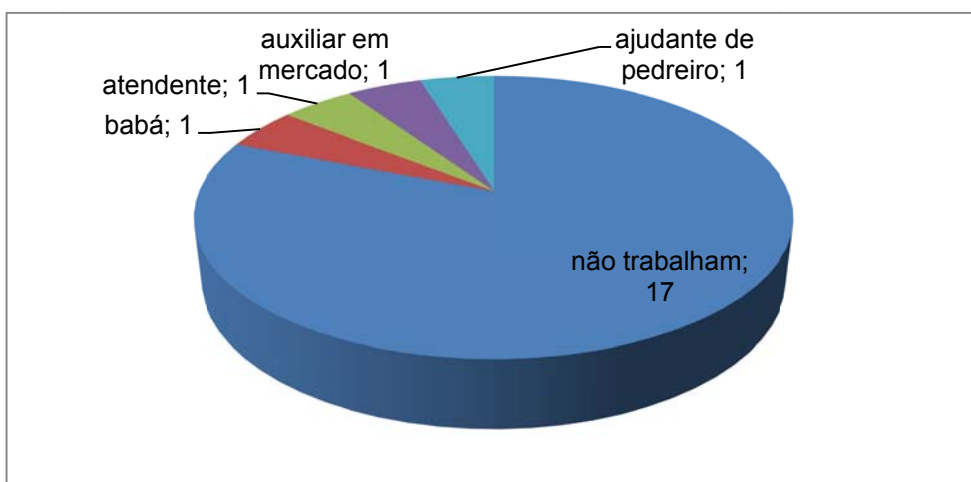


Gráfico 3 – Atividade profissional

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

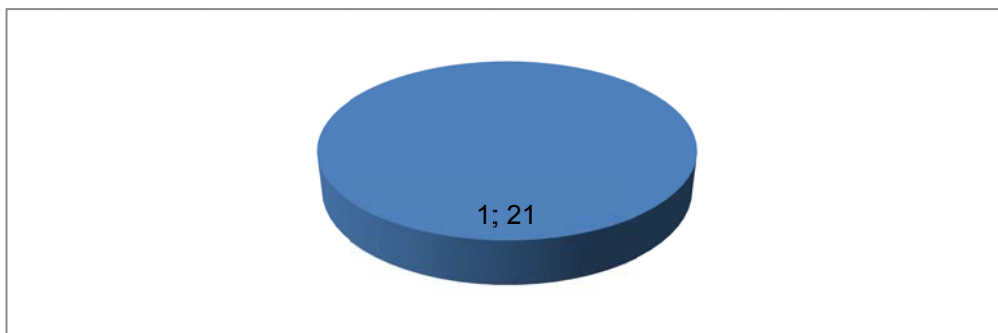


Gráfico 4 – Moram em Primavera do Leste
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

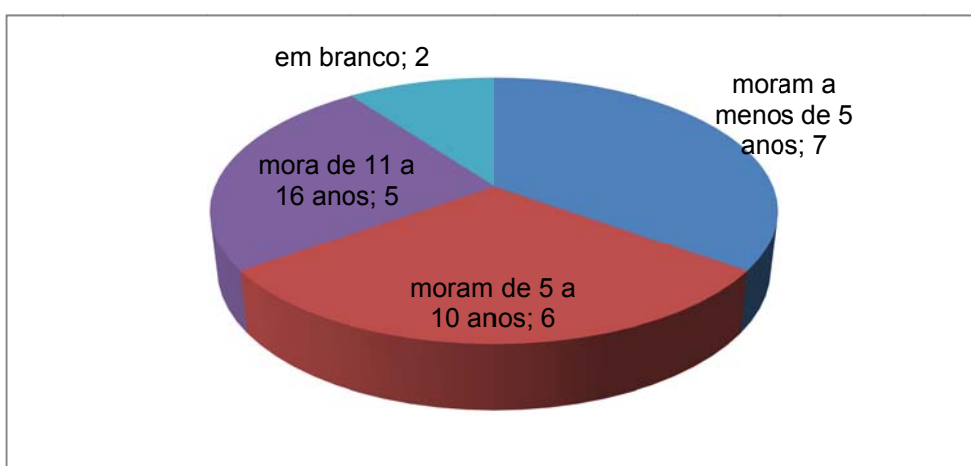


Gráfico 5 – Tempo de moradia
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

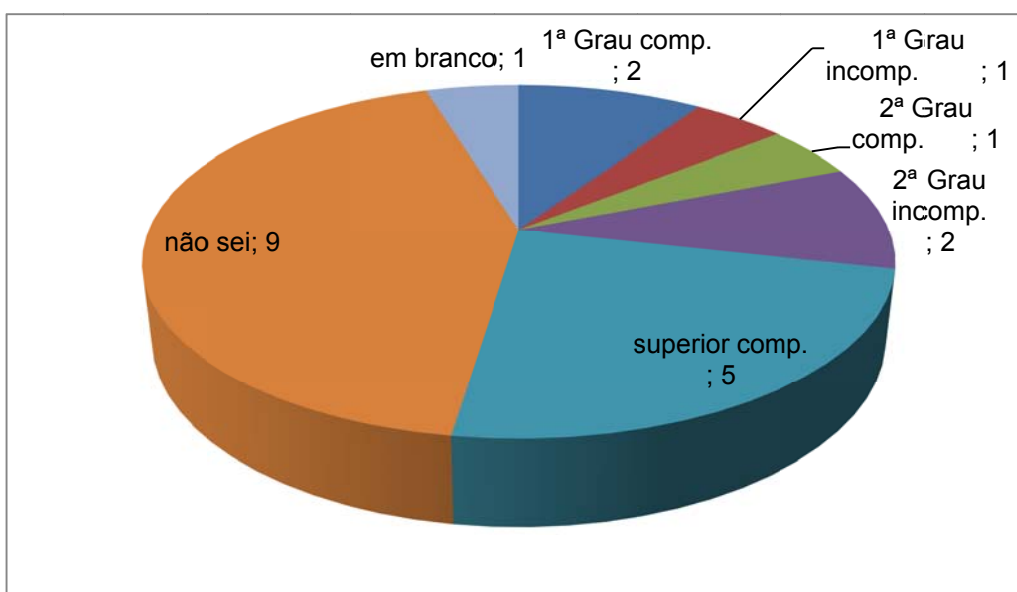


Gráfico 6 – Escolaridade do pai
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

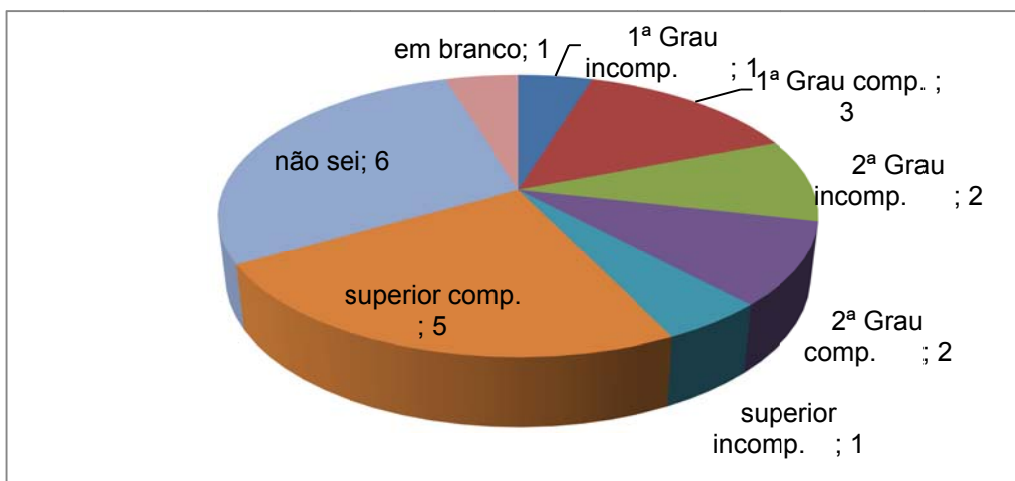


Gráfico 7 – Escolaridade da mãe

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

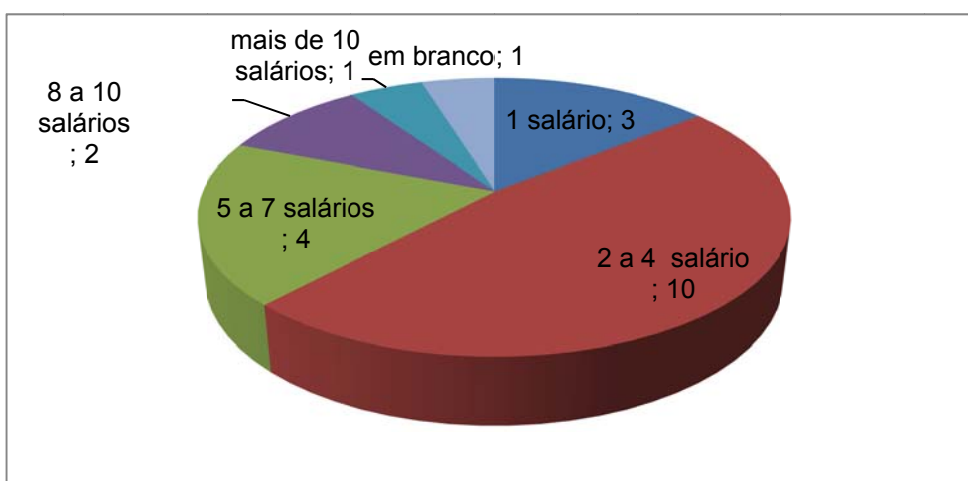


Gráfico 8 – Renda familiar

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

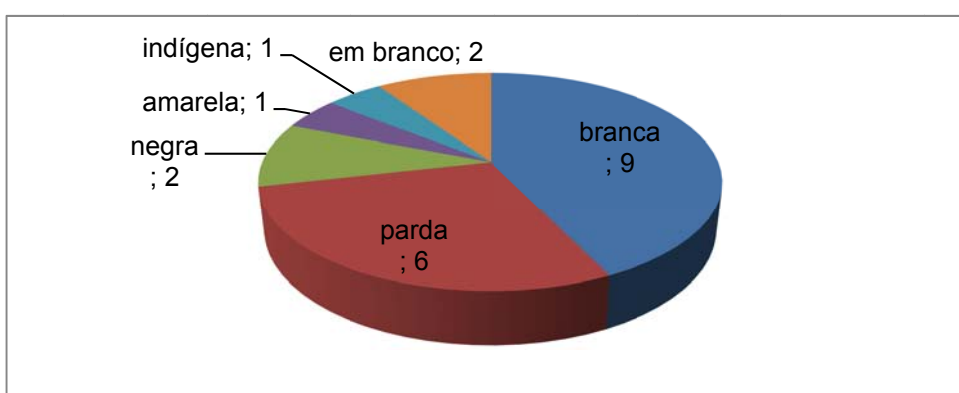


Gráfico 9 - Etnia

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

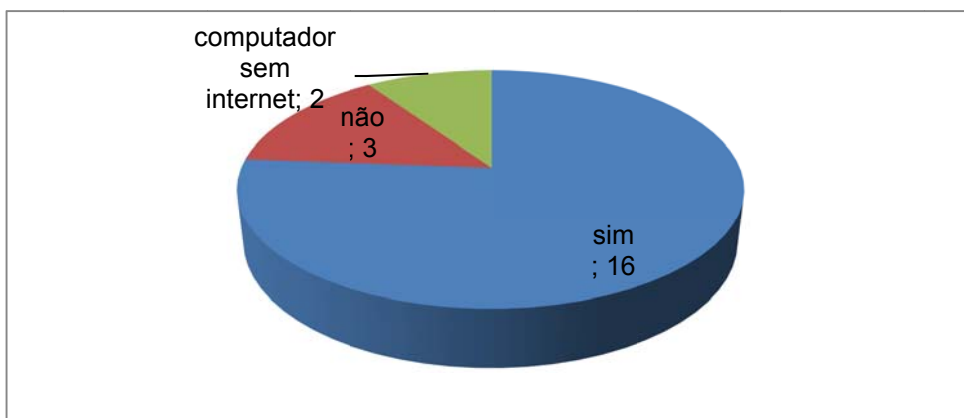


Gráfico 10 – Computador com internet em casa
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

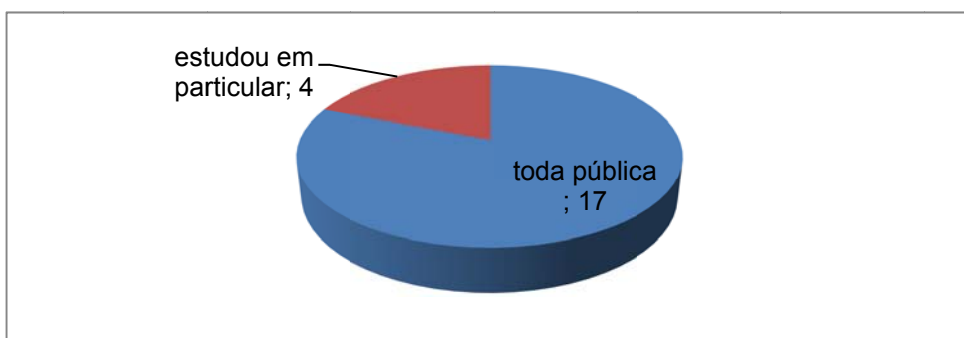


Gráfico 11 – Estudou em escola pública
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

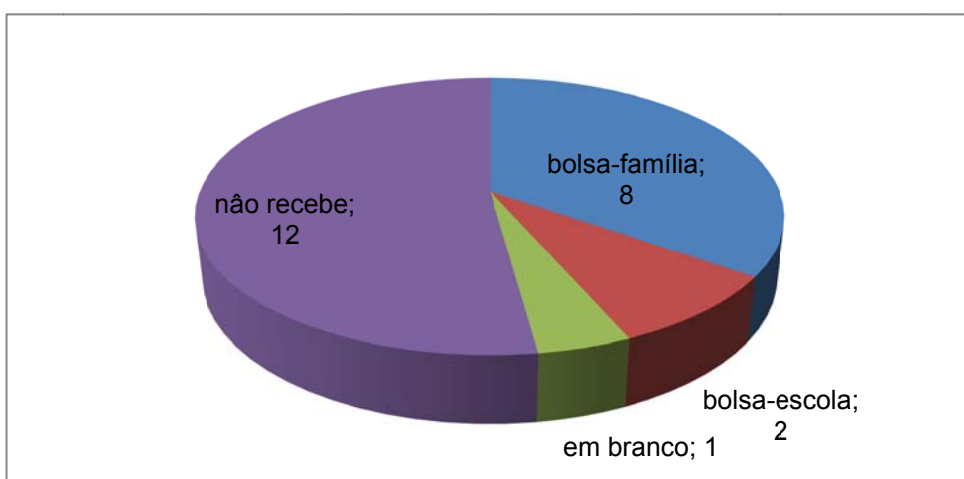


Gráfico 12 – Benefícios do governo
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

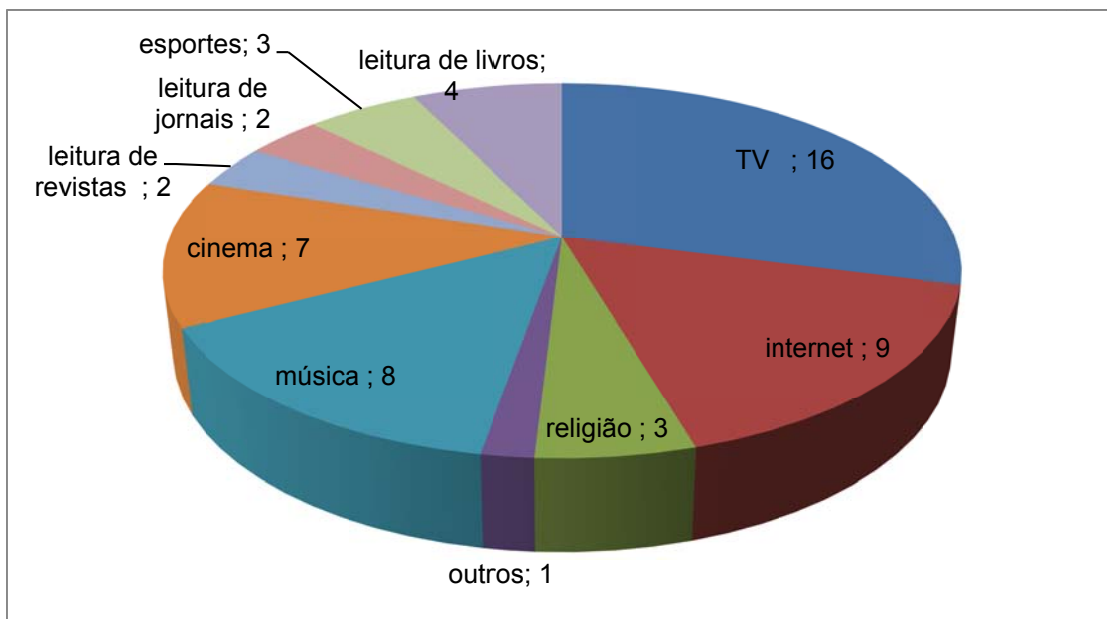


Gráfico 13 – Atividades de lazer

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.



Gráfico 14 – Patrimônio Cultural

Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.



Gráfico 15 – Patrimônio Cultural escolar
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

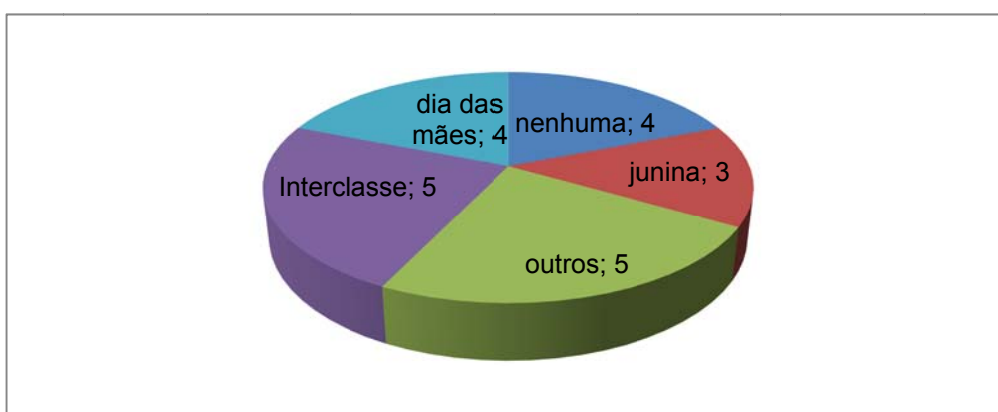


Gráfico 16 – Festividade preferida na escola
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.

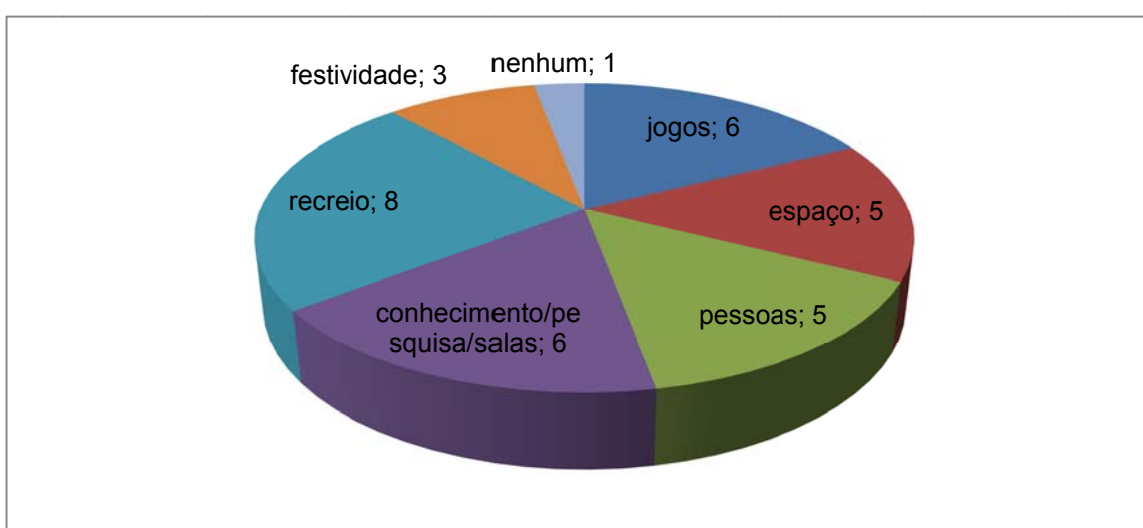


Gráfico 17 – O que mais gosto na escola
Fonte: Escola Estadual João Ribeiro Vilela, 2012.